



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

RUBIA FERNANDA QUINELATTO

**O PROGRAMA DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO:
EDUCAÇÃO OU REPRODUÇÃO DO APRENDIZADO DA RUA?**

São Carlos-SP

2015

RUBIA FERNANDA QUINELATTO

**O PROGRAMA DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO:
EDUCAÇÃO OU REPRODUÇÃO DO APRENDIZADO DA RUA?**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, área de concentração Processos de Ensino e Aprendizagem.

Orientador: Prof Dr João dos Reis Silva Júnior.

São Carlos-SP

2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Q7p Quinelatto, Rubia Fernanda
O Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto : educação ou reprodução do aprendizado da rua? / Rubia Fernanda Quinelatto. -- São Carlos : UFSCar, 2015.
235 p.

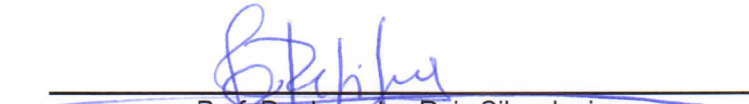
Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.


1. Jovens em conflito com a lei. 2. História oral. 3. Transcrição. 4. Relações de poder e formação humana. I. Título.

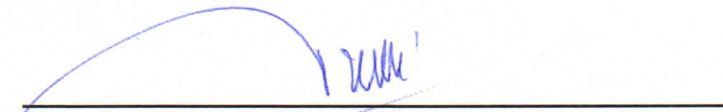



Folha de Aprovação

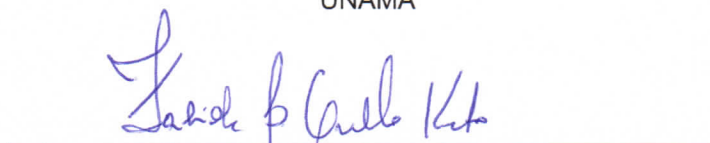
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Rubia Fernanda Quinelatto, realizada em 01/10/2015:


Prof. Dr. João dos Reis Silva Junior
UFSCar


Prof. Dr. Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa
UFSCar


Prof. Dr. Luiz Carlos Anelli Jr.
FATEC


Profa. Dra. Luciana Rodrigues Ferreira
UNAMA


Profa. Dra. Fabiola Bouth Grello Kato
UFPA

DEDICATÓRIA

Ao ar que respiro,

Valentina meu amor maior.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu guia.

Ao Prof Dr João dos Reis Silva Júnior, meu orientador, que lutou por mim e por este trabalho, fazendo com que eu não perdesse a fé na humanidade. Gratidão por tudo o que fez por mim.

Ao Prof Dr Alan Victor Pimenta de Almeida Pales Costa, que me ensinou a escrever, a pesquisar e a superar obstáculos, que apostou em meus sonhos e mostrou que poderia ir além. Gratidão eterna.

À Profa Dra Luciana Rodrigues Ferreira, Profa Dra Fabíola Kato e ao Prof Dr Luiz Carlos Anelli Júnior pela leitura cuidadosa, edificante e por comporem a banca do exame de defesa construtiva.

À Profa Dra Áurea Maria Guimarães pela acolhida sempre ética, carinhosa e esclarecedora.

Aos meus amados meninos e a toda equipe do Programa de Medidas Socioeducativas, que confiaram em meu trabalho e dispuseram a contar suas histórias de vida, em uma entrega sem limites.

Aos fraternos amigos que dedicaram seus tempos a mim. Felipe, Will, Paulinho, Ricardo, Sandra, Rosana, Sabrina, Ronaldo, Drica, Rodrigo, Cristian, Priscila e Joana... com vocês o caminho foi mais doce.

Aos meus pais, que estiveram presentes em cada letra destinada a esta tese, que lutaram à sua maneira, para que eu pudesse estudar. Gratidão pelo amor e exemplo de vida, que tanto me fortalece.

Ao meu amado irmão Carlos Eduardo por acreditar em mim, por ser a palavra de carinho e o abraço protetor quando mais preciso.

A minha amada filha Valentina, minha luz e o motivo do meu sorriso todos os dias, meu amor maior.

Este trabalho foi desenvolvido na Linha de Pesquisa “Estado, Política e Formação Humana” do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos.

RESUMO

QUINELATTO, RUBIA FERNANDA. O PROGRAMA DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS EM MEIO ABERTO: EDUCAÇÃO OU REPRODUÇÃO DO APRENDIZADO DA RUA? 2015. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2015.

A presente pesquisa focaliza o olhar para a trajetória de vida de jovens em conflito com a lei residentes no interior de São Paulo-SP, que apresentam novas formas de atuação de juventudes marginalizadas socialmente, questionando estereótipos que associam as ações juvenis à violência, à transgressão, às drogas, ao tráfico, à indiferença política, a suposta renúncia pelo espaço público e pela escola. O foco é dialogar com as histórias de vida dos jovens em conflito com a lei na busca por compreender o significado que eles atribuem ao ato transgressor e às práticas socioeducativas, buscando um primeiro entendimento dos resultados do programa. Trabalha-se com a hipótese que o programa mais reproduz a cultura da rua do que atinge os objetivos das práticas educativas. Para isso foram convidados 15 jovens colaboradores para entrevistas realizadas dentro do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto. As histórias de vida narradas pelos jovens em conflito com a lei foram inicialmente transcritas na íntegra, posteriormente textualizadas e, por fim, transcriadas. A fundamentação teórica metodológica pautou-se nos estudos de José Carlos Sebe Bom Meihy, coordenador do Núcleo de Estudos em História Oral da USP (NEHO). A pesquisa utilizou de modo articulado a História Oral de Vida e a História Oral Temática, destacando fragmentos das histórias dos jovens com o escopo de compreensão do contexto social a que estão inseridos, reprodução de processos educativos apreendidos, o lugar destinado à escola e ao trabalho informal. A transcrição permite inaugurar um processo de criação e de diálogo com vidas (re)criadas em narrativas. Assim, os principais teóricos priorizados foram Michel Maffesoli, Áurea Maria Guimarães, Marisa Feffermann, José Carlos Sebe Bom Meihy, Alberto Lins Caldas. Tais autores evidenciam a singularidade das histórias de vidas, que se interligam com outras histórias no interior de práticas, histórica e culturalmente elaboradas, propiciando novas formas de relação e formação humana. O aprendizado da rua destaca-se enquanto um caminho possível a estes jovens em decorrência das inúmeras falhas das políticas públicas.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens em Conflito com a Lei; História Oral; Transcrição; Relações de poder e Formação Humana.

ABSTRACT

QUINELATTO, RUBIA FERNANDA. THE EDUCATIONAL MEASURES PROGRAM OPEN MEDIA: EDUCATION OR REPRODUCTION OF THE STREET LEARNING? 2015 Thesis (Doctor of Education). São Paulo: Federal University of São Carlos, in 2015.

This research focuses on looking at the life trajectory of young people in conflict with the law living in the county of São Paulo-SP, which introduces new forms of performance of socially marginalized youths, questioning stereotypes that associate youth action violence, transgression, drugs, trafficking, political indifference, resignation for alleged public space and school. The focus is to dialogue with the stories of life young in conflict with the law in seeking to understand what meaning they attach to the offender act, for it were asked 15 young collaborators for interviews within the Program Socio-Educational measures in Half Open. The life stories narrated by young in conflict with the law were initially transcribed verbatim, and subsequently textualized finally transcriadas. The theoretical and methodological rationale was based on studies by José Carlos Sebe Bom Meihy, coordinator of the Center for Studies in Oral History of USP (NEHO). The research used pivotably Oral History of Life and thematic oral history, highlighting the stories of fragments young with the aim of understanding the social context to which they belong, playing educational processes seized, the place for the school and informal work. The transcreation allows inaugurate a process of creation and dialogue with lives (re)created in narratives. Thus, the main theorists were prioritized Michel Maffesoli, Áurea Maria Guimarães, Marisa Feffermann, José Carlos Sebe Bom Meihy, Alberto Lins Caldas. Such authors show the uniqueness of the stories of lives that are intertwined with other stories within practices, historically and culturally developed, providing new forms of relationship. The street learning stands out as a possible way for these young people as a result of numerous failures of public policies.

KEY-WORDS: Juveniles in Conflict with the Law; Oral History; Transcreation; Power relations and Human Formation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CF	Constituição Federal.
CMDCA	Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.
CONANDA	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.
CT	Conselho Tutelar.
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente.
FC	Fundação CASA Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
LA	Liberdade Assistida.
NAI	Núcleo de Atendimento ao Infrator.
P	Primário.
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.
R	Reincidente.
SDH/PR	Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.
SEMI	Semiliberdade.
SI	Sem Identificação.
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo.
SNPDCA	Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e Adolescente.
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos.
UNESP	Universidade Estadual Paulista.
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas.

VIJ

Vara da Infância e Juventude.

LISTA DE GÍRIAS

Alemão	Policial.
Back	Maconha.
Biqueira	Local de vendas de drogas.
Boca	Local de venda e/ou uso de drogas.
Branco	Pessoas com posses, que não pertencem à comunidade.
Contar b.o.	Contar o número de drogas possui.
Coro	Apanhar.
Corre	Atividades ilícitas como furto, roubo e suas derivações no mundo do crime.
Cunhada	Refere-se à esposa do chefe do tráfico.
Embaçar	Problemas.
Irmão	Termo para designar os amigos e parceiros do corre.
Lojinha	Local de vendas de drogas.
Nine	Cocaína.
Pião	Rolezinho, passeio, bagunça.
Pino	Cápsula plastificada, que dentro possui pó de cocaína.
Quebradas	Becos e locais escondidos dentro da comunidade.
Rocam	Viatura policial.
Rodar	Ser apreendido pela polícia.
Rolo	Problema, negociação.
Trampo	Trabalho.
Verdão	Maconha.
Verdinho	Maconha.
X9	Delator.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Porcentagem referente à faixa etária do perfil estudado.....	45
Gráfico 2	Porcentagem referente à infração realizada pelo perfil estudado.	46
Gráfico 3	Porcentagem referente aos tipos de caso do perfil estudado.	47
Gráfico 4	Porcentagem referente à procedência do perfil estudado.....	49
Gráfico 5	Porcentagem referente ao trabalho formalizado do perfil estudado... 	50
Gráfico 6	Porcentagem referente de jovens que estudam do perfil estudado.....	51
Gráfico 7	Porcentagem referente à naturalidade do perfil estudado.	54
Gráfico 8	Porcentagem referente ao gênero do perfil estudado.....	56

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Perfil de Jovens em Conflito com a Lei em Regime Semi Aberto	43
Tabela 2	Taxa de escolarização de crianças e jovens	54

Sumário

INTRODUÇÃO	18
PERCURSO METODOLÓGICO	27
CAPÍTULO I – PRIMEIROS ACHADOS DA PESQUISA	36
1.1 Contextualizando o espaço de pesquisa	37
Gráfico 1 - Porcentagem referente à faixa etária do perfil estudado.	40
Gráfico 2 - Porcentagem referente à infração realizada pelo perfil estudado.	41
Gráfico 3 - Porcentagem referente aos tipos de caso do perfil estudado.....	42
Gráfico 4 - Porcentagem referente à procedência do perfil estudado.	43
Gráfico 5 - Porcentagem referente ao trabalho formalizado do perfil estudado. ...	44
Gráfico 6 - Porcentagem referente de jovens que estudam do perfil estudado.	45
Gráfico 7 - Porcentagem referente à naturalidade do perfil estudado.....	47
Gráfico 8 - Porcentagem referente ao gênero do perfil estudado.	48
CAPÍTULO II – VIDAS CRUZADAS: HISTÓRIAS DE JOVENS AUTORES DE ATO INFRACIONAL	50
2.1 A Relação Escolar de Jovens em Conflito com a Lei e as Políticas Públicas	51
2.2 Jovens e o Tráfico de Drogas	66
2.3 À Margem da Imagem: mecanismos de violência e exclusão	75
2.4 Jovens em conflito com a lei, a política e o social.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS	108
1.1 Anexo – História Oral de Jovens Autores de Ato Infracional.....	109
Marcelo, 18 anos.	110
Sorriso, 16 anos.....	112

Bira, 17 anos.....	114
Marcola, 16 anos.....	117
Bárbara, 16 anos.....	119
Yuri, 17 anos.	123
Eduardo, 18 anos.	125
Luan, 18 anos.	128
Fabinho, 16 anos.	130
Mateus, 17 anos.....	137
Igor, 17 anos.	139
Rafa, 16 anos.	141
Leo, 17 anos.....	143
Yan, 16 anos.	145
Rogério, 17 anos.....	148
1.2 Anexo – Nossos Contos: A Transcrição	150
Diário de Campo.....	151
Marcelo.....	152
Diário de Campo.....	153
Sorriso.....	157
Diário de Campo.....	158
Bira.....	161
Diário de Campo.....	162
Marcola.....	167
Diário de Campo.....	168
Bárbara.....	171
Diário de Campo.....	172
Yuri.....	178
Diário de Campo.....	179
Eduardo.....	183
Diário de Campo.....	184
Luan.....	188
Diário de Campo.....	189
Fabinho.....	192
Diário de Campo.....	193

Mateus	196
Diário de Campo.....	197
Igor.....	200
Diário de Campo.....	201
Rafa.....	204
Diário de Campo.....	205
Léo.....	208
Diário de Campo.....	209
Yan.....	213
Diário de Campo.....	214
Rogério.....	217
Diário de Campo.....	218
APÊNDICES	222
APÊNDICE A	228
APÊNDICE B.....	228
APÊNDICE C	231
APÊNDICE D	233
APÊNDICE E.....	234
APÊNDICE F	234

Introdução

*Dia após dia nega-se às crianças o direito de ser crianças.
Os fatos, que zombam desse direito, ostentam seus ensinamentos na vida cotidiana. O mundo trata os meninos ricos como se fossem dinheiro, para que se acostumem a atuar como o dinheiro atua. O mundo trata os meninos pobres como se fossem lixo, para que se transformem em lixo. E os do meio, os que não são ricos nem pobres, conserva-os atados à mesa do televisor, para que aceitem desde cedo, como destino, a vida prisioneira.
Muita magia e muita sorte tem as crianças que conseguem ser crianças*

(GALEANO, 2011, p.11).

O primeiro contato com o tema de restrição de liberdade ocorreu no ano de 2006 por meio de um trabalho com jovens que realizavam um curso de Educação para o Trabalho, no qual era a educadora. O curso destinava-se a população com baixa renda e muitos jovens eram provenientes do Programa de Medidas Socioeducativas e do Núcleo de Atendimento Integrado (NAI) de município no interior de São Paulo-SP.

Ser educadora significou um desafio e uma singular experiência, possibilitando colocar em prática o aprendizado advindo da minha formação em Pedagogia pela (UNESP) Universidade Estadual Paulista – e na vivência de mundo, aliando teoria e prática dos processos de ensino e de aprendizagem, especialmente quando ocorrem em ambientes não escolares e de restrição de liberdade.

Assim sendo, ao delinear tal estudo, originou-se a proposta de compreender os significados atribuídos pelos jovens aos atos cometidos, por meio do procedimento metodológico da história oral de vida e história temática socioeducativa. A pesquisa emergiu de possibilidades advindas da investigação realizada no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, intitulada *Um Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto e suas Educadoras: saberes, sabores e desafios da tarefa educativa com jovens em conflito com a lei*. O foco de estudo da dissertação do curso de mestrado foi avaliar a possibilidade das medidas socioeducativas de produzirem uma cultura de inclusão social e responder aos seguintes questionamentos: a) como se construiu, na perspectiva das educadoras, a educação de jovens em cumprimento da medida de Liberdade Assistida; b) como as práticas sociais vivenciadas em ambientes não formais de educação podem contribuir com a (re)inserção social do jovem autor de ato infracional; c) conhecimento do espaço do Programa de Medidas Socioeducativa em Meio Aberto, Liberdade Assistida e Prestações de Serviços à Comunidade do município de São Carlos - SP e seu projeto pedagógico; d) compreensão das percepções das orientadoras de medidas socioeducativas acerca do espaço de trabalho e sobre a sua prática educativa.

As orientadoras de medidas socioeducativas, colaboradoras da pesquisa, revelaram aspectos importantes das ações desenvolvidas no Programa de Medidas Socioeducativa em Meio Aberto, Liberdade Assistida e Prestações de Serviços à Comunidade – São Carlos-SP. Ao longo das conversas as orientadoras sinalizaram a importância da presença dos familiares dos jovens inseridos ao Programa de Medidas Socioeducativas como um diferencial na sua recuperação. Da mesma forma apontaram

que a não adesão familiar nas intervenções propostas, ou a participação apenas na assinatura de documentos, podem gerar impactos negativos nestas relações. Ademais, relataram que os jovens, em tenra idade, possuem vivências singulares, tais como o uso e tráfico de drogas, abuso e violência proveniente de seus cuidadores e abandono da escola regular.

Inicialmente, partindo do discurso das orientadoras de medidas socioeducativas colaboradoras da pesquisa do curso de mestrado e paralelamente, na escrita da dissertação do mestrado, não foi contemplada a vez e a voz dos jovens em conflito com a lei, ou seja, as suas histórias e experiências de vida.

Neste sentido, ao mesmo tempo em que se define o objeto de estudo para a pesquisa do curso de doutorado, reflete-se acerca das possibilidades e pertinência da pesquisa *com* e a partir das histórias de vida dos jovens em conflito com a lei, pois é o que permite dar voz aos jovens infratores, desvelando suas trajetórias de vida, os processos educativos advindos da vivência da rua e, ao mesmo tempo, suas relações familiares, sociais, políticas, econômicas e educacionais.

Os aportes teóricos a serem explorados no presente estudo, na busca pela compreensão de jovens envolvidos em atos infracionais, visam esclarecer a sua possível relação com a história dos jovens, possibilitando um olhar que respeita e prioriza a condição de ser humano, que se torna autor de um ato como forma de denúncia da dor emocional que o acomete e que marca sua trajetória de vida. O foco é ampliar a compreensão ao apresentar e refletir um aprofundamento acerca do temário que não conduza à perspectiva de julgamentos morais, todavia que possibilite a ampliação de perspectivas a uma lógica que permita considerar a influência da história de vida, o aprendizado da rua e seu arranjo emocional na autoria do ato transgressivo do jovem em conflito com a lei.

Compreender as especificidades do trabalho destinado a jovens em conflito com a lei, os limites e possibilidades, os saberes de experiência, as percepções acerca da educação, os processos educativos de prevenção e as tentativas de parceria com a rede pública de ensino regular, com cursos profissionalizantes e com os familiares dos jovens, possibilita a compreensão de que a história de vida do jovem autor de ato infracional, atrelada as políticas públicas voltadas à Infância e Juventude no país, parece contribuir à reprodução de valores e comportamentos marginalizantes, é tido como fator de influência na íntima relação de alguns jovens com o mundo do crime.

Processos históricos, no contexto latino-americano, transmitidos por meio de processos educativos formam os indivíduos com diferentes intencionalidades. Logo, o que forma o ser humano não é resultado de história individual e privada somente, mas uma produção coletiva, gerada e transmitida pelo meio social. Ressalto que não se trata de afirmar que os jovens que cumprem medida socioeducativa são vítimas do sistema social imposto ou, até mesmo torná-los tiranos, compactuando com a visão determinista de que estão fadados ao fracasso e/ou ao crime.

Partindo da inquietude, aventa-se a hipótese de que as histórias de vida estão intimamente ligadas à autoria do ato transgressor, compelindo os jovens a buscar alternativas de sobrevivência na reprodução do aprendizado da rua e importância social dentro do espaço em que circulam é que este estudo nasce e toma forma.

Dessa forma, o estudo tem por objetivo geral compreender os significados atribuídos pelos jovens em conflito com a lei aos atos cometidos. Para tal, os objetivos específicos propostos foram:

- Identificar as condições familiares, sociais e culturais presentes na vida de jovens em conflito com a lei, construindo um diagnóstico do contexto;
- Analisar a trajetória das histórias de vida de jovens autores de ato infracional e os programas sociais a estes jovens destinados;
- Identificar e compreender os processos educativos desencadeados ao longo da vida dos jovens, considerando o contexto sociocultural, a dinâmica familiar e os estigmas que apresentam devido à vivência infracional do jovem.

Para tanto, o estudo norteou-se pela seguinte questão de pesquisa: Os programas de inclusão social são eficazes nessa dinâmica ou a cultura de sua história de vida prevalece?

Pesquisar processos educativos presentes na história de vida de jovens autores de ato infracional e sua possível relação com o ato transgressor pode trazer contribuições significativas para a área da Educação, permitindo apontar novas perspectivas acerca dos trabalhos desenvolvidos em espaços de restrição de liberdade, bem como o alcance e os limites dos processos educacionais, formal ou não.

Almeja-se contribuir para um estudo aprofundado do tema que contribua na criação e implementação de projetos e iniciativas direcionadas aos indivíduos socialmente marginalizados, mais especificamente a jovens transgressores.

Os sujeitos que passam pelo aparelho judiciário – sejam crianças, jovens ou adultos – têm suas vidas marcadas por instituições punitivas. O cotidiano dessas

organizações é paradoxal, uma vez que existem para a recuperação e reintegração social do indivíduo, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), mas, no entanto, o que se tem observado na história penal é a reincidência delituosa dos sujeitos a elas submetidos.

Neste sentido, com base nos estudos de Maffesoli (2000, 2001, 2010, 2011), Feffermann (2006), Freire (2005), Fiori (1991), Meihy (1991, 1994) Caldas (1999) encontram-se caminhos e possibilidades de propostas de melhorias na vida de crianças, jovens e adultos, por meio da reflexão crítica da realidade em que estão inseridos e as experiências advindas da vivência de mundo, possibilitadas pelas histórias de vidas.

Ao abordar história oral de vidas de jovens situados em espaços de restrição de liberdade, insere-se ao contexto que entrelaça contradições e semelhanças, de dominação e opressão, onde se almeja o desafio da educação de qualidade para todos, fundamentada na libertação dos oprimidos, mas que ainda se encontra aprisionada a interesses de grupos dominantes. Ao investigar o contexto de determinada população, realiza-se o que Freire (2005) denomina de investigação do *universo temático*, identificando os *temas geradores* que deverão ser contemplados no diálogo entre os pares (FREIRE, 2005).

Para melhor compreender as relações existentes entre histórias de vidas e a possível relação com a autoria de atos transgressores, apresenta-se a seguir, alguns estudos na área, que embasam este trabalho, a saber: MARZOCHI, 2014; ROVAI, 2012; TOMASI, 2011; GUIMARÃES, 2010; NARDI, 2010; PAULA, 2004.

Todos possuem desejos, como também a dificuldade de lidar com a frustração de não poder alcançá-los. Muitos recorrem ao mundo do crime para atender as suas necessidades e as de suas famílias, com vistas a conseguir um estilo de vida baseado naquilo que a sociedade denomina de conforto. Por sua vez, Fiori (1991) sinaliza que “O mundo do homem, como humano, é sempre uma constelação de valores, em cuja figura o homem vai traçando sua própria imagem. Por isso, todas as suas atividades, carregadas de significação axiológica, entretencem seu mundo – a cultura” (p. 85).

Brandão (2005) pondera que “Quase toda a propaganda do mundo do mercado [...] insiste em nos sugerir grandes voos “de mentira”, ao mesmo tempo em que nos puxa sempre para baixo, incentivando o desejo de qualificarmos a vida pela conquista do que pode ser comprado [...]” (p.38). Como nos esclarece o autor, o significado da vida de qualidade não é o mesmo para todos, há diversas interpretações sobre pessoas e

lugares que agradam e acolhem. Entretanto a qualidade de vida é prevista pelas políticas públicas e deveria ser assegurada a todos, algo que não é observado.

Brandão (2005) afirma que, "Bem antes de ser um direito de alguns sobre a privação de outros, como uma espécie de contra-direito fundado em princípios de desigualdade, a qualidade de vida é um dever [...] socialmente iguais e igualadas em seus direitos essenciais" (p. 37-38).

Diante deste contexto pode-se afirmar que as relações dialógicas se constituem em uma prática social possível de ser desenvolvida no interior dos Programas de Medidas Socioeducativas e desencadeiam processos educativos que visam fortalecer os jovens em conflito com a lei no cumprimento das medidas e no retorno ao convívio social, desde que fundamentada em princípios da educação dialógica, como nos propõe Freire (1983; 2005).

Circunscrevendo-se às relações estabelecidas entre jovens e a autoria de ato infracional apresenta-se a seguir, os caminhos percorridos ao longo da construção deste estudo com base na hipótese, na questão de pesquisa, nos objetivos e nos referenciais teóricos utilizados. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que buscou dar concretude à hipótese inicial, utilizando-se da história oral de vida e história oral temática, registros da observação do contexto em que jovens autores de ato infracional estão inseridos são retratados em diários de campo, induzindo a nova produção de conhecimento.

Com foco nos objetivos propostos e na questão de pesquisa, o presente trabalho está assim organizado:

Na Introdução apresentam-se os objetivos, justificativa e fundamentação teórica, hipótese, a base teórico-metodológica e o percurso metodológico, os procedimentos e instrumentos adotados. Trata-se de reflexões acerca do referencial teórico, dos princípios metodológicos frente ao temário e ao cenário da pesquisa de campo e seus participantes. São os primeiros diálogos que visam compreender as relações possíveis entre a história de vida de jovens e a possível relação com a autoria de atos transgressivos.

No primeiro capítulo apresenta-se o espaço de pesquisa empírica e os primeiros dados coletados. São realizadas também considerações acerca dos marcos legais, entre eles, o SINASE – Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – e os segmentos

de apoio como as Secretarias municipais, o Conselho tutelar, o CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o Poder Judiciário – Vara da Infância e Juventude, Ministério Público, o NAI – Núcleo de Atendimento Integrado, organizações não governamentais e outros programas na área de esportes, lazer e iniciação profissional. Concomitante apresenta-se um estudo do perfil dos 110 jovens inseridos no Programa de Medidas Socioeducativas no referido período da pesquisa, no que tange as características do perfil estudado, a saber: faixa etária, infração realizada, tipos de caso, procedência, trabalho formalizado, estudo formalizado, naturalidade e gênero. É um recorte de dados quantitativos e qualitativos do perfil de atendimento socioeducativo no interior do Estado de São Paulo, que tem por objetivo compreender as histórias de vida de jovens na sua relação com o ato transgressor, na busca por desvelar as dimensões e os questionamentos do aprofundamento da realidade estudada, considerando o contexto em que se situa o objeto. Delimita-se o processo de seleção dos sujeitos de pesquisa e os procedimentos de base empírica. Apresenta-se o Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, demonstrando seus limites para viabilizar uma ação social de educação de jovens em regime meio aberto dada a carência de recursos financeiros e políticas públicas eficazes. A caracterização dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas visa esclarecer o perfil delimitado dos 15 (quinze) participantes da pesquisa.

Com vistas a aprofundar o olhar, no segundo capítulo apresenta-se a análise dos dados empíricos. Estão explicitadas as aproximações com o objeto de estudo, fase em que se enfatiza a singularidade do objeto de estudo e o questionamento: educação ou reprodução do aprendizado da rua?

Os dados coletados são analisados à luz da literatura, seguindo os objetivos do estudo e com foco nos dados que emergiram a partir das histórias de vidas de jovens em cumprimento de medida socioeducativa. São reflexões e possibilidades frente à análise dos achados, enfatizando-se os conteúdos que melhor explicitavam a questão de pesquisa.

As quatro categorias de análise emergidas são: 1) A relação escolar de jovens em conflito com a lei e as políticas públicas; 2) Jovens e o tráfico de drogas; 3) À margem da imagem: mecanismos de violência e exclusão; 4) Jovens em conflito com a lei, a política e o social. Ainda que os caminhos transcorridos durante a análise dos dados sejam produtivos para a discussão da temática escolhida, os mesmos relatos podem

trazer outras leituras, propondo-se ao mesmo tempo como fonte de outras questões a serem pesquisadas, conforme discutido nas considerações finais deste trabalho.

Nas considerações finais, são realizadas reflexões sobre a relevância da história de vida de jovens na autoria de atos infracionais, bem como a reprodução do aprendizado da rua. Há discussão da confirmação da hipótese inicial de que o aprendizado da rua torna-se um caminho possível à vida de jovens sem maiores expectativas.

Percurso Metodológico

*Se alguém colhe um grande ramallete de narrativas
orais, tem pouca coisa nas mãos.*

*Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou
guardada numa gaveta, como coisa, mas existe para
transformar a cidade onde ela floresceu.*

(ECLÉA BOSI, 1995).

Como pressuposto metodológico elegeu-se a realização de um estudo qualitativo, viabilizado por meio da pesquisa de história oral de vida e história oral temática, cujo conjunto de procedimentos orientam todas as etapas do trabalho. Serão apresentados e discutidos os textos resultantes do processo dialógico de história oral realizados com 15 (quinze) jovens que se encontram em julgamento judicial, responsabilizados por atos transgressivos.

De acordo com a Minayo (1993) a pesquisa qualitativa, através da indagação e foco na descoberta da realidade “É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 1993, p.23).

A autora esclarece, ainda, que na proposta de desenvolver um estudo investigativo e no desenrolar dos critérios das etapas de uma pesquisa, objetiva-se reconhecer a conveniência do espaço de pesquisa, bem como a utilidade dos métodos disponíveis, face às informações necessárias para atender os objetivos gerais e específicos do trabalho (MINAYO, 1993).

No dizer de Gamboa (2007), mais que a abordagem do método, a abordagem epistemológica poderá esclarecer as relações entre técnicas, métodos, paradigmas científicos, pressupostos gnosiológicos e ontológicos, todos eles presentes na pesquisa científica. O importante – mais que as diversas formas de abordagem – é a coerência entre o gnosiológico, ontológico, epistemológico e metodológico.

Para o autor, o gnosiológico vai ao encontro daquilo que o pesquisador compreende como real e concreto no processo da pesquisa científica. O ontológico corresponde à concepção de homem que o pesquisador possui; o epistemológico refere-se aos critérios de cientificidade e validez; por fim, o metodológico demonstra os passos, os procedimentos utilizados para identificar o objeto estudado.

Um excelente diagnóstico do problema oferece, em si mesmo, melhores recursos de implementação de ações que superem ou transformem sua situação. Muitas vezes, são imprevisíveis os desdobramentos e o potencial heurístico de um bom diagnóstico. A pertinência e a eficiência das possíveis ações sobre um campo problemático dependem de uma rigorosa pesquisa ou de um cuidadoso diagnóstico sobre essa situação. Em outras palavras, uma pesquisa qualitativamente bem elaborada oferece melhores condições e conhecimentos mais seguros, os quais servirão de base para planos de ação mais eficientes (GAMBOA, 2007, p.101).

Na busca pela metodologia que seja adequada aos objetivos da proposta de pesquisa, considera-se a necessidade de se trabalhar com mais de um instrumental para os procedimentos metodológicos. Para tal, foi realizado inicialmente, um levantamento de estudos referentes ao tema junto ao Banco de Dados de Teses e Dissertações da CAPES, Portal da Anped e Biblioteca Digital da UNICAMP, visto que as leituras subsidiarão o desenvolvimento deste projeto, unida à pesquisa de campo, que acompanhou jovens autores de ato infracional, no Programa de Medidas Socioeducativas localizado em município no interior do estado de São Paulo, registrando os dados em Diários de Campo, a partir da utilização metodológica combinada da técnica de depoimentos de história oral de vida e história oral temática.

Vale destacar que para fins de estudo e escolha metodológica, foi realizada a leitura da metodologia História Oral de Vida na perspectiva de outros autores, como Foucault (2006); Joutard (1998); Le Goff (1996). Neste trabalho de revisão bibliográfica metodológica compreende-se que há pouco consenso entre os pesquisadores que optam pela História Oral, possibilitando um caminho frutífero e em constantes transformações, sem estagnar.

Le Goff (1996) voltou-se à valorização das fontes memorialísticas, ao tratar da história oral. A memória e o passado são, para o autor, o principal objeto da história e motores para seu desenvolvimento. A memória, indispensável à construção da história oral, integra-se à história geral. Entretanto a fonte oral pode ser confrontada com outros tipos de documentos e analisada não apenas como uma complementação do documento escrito nos estudos.

Joutard (1998) apresenta a história oral como uma prática que possui como único intuito o de utilizar a entrevista como complemento, e não objeto principal, a outros documentos e que necessita apenas dos personagens principais. Já a história oral antropológica, que se desenvolveu depois, tem o objetivo voltado para os temas presentes nas experiências nacionalistas dos países.

Ao estudar a *hupomnêmata* de Foucault (2006) compreende-se que pressupõe um livro da vida, configurando um material oriundo da meditação, escrita e fala consigo e com os outros. Não configurando um livro de memórias, para além daquilo que está inscrito na alma, com o objetivo da constituição de si.

Por sua vez, Meihy e Holanda (2013, p.81-87) apontam os diferentes enfoques e perspectivas que a História Oral permite. Os autores conceituam a

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2013, p. 15).

Ainda segundo Meihy e Holanda (2013), a história oral de vida é possibilitada por meio de entrevistas livres, ausente de questionário formal e/ou perguntas com viés indutivo. A metodologia da história oral de vida prevê o uso de gravação de áudio como procedimento de garantia do verbalizado no momento. Todavia há muitos aspectos que são incorporados à oralidade, que nem sempre são captados nas gravações, como as expressões faciais, gestos, lágrimas, silêncios, pausas, olhares, ironia, sorrisos.

De acordo com Guimarães (2010, p.26),

Nos anos de 1918 a 1920, a Escola de Sociologia de Chicago já desenvolvia as chamadas histórias de vida, mas foi depois da Segunda Grande Guerra, em 1948, que surgiram os critérios que passaram a diferenciar a história oral das demais formas consagradas de entrevista. Allan Nevins, professor da Universidade de Colúmbia, Nova York, oficializou o termo “história oral”, que passou a indicar as novas posturas diante da formulação das entrevistas. A história oral moderna passou a ser entendida como um “sistema de circulação” do qual participavam emissores (contadores das histórias, narradores de histórias cotidianas), mediadores (promotores dos encontros, tais como radialistas, administradores com seus maquinários) e receptores (público consumidor dos produtos das entrevistas). O sucesso da história oral se deve aos avanços da eletrônica, que possibilitaram o registro de experiências, principalmente de repercussão pública. Meihy credita à história oral um caráter revolucionário, uma vez que se tornou a “razão de ser de fatos locais de interesses coletivos”. No Brasil, o seu avanço ocorreu depois de 1983, passado o período da ditadura militar, uma vez que durante a ditadura a gravação de entrevistas não angariou adeptos. Em sua trajetória, Meihy também faz menção ao fato de o meio acadêmico recusar-se a incluir em suas pesquisas outros grupos capazes de produzir conhecimento.

Por sua vez, a história oral de vida é “[...] sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.17). Dessa forma, nesta metodologia, o colaborador tem papel primordial, pois é quem opta o que irá abordar acerca de suas vivências e lembranças,

Porque as histórias de vida são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da história oral de vida. No caso da história oral temática, contudo, a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis maiores objetividades. [...] Uma das práticas decisivas na diferenciação entre história oral de vida e história oral temática é a existência de um questionário (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.35).

Assim sendo, a pesquisa faz uso de modo compartilhado da história oral de vida e da história oral temática, no qual utilizará os testemunhos de jovens autores de atos transgressivos, que estejam sob julgamento judicial e que frequentem o Programa de Medidas Socioeducativas, localizado no município de São Carlos, interior de São Paulo.

O caráter documental possibilitado pela entrevista em história oral temática origina a formulação de documentos “É exatamente na importância delegada à elaboração do texto como documento que a História Oral difere de outros trabalhos ligados a entrevistas” (MEIHY, 1994, p. 55).

Assim sendo, o uso da história oral como procedimento metodológico implica em estabelecer seis etapas de realização, a saber: 1) elaboração de um projeto de pesquisa, no qual será definido os critérios de procedimentos; 2) gravação do diálogo, enquanto processo de cristalização de identidades e memórias; 3) confecção do documento escrito, precisando o tipo de transcrição (transcrição fiel ou transcrição) e suas categorias; 4) análise; 5) arquivamento do material em contrapartida ao descarte das gravações; 6) devolução social enquanto compromisso comunitário.

Assim, Meihy (1991) apresenta as três fases pela qual a captação das histórias passa, são elas: a transcrição, a textualização e a transcrição. A **transcrição** nada mais é que a transposição da gravação do áudio em texto, mantendo a fidedignidade de cada palavra, gíria, pausa, de exato acordo com a gravação. A **textualização** é entendida por Meihy (1991, p.30) como “[...] anulação da voz do entrevistador, dando espaço a fala do narrador. [...] Consta desta tarefa a reorganização do discurso, obedecendo à estruturação requerida para o texto escrito. [...] fazê-la compreensível, literalmente agradável”. Para Caldas (1999, p.103) a **transcrição** recria a atmosfera da entrevista, possibilitando vir à tona as emoções daquele momento, é “literal, rigorosa, passando-se para o papel tudo o que foi dito, inclusive todos os erros, repetições, vazios e silêncios [...]”. A transcrição é a fase final do processo metodológico proposto por Meihy

(2013), que permite transformar o texto oriundo de lembranças soltas e, muitas vezes confuso, em uma malha ficcional, que busca garantir a estrutura real do mesmo, apesar de possuir uma força de modificação que atua e reordena, possibilitando novos contextos, permitindo o recorte e a reconstrução. Tal procedimento permite ao pesquisador ser seu colaborador da pesquisa por alguns momentos e transpor no texto sentimentos, olhares, pausas, que apareceram na entrevista, mas que não foram registrados pela gravação do áudio. No caso da pesquisa com jovens em conflito com a lei, a transcrição vai além, pois o assegura de sua identidade real, que por serem adolescentes, devem ser mantidos em sigilo de acordo com as medidas protetivas. De acordo com Meihy (1991) a transcrição é concebida como,

[...] a fase final do trabalho dos discursos. [...] Teatralizando o que foi dito, recriando-se a atmosfera da entrevista, procura-se trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato, e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra. [...] tem como fito trazer ao leitor a aura do momento da gravação. [...] O fazer do novo texto permite que se pense a entrevista como algo ficcional e, sem constrangimento, se aceita esta condição no lugar de uma cientificidade que seria mais postiça. Com isso valoriza-se a narrativa enquanto um elemento comunicativo preñado de sugestões. [...] Neste procedimento uma atitude se torna vital: a legitimação das entrevistas por parte dos depoentes (MEIHY, 1991, p. 30-31).

Assim estruturado, a transcrição não deve ser concebida como uma simples modificação ou a fase final do discurso, todavia concepção e visão de mundo, não simplesmente do ato de se criar um texto, mas sobre o fundamento da própria realidade e de como podemos compreendê-la e modificá-la.

A estrutura do processo metodológico – do projeto inicial, perpassando pelas entrevistas, com a proposta de produzir o texto, até a formação do texto “final” – compõem a transcrição hermenêutica, que não deve ser interpretada como simples modificação da fase final dos trabalhos dos discursos, todavia a concepção e visão de mundo do fundamento da própria realidade, portanto parte inextirpável da própria estrutura interpretativa.

Concomitante o conceito de transcrição instaura um estranhamento ao pressupor a tradicional distância entre o sujeito e o objeto, contudo todo objeto é criação do ser social, não podendo ser concebido separado desse fundamento. Assim, o conceito da transcrição traduz uma relação dicotômica entre sujeito-objeto, eu-tu, oral-escrito, documento-pesquisador. A dicotomia, no processo de transcrição, faz parte da

instauração científica e cede espaço a uma ficcionalidade, permitindo o indefinido como condição de existência na relação interpessoal.

Neste contexto, concordo com Meihy e Holanda (2013) ao afirmar que a entrevista da história oral

[...] é sempre um processo dialógico, isto é, que demanda a existência de pelo menos duas pessoas em diálogo, porém não se trata de uma conversa e sim de relação programada, atenta às gravações. Assim, os contatos humanos, premeditados, se colocam como imprescindíveis à elaboração da história oral. [...] O contato direto, de pessoa a pessoa, interfere de maneira absoluta nas formas de exposição das narrações (MEIHY e HOLANDA, 2013, p.19).

Neste sentido, concebe-se o pressuposto metodológico da história oral como uma prática complexa, que integra etapas a serem cumpridas sequencialmente, mediadas com a presença de meios eletrônicos (gravador e filmadora).

Vale ressaltar que “[...] as dificuldades de trabalho com números muito grandes de entrevistas, a história oral, comumente, tem sido explorada em seu aspecto mais diminuto” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p. 27). Dessa maneira, a pesquisa terá como um de seus critérios o número de 15 (quinze) colaboradores, que articularão a construção de suas identidades no decorrer da expressão de suas memórias.

A oralidade dá forma à realidade narrada, traz à tona fatos e situações importantes, desvelando, por sua vez, o papel da história oral e seu impacto à sociedade. “Por meio da história oral, por exemplo, movimentos de minorias culturais e discriminadas - principalmente de mulheres, índios, homossexuais, negros, desempregados [...] tem encontrado espaço para validar suas experiências [...]” (MEIHY; HOLANDA, 2013, p.26-27).

Ainda sob a perspectiva de Meihy e Holanda (2013) há três conceitos tidos como pressupostos à pesquisa em história oral, à saber: *a colônia*, *a comunidade de destino* e *a rede*. Cada um desses três conceitos, de acordo com os autores, visa estabelecer um grupo que se correlaciona por uma trajetória comum, se formando enquanto história de vida, por meio das narrativas aparadas por questionamentos de “corte”, que objetiva assegurar alguma unidade, reforçando o sentimento de pertencimento de uma comunidade.

A *colônia*, comunidade ampla, é o primeiro fragmento arbitrário da comunidade de destino, que tem como finalidade proceder à divisão, entretanto há diferentes formas

de divisão, “No caso dos estados [brasileiros], prevalece a resistência cultural” (MEIHY e HOLANDA, 2013, p.53).

De acordo com Meihy (2005) a colônia pode ser compreendida pelos padrões gerais da sua comunidade de destino, ou seja, as semelhanças que unem as trajetórias dos sujeitos colaboradores(a) da pesquisa. Para compreender a *colônia* neste estudo, é importante esclarecer que são jovens cumprem medidas socioeducativas no interior do estado de São Paulo. De acordo com a tabela do perfil e os relatos registrados em Diários de Campo, entende-se que os jovens atendidos no Programa de Medidas Socioeducativas, são em sua maioria negros, de baixa renda e com relatos de abandono familiar.

A *comunidade de destino* revela o motivo central que identifica a reunião de pessoas com determinantes características afins, é a sustentação que marca a união das pessoas, é o todo demonstrado pelas afinidades que enlaçam o ser humano por meio de dramas em comum, são “[...] episódios que alteram no porvir o comportamento pretérito [...]” (MEIHY, 2005, p.51). Nesta tese, a *comunidade de destino* é compreendida pelos jovens em cumprimento de medida socioeducativa, uma vez que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

E, por fim, a *rede* é concebida como “[...] subdivisão da ‘colônia’, portanto a menor parcela de uma ‘comunidade de destino’” (MEIHY, 2005, p.54), são as diferenças internas existentes aos diversos grupos. Na subdivisão da *colônia*, para estabelecimento da *rede*, compreendem-se os seguintes critérios de escolha dos jovens, a saber: a) jovens que estejam em cumprimento de medida socioeducativa; b) desejo de participar como colaborador da pesquisa; c) autorização dos pais e/ou responsáveis, uma vez que se trata de jovens menores de idade; d) jovens que adentraram ao Programa de Medidas Socioeducativas a partir de janeiro de 2014, visto que a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética se deu em dezembro de 2013.

Nesta medida, a metodologia escolhida concebe um trabalho da memória análogo à criação de um texto ficcional, por sua vez trata-se de um “[...] processo narrativo, texto em movimento” (CALDAS, 1999, p.61).

Assim, a metodologia da História Oral de vida pressupõe que a memória não é algo acessível de maneira pronta e organizada, pelo contrário, é tecida paulatinamente *pelo e no* convívio, com a troca de vivências, entre pesquisador e colaboradores. Dessa forma, denota-se a importância em valer-se dos conceitos de comunidade de destino, colônia e rede para nortear a pesquisa e não como delimitadores de fronteiras sociais.

Delimitar uma temática, um eixo temporal e/ou um problema como instigador da memória e da fala não significa retirar o direito de voz dos colaboradores da pesquisa, pelo contrário, é precisamente conceber a oportunidade de narrar livremente sobre um tema considerado importante em sua vida, que permite aos sujeitos da pesquisa a liberdade da escolha, de como e onde deseja começar, o que opta expor frente a suas lembranças e os significados que atribui aos mesmos. Dessa forma, por sua natureza metodológica abre-se um leque de oportunidades que visa perceber a amplitude da memória individual enquanto constituinte da memória coletiva, representada pelo entrelaçamento dos discursos oficiais, historiográficos, grupais, institucionais, singulares.

Os relatos de vida, após sistematização e análise compõe a tese, pautando-se nos estudos aprofundados do referencial teórico da linha de pesquisa Estado, Política e Formação Humana acerca de jovens autores de ato infracional, suas histórias de vida, as possíveis relações com os atos transgressivos e direitos de seguridade social.

A metodologia da História Oral de Vida, proposta por Meihy (1991, 1994, 2005), Meihy e Holanda (2013) e Caldas (1999) é “[...] o retrato oficial do depoente. [...] a ‘verdade’ está na versão oferecida pelo narrador, que é soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas” (MEIHY, 2005, p. 149). Os depoimentos quando materializado, a partir de um documento escrito, por sua vez assume a objetividade de qualquer outro documento de análise historiográfica. Todavia as interpretações decorrentes devem considerar a dimensão subjetiva que emana de sua constituição originária. Dessa forma, as memórias são compreendidas nesta tese como

[...] lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetos e materiais. As memórias podem ser individuais, sociais ou coletivas. A independência delas se explica pela capacidade de individualização. No entanto, é preciso deixar claro que a memória individual para a história oral, só tem sentido em função de sua inscrição no conjunto social das demais memórias. [...] Com isso, afirma-se que toda memória tem índices sociais que a justificam. É sobre a relação entre o ser individual e o mundo que se organizam as lembranças e os processos que a explicam ou não o significado do repertório de lembranças armazenadas (MEIHY, 2005, p.63).

Na perspectiva da história oral de vida a memória representa um processo de identificação do sujeito com o meio social, em uma interdependência com as

características individuais, situações de traumas, traços biológicos, que marcam diretamente as narrativas.

Compreende-se no contexto apresentado a complexidade do desenvolvimento desta tese, que as escolhas para expor em narrativas a vida de jovens em conflito com a lei integra-se a aspectos advindos do contexto que interligam vida pessoal de cada sujeito de pesquisa. Por isso tal reflexão torna-se complexa, uma vez que pauta-se em transformar vivências e tramas em histórias organizadas cronologicamente.

CAPÍTULO I – PRIMEIROS ACHADOS DA PESQUISA

*[...] Chega suado e veloz do batente
Traz sempre um presente pra me encabular
Tanta corrente de ouro, seu moço
Que baja pescoço pra enfiar*

*Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro
Chave, caderneta, terço e patuá
Um lenço e uma penca de documentos
Pra finalmente eu me identificar
Olha aí!*

(Chico Buarque – O meu guri - 1994).

1.1 Contextualizando o espaço de pesquisa

[...] ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão.
(FOUCAULT, 1987, p. 25).

No mês de janeiro de 2014 iniciou-se a coleta de dados junto ao Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Liberdade Assistida e Prestação de Serviços à Comunidade, visto que no mês anterior foi divulgado o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

O espaço do Programa de Medidas Socioeducativas encontra-se no interior do estado de São Paulo, em um município de aproximadamente 220 mil habitantes¹, sendo dirigido por uma entidade assistencial há 16 anos, por meio de um convênio com a Fundação Casa e Prefeitura Municipal. A rede é composta por diversos segmentos, entre eles, as Secretarias municipais, Conselho tutelar, CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Poder Judiciário – Vara da Infância e Juventude, Ministério Público, NAI – Núcleo de Atendimento Integrado, organizações não governamentais e outros programas na área de esportes, lazer e iniciação profissional.

O Programa de Medidas Socioeducativas realiza atendimento de jovens de ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 18 anos e, excepcionalmente, até os 21 anos. Para tal, há uma equipe interdisciplinar que envolve diferentes áreas de trabalho, integrando-as na discussão e direcionamento dos atendimentos, tais como: serviço social, terapia ocupacional, pedagogia, psicologia, produção audiovisual e educação física.

Neste contexto, para além do cumprimento da medida socioeducativa, o jovem entra em contato com o aprendizado acerca da cidadania é incentivado a refletir sobre temáticas que envolvam o cuidado com o outro e consigo, como o respeito à sua própria fase de desenvolvimento. Também são discutidas as suas relações de afeto, amizade, além de questões referentes à higiene.

Há discussões grupais, como também em atendimentos individuais com os objetivos de preservar a história e as características de cada um, priorizando a vida, muitas vezes, focada tão somente em atos infracionais. Para tal, utiliza-se de recursos dinâmicos que permeiam e interagem com o universo lúdico da criança e do jovem, valorizando a autoestima e incentivando a compreensão de si, de modo que as emoções possam ser compreendidas e, conseqüentemente, haja a reabilitação.

Considerando o amplo espaço e o alto número de jovens inseridos no Programa de Medidas Socioeducativas estabeleceram-se os seguintes critérios para esta pesquisa e

¹ Dados do IBGE (2015) - <http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=354890>

coleta de dados, a saber: a) ser um jovem a que foi atribuído uma medida socioeducativa; b) estar frequentando o Programa de Medidas Socioeducativas; c) estar disposto a participar da pesquisa; d) autorização dos responsáveis para a participação da pesquisa e e) jovens que adentraram ao Programa no mês de janeiro² de 2014, com medida de 6 meses e, portanto, permanecem até junho de 2014.

Como a maioria dos jovens recebem medida socioeducativa de 6 (seis) meses, esse foi o período determinado para o acompanhamento do grupo e realização da coleta de dados.

Assim sendo, a fim de contemplar os critérios estabelecidos optou-se pelo recorte em estudar os jovens que adentraram ao Programa a partir de janeiro de 2014 e que receberam medida socioeducativa de 6 (seis) meses. Dessa forma, um total de 110 jovens adentrou ao Programa no referido período, tendo como as principais infrações: o tráfico de drogas, o furto, o roubo e o porte de drogas.

A **tabela 1³** que trata do **Perfil de Jovens em Conflito com a Lei em Regime Semi Aberto** (Apêndice A) apresenta o perfil dos jovens em conflito com a lei que se encontravam em cumprimento de medida socioeducativa no período de janeiro a julho de 2014.

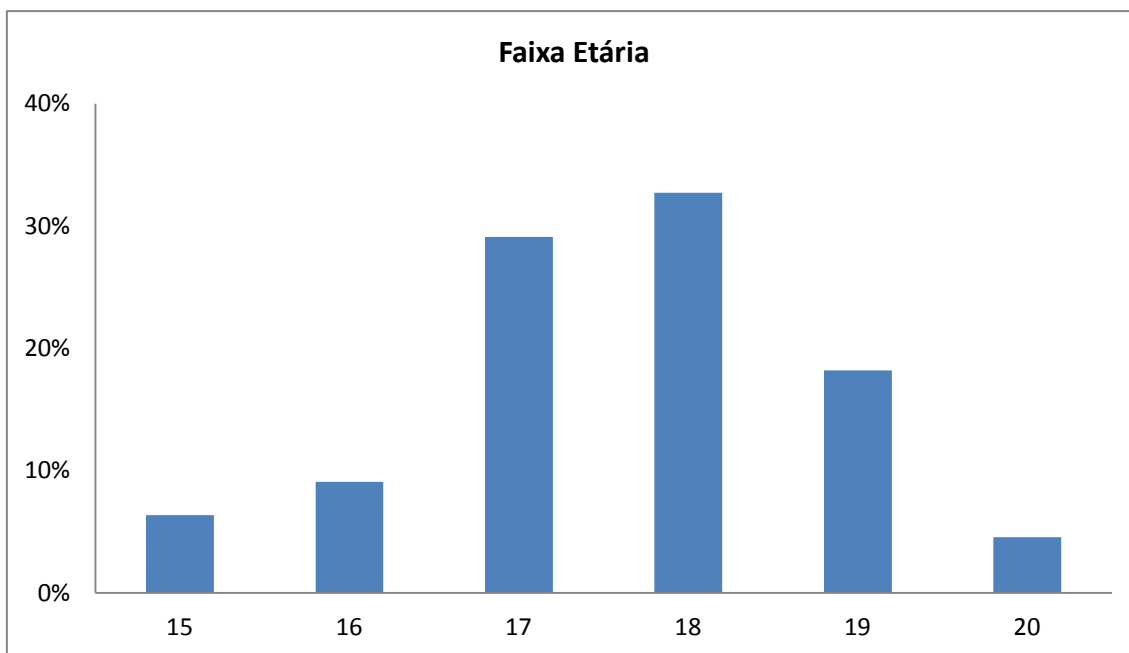
Os dados apresentados na Tabela 1 visam apresentar o perfil de jovens que estão inseridos no referido Programa de Medidas Socioeducativas no período de janeiro a junho de 2014. A interpretação dos presentes dados fornecem subsídios para visualizar o perfil dos jovens autores de atos transgressores que cumprem socioeducação no espaço pesquisado, no período compreendido da coleta empírica.

Para fins de visualização os gráficos abaixo ilustram as porcentagens referentes aos internos do Programa de Medidas Socioeducativas no que tange aos seguintes aspectos: faixa etária, infração, tipos de caso, procedência, trabalho formal, estudantes, naturalidade e gênero.

Os dados quantitativos, provenientes da Tabela 1, visam auxiliar à compreensão do perfil estudado, na medida em que ilustram alguns dados, todavia não transforma a pesquisa em caráter quantitativo, a mesma foca a metodologia qualitativa de análise.

² A escolha do mês de Janeiro de 2014 se deu pelo fato de que em dezembro de 2013 foi aprovada a proposta da pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos.

³ Tabela 1 – encontra-se no Apêndice A para consulta.

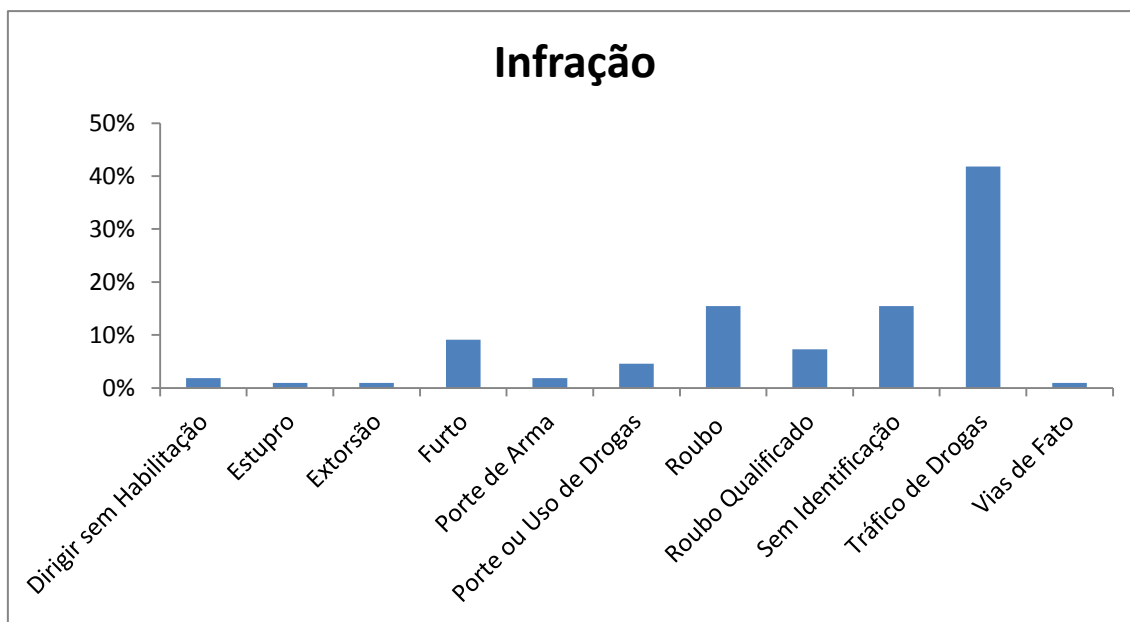
Gráfico 1 - Porcentagem referente à faixa etária do perfil estudado

Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

As barras etárias são disposições gráficas que permitem visualizar a forma com que a população estudada nesta tese se distribui, de acordo com a média etária de 15 a 20 anos. Observa-se que a maioria do grupo estudado, aproximadamente 33%, possuem 18 anos e a minoria, cerca de 4%, possuem vinte anos de idade.

Para além dos dados de faixa etária, o gráfico apresenta em qual momento da vida os jovens estão se envolvendo com atos transgressores, ou então, sendo responsabilizados por tais atos, uma vez que nas entrevistas apresentaram dados de que iniciaram atividades ilícitas ainda na infância, entre 9 a 12 anos.

Gráfico 2 - Porcentagem referente à infração realizada pelo perfil estudado



Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

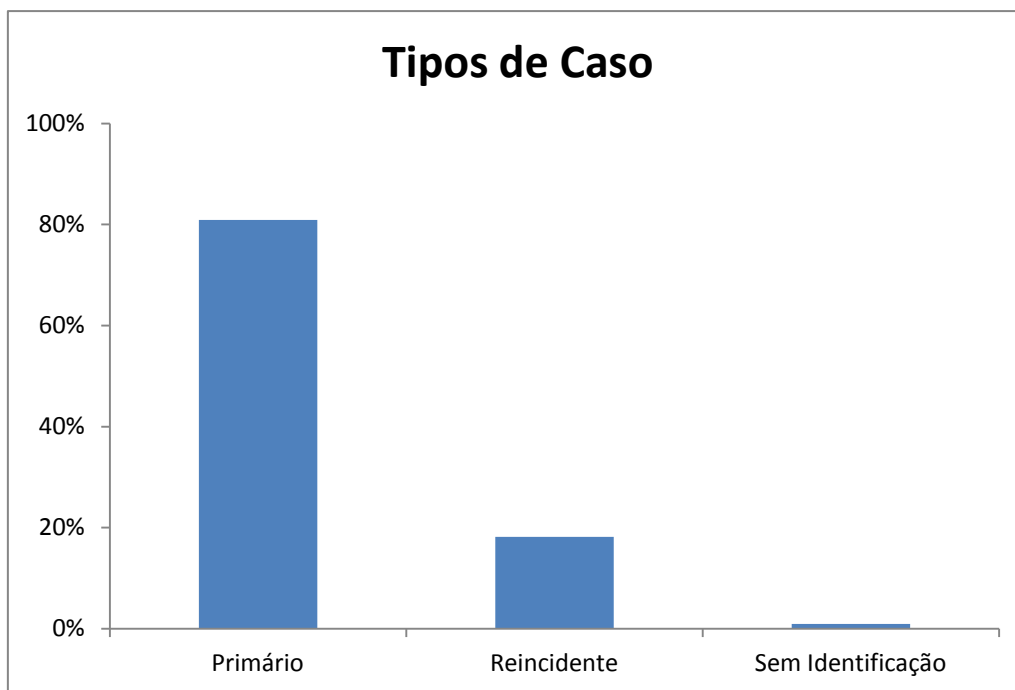
A porcentagem referente à infração realizada aponta que 41,82% refere-se ao tráfico de drogas, sendo o motivo maior que conduz tais jovens ao cumprimento da medida socioeducativa. Ainda temos uma porcentagem de 15,45% que não discrimina a infração cometida, visto que são jovens que adentram ao Programa de Medidas Socioeducativas com boletins incompletos. Tal realidade culpabiliza o jovem no ordenamento jurídico brasileiro, face à prática de ilícito penal, porém nestes casos nem mesmo o jovem é capaz de informar a infração a ele cometida.

Por fim, a menor porcentagem, 0,91% refere-se a estupro, extorsão e vias de fato. O crime constitui um *des-valor* social que é coibido pelo Estado, mesmo quando praticado por crianças e/ou jovens.

Segundo entendimento do ordenamento jurídico pátrio, ao dispensar tratamento diferenciado à criança e ao jovem, não afere a capacidade de culpa destes indivíduos, razão pela qual não se trata, tecnicamente, de inimputabilidade. A culpabilidade penal do jovem, por sua vez, está limitada à idade entre 12 a 18 anos, a qual consagra a fase da adolescência de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - artigo 2 – (BRASIL, 1990). Isso significa que, o menor de 12 anos, por ser considerado criança, ficará isento de responsabilidade quando da prática de um crime ou contravenção penal,

devendo ser encaminhado ao Conselho Tutelar, onde lhe serão aplicadas medidas protetivas.

Gráfico 3 - Porcentagem referente aos tipos de caso do perfil estudado



Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

Os grupos de jovens estudados que adentraram ao Programa de Medidas Socioeducativas são tidos como primários ou reincidentes. Aproximadamente 81% é composto por jovens que nunca estiveram em cumprimento de medida socioeducativa, já 18,18% são reincidentes, ou seja, jovens que em outro momento cumpriram medida socioeducativa, neste Programa, ou em outro Programa e/ou município. Haja vista que aproximadamente 1% não possui identificação do seu tipo de caso.

A política criminal como está instituída não é ciência, contudo uma técnica que se aproxima das disciplinas políticas, que são atos de meios e fins, ou seja, procedimentais. É o jurista que discute, analisa e sentencia a conveniência de medidas socioeducativas e/ou soluções propostas ou existentes no direito vigente. O marco decisivo adotado pelo legislador para a responsabilização criminal do jovem é o critério

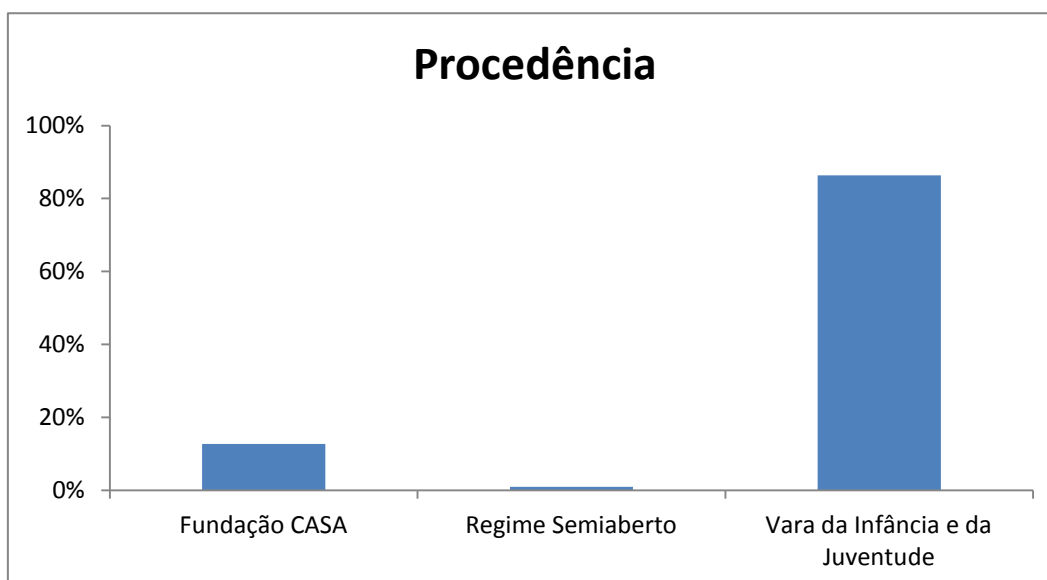
biológico, ou seja, com idade entre 12 a 18 anos, que receberão medidas socioeducativas.

Assim sendo, parte-se à reflexão do que significa responsabilizar diferentemente um jovem de 17 anos e outro de 18 anos por atos idênticos, do ponto de vista da tipicidade penal. Trata-se de um limite da política criminal vigente, que ao estabelecer uma demarcação etária e biológica para a imputação penal, propicia uma oportunidade diferenciada para a juventude.

Da forma que está estruturado o jovem que violar a norma penal ou contravencional até a véspera da completitude dos 18 anos, não comete crime, mas somente o ato infracional e poderá a ele ser atribuído às medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

O critério até hoje estabelecido de 18 anos para imputabilidade penal vem sendo discutido nacionalmente nos últimos anos, no qual a política brasileira possui uma tendência a abaixar tal idade, com o argumento principal de que em menor idade já existe a capacidade de entendimento e responsabilização pelos atos praticados.

Gráfico 4 - Porcentagem referente à procedência do perfil estudado



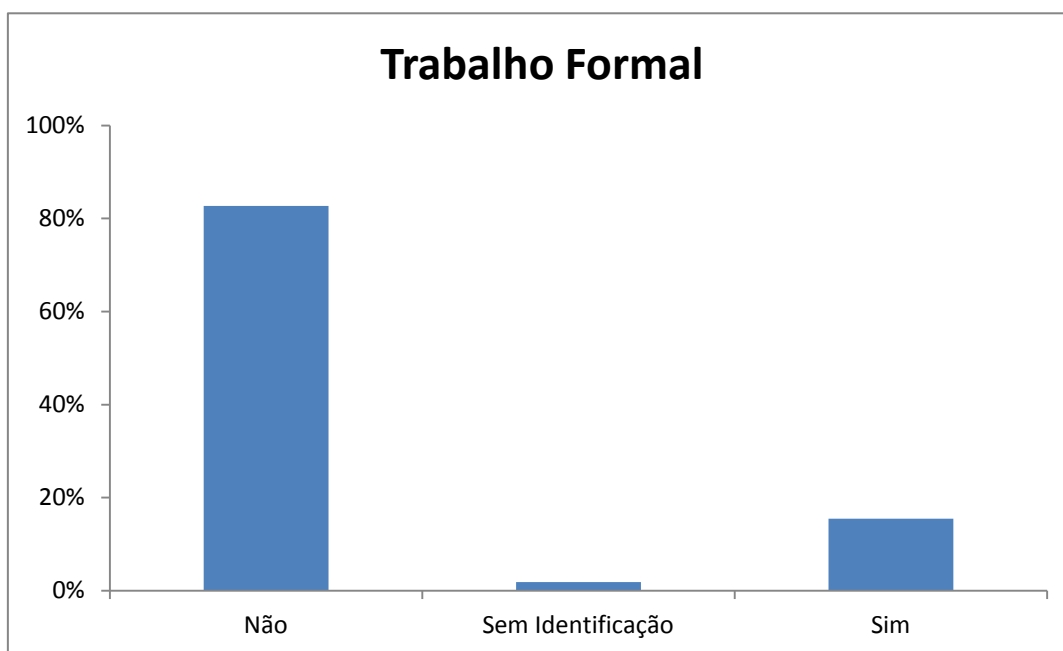
Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

A maioria dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, neste estudo, é procedente da Vara da Infância e da Juventude, compondo 86,36% deste

perfil. Ainda há 12,73% provenientes da Fundação CASA e 0,91% advindos do regime semiaberto.

Tais dados demonstram que há melhorias no comportamento e reabilitação de alguns jovens que são destinados ao regime fechado da Fundação CASA, pois os mesmos são remanejados ao Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto somente quando conquistam este benefício.

Gráfico 5 - Porcentagem referente ao trabalho formalizado do perfil estudado



Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

Este dado gráfico refere-se ao trabalho com registro em carteira, seja por já ter atingido a maioria ou por estar exercendo a função de trabalho na condição de aprendiz⁴. São 82,73% que declararam estar trabalhando no momento em que adentraram ao Programa de Medidas Socioeducativas.

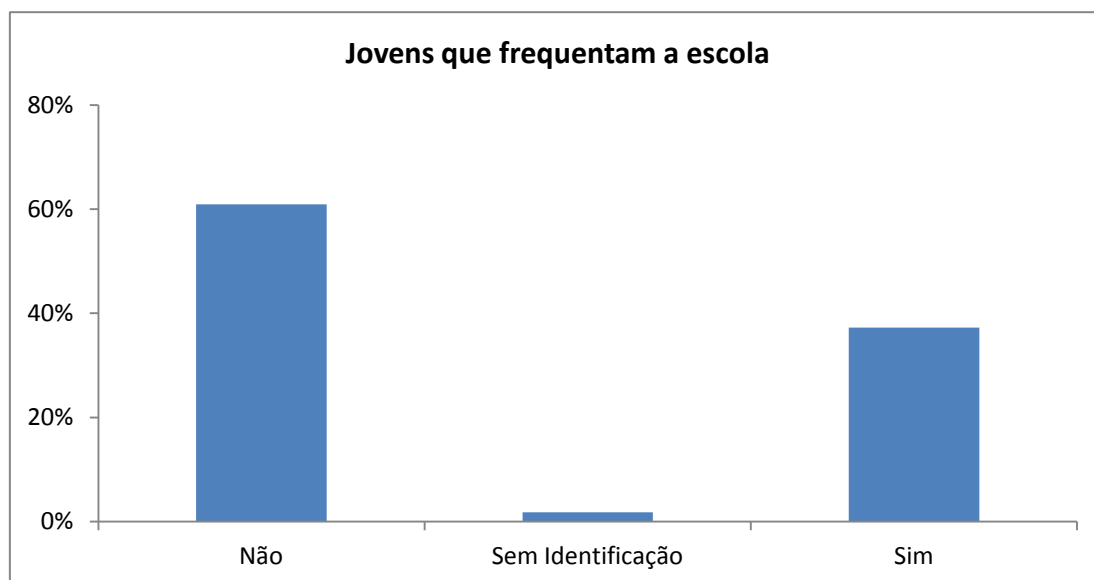
Vale destacar que muitos jovens autodeclararam que também trabalham, porém em ambientes não formais e/ou com trabalhos ilícitos. Assim sendo, tais jovens não incorporam os dados apresentados no gráfico 5, bem como apresentam uma condição de

⁴ Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000.

interpretação diferenciada do que é trabalho, dentro das perspectivas sociais do mesmo.

Ou seja, o que é trabalho para um grupo de pessoas pode não ser considerado como tal para outro grupo de pessoas, e isto se relaciona, especialmente, com a formação social das diferentes sociedades. No que tange ao conceito material, é a normativa burguesa que tipifica o trabalho como algo formal, dentro das leis vigentes, com remuneração estabelecida em acordo prévio. Contudo esta forma de estabelecimento social não está presente em todos os grupos sociais, diferenciando conforme a região, a necessidade de subsistência destes grupos.

Gráfico 6 - Porcentagem referente de jovens que estudam do perfil estudado



Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

O gráfico 6 apresenta um dos dados mais pertinentes nesta apresentação qualitativa. A pesquisa demonstra que aproximadamente 61% dos jovens em cumprimento de medida socioeducativa não frequentam a escola, considerando que 1,82% também não apresentaram tal identificação.

É importante constatar que dos 37,27% que declararam estudar em escola regular, são também jovens que trazem um histórico de repetências e desinteresse pela escola. Nas entrevistas realizadas registram o não apreço pelo ambiente escolar e a falta de significado e perspectiva que a escola representa na vida deles.

Este é mais um dos dilemas em torno do Estatuto da Criança e do Adolescente, que prevê que crianças e jovens frequentem o ensino básico. O Estatuto, em seu artigo 53, estabelece que “[...] a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1990). Para isso deve ter assegurada a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, contudo isso não é uma realidade para todas as crianças e jovens brasileiros.

A entrada no chamado “mundo do crime” é mais um fator que impossibilita a vida escolar, pois os jovens se deparam com compromissos daquilo que denominam como trabalho. Muitos relataram que passavam muitas noites no tráfico de drogas, logo não frequentavam a escola ao longo do dia, momento em que repousavam para novamente exercer suas funções no tráfico.

Entretanto outro cenário se apresenta nos relatos desta pesquisa, que é o total desinteresse pelo ambiente escolar, verifica-se um abismo entre o que os jovens procuram e o que a escola oferece.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística⁵ – IBGE – apresentou a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Pnad – (2011) em que demonstra o aumento do índice de jovens de 15 a 17 anos que abandonam a escola. A pesquisa mostrou que 16,3% dos jovens desta faixa etária (aproximadamente 1,7 milhão) não estão estudando. Em 2009 este índice era de 14,8%. Ainda de acordo com o estudo, o percentual de jovens de 15 a 17 anos frequentando a escola em 2011 foi de 83,7% da população nesta faixa etária. Ou seja, dos 10,5 milhões de jovens desta idade, 8,8 milhões estão na escola, e 1,7 milhão, está fora. O número representa a metade do total de brasileiros de 4 a 17 anos fora da escola, que é de 3,5 milhões. Ainda segundo o estudo, o abandono nesta faixa etária se mostrou maior no Sudeste (15,3%) e no Sul (17,8%).

Ainda de acordo com os dados mais recentes do IBGE, temos na Tabela a **Taxa de escolarização de crianças e jovens**, distribuídos em regiões, a saber:

Faixa Etária	Total	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro Oeste
6 a 14 anos	98,2%	96,5%	98,1%	98,7%	98,3%	98,3%

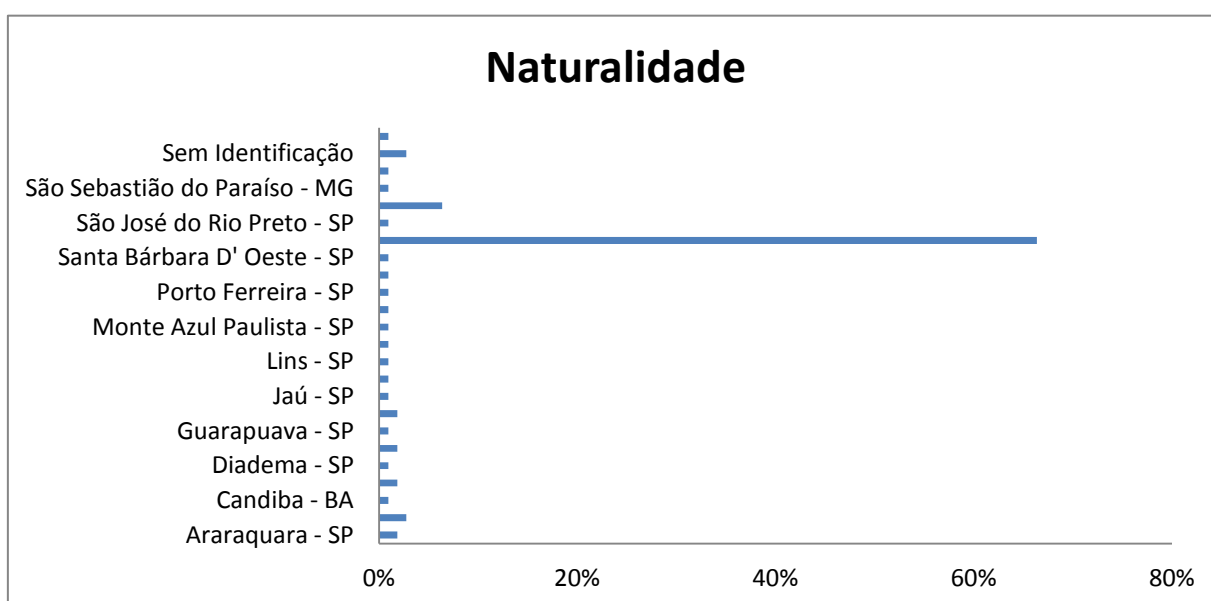
⁵ Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2011.

15 a 17 anos	83,7%	83,2%	83,1%	84,7%	82,2%	85,2%
18 a 24 anos	28,9%	32,6%	29,3%	27%	29,1%	32,2%

Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2011.

Tais dados declaram uma queda abrupta do total nacional de jovens que frequentam a escola entre os 15 a 17 anos e os de 18 a 24 anos. Entre os aspectos já apresentados, a falta de identificação do jovem com a escola, associado aos altos índices de reprovação, são alguns fatores responsáveis pela "expulsão" do jovem brasileiro da escola. Ainda, de acordo com o IBGE (2011), é fato que mais de um milhão de jovens permanecem "presos" no ensino fundamental, e por conta de reprovações e/ou outros fatores, não conseguem passar de ano e adentrar ao ensino médio.

Gráfico 7 - Porcentagem referente à naturalidade do perfil estudado



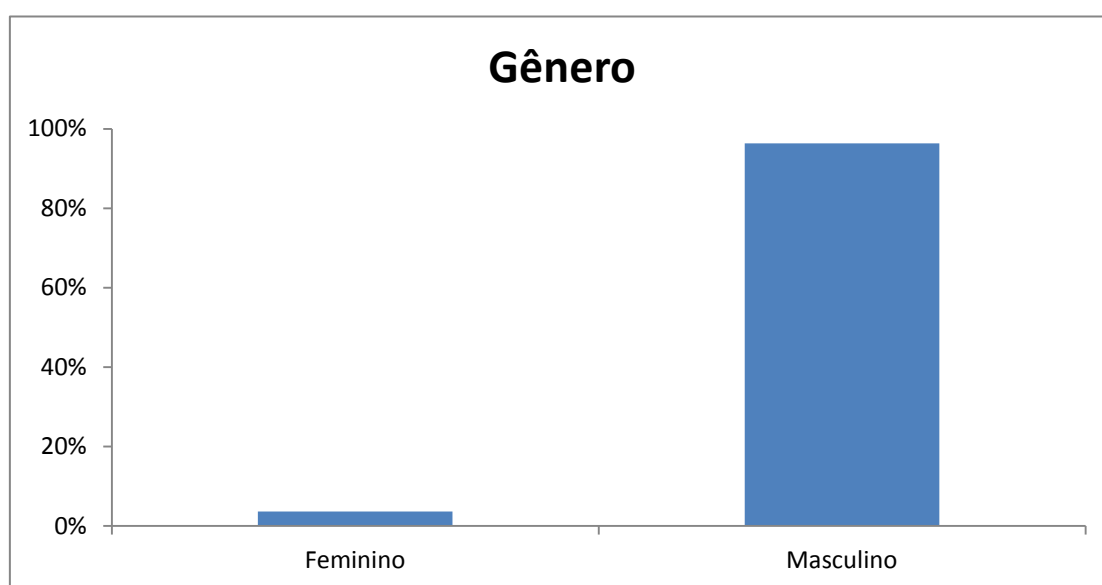
Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

A naturalidade dos jovens inseridos no Programa de Medidas Socioeducativas demonstra ser pequenas cidades, em sua maioria localizadas no interior do Estado de São Paulo, sendo que 66,36% referem-se ao município de São Carlos-SP. Há apenas dois municípios, Bambuí (2,73%) e São Sebastião do Paraíso (0,91%), pertencentes ao

Estado de Minas Gerais, um município, Paçandu (0,91%), do Estado do Paraná e um nomeado Candiba, oriundo do Estado da Bahia.

Destaca-se ainda que, de acordo com o gráfico, 2,73% dos jovens não possuem identificação de naturalidade. Tal dado dá origem à discussão de que esses jovens possuem ou não uma história de vida, na medida em que fatos passados são pouco acessíveis às memórias pessoais. Verifica-se a ausência de noção de pertencimento de um lugar ou um local, bem como dos lugares vividos.

Gráfico 8 - Porcentagem referente ao gênero do perfil estudado



Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

O gráfico 8 aponta que a maioria dos jovens em cumprimento de medida socioeducativa pertence ao gênero masculino, representando neste estudo 96,36%, em contrapartida de 3,64% pertencentes ao gênero feminino.

Nas entrevistas realizadas com este grupo compreendeu-se que os jovens do gênero masculino tomam para si a responsabilidade de seu grupo familiar, em decorrência do abandono paterno. Ao assumirem este papel de protetor e provedor da mãe e dos irmãos, os jovens iniciam suas atividades que denominam de trabalho e a sociedade burguesa⁶, por sua vez, denomina de atividade ilícita.

⁶ Para uma compreensão mais aprofundada acerca da *sociedade burguesa* ler “A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala” (2000), de José de Souza Martins.

Outro aspecto importante é compreender que o baixo percentual de pessoas do gênero feminino no mundo do crime não significa afirmar que sejam alheias a este mundo. Nos relatos apresentados neste estudo, elas ocupam posições secundárias dentro das redes criminosas e transitam no papel de mães, esposas ou namoradas destes jovens. Um dos atrativos dos gêneros femininos por jovens transgressores, aos quais as atividades ilícitas lhe conferem dinheiro e poder que talvez não possam obter de outro modo em tenra idade, é também um dos fatores que desencadeiam esses jovens de sexo masculino a entrar nesses circuitos.

**CAPÍTULO II – VIDAS CRUZADAS: HISTÓRIAS
DE JOVENS AUTORES DE ATO INFRAACIONAL E O SOCIAL.**

*Chega no morro com carregamento
Pulseira, cimento, relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar cá no alto
Essa onda de assaltos está um horror*

*Eu consolo ele, ele me consola
Boto ele no colo pra ele me ninar
De repente acordo, olho pro lado
E o danado já foi trabalhar
Olha aí!*

(Chico Buarque – O meu guri - 1994).

2.1 A Relação Escolar de Jovens em Conflito com a Lei e as Políticas Públicas

*Chega estampado, manchete, retrato
Com venda nos olhos, legenda e as iniciais
Eu não entendo essa gente, seu moço
Fazendo alvoroço demais*

*O guri no mato, acho que tá rindo
Acho que tá lindo de papo pro ar
Desde o começo eu não disse, seu moço!
Ele disse que chegava lá.
(Chico Buarque – O meu guri – 1994)*

Refletir sobre a relação escolar de jovens em conflito com a lei é o mesmo que questionar a concepção de educação e suas formas de operacionalização na contemporaneidade. As demandas da escola estão além das questões cognitivas, integradas a transmissão exaustiva, linear e lógico, no qual se deve abrir para a dimensão do novo, por meio da relação verdadeiramente humana, intensa e criadora com o mundo e seus elementos.

Para tal reflexão é importante compreender que histórias os jovens em conflito com a lei possuem com a escola, bem como compreender que há diferentes leis que visam assegurar direitos e deveres a crianças e jovens. O direito a vagas na escola e a obrigatoriedade dos estudos são alguns deles.

A partir das normativas nacionais acerca do direito à educação, determinou-se que as escolas públicas possuam para todo o seu público, qualquer criança e/ou adolescente, abertura irrestrita das matrículas, ou seja, não se questionam as condições da instituição escolar para acolher novos alunos, uma vez que os recebem sempre frente à demanda. De acordo com relatos dos jovens autores de ato infracional fica claro que algumas Instituições Escolares driblam a lei na oferta da vaga, oferecendo a estes jovens vagas no período contrário ao que solicitam, ou ainda, em salas de aula com crianças, frente aos atrasos nos anos escolares. Tal postura, associada a um grupo de pessoas com maior dificuldade de aceitação e interesse por parte da escola é uma forma de expulsar os alunos da escola sem criar problemas legais.

Os relatos apresentados demonstram a relação distante que o jovem possui com a escola, bem como a sequência de reprovações de ano letivo:

Eu tava na oitava, mas num terminei... eu repeti quatro veiz a oitava. Tem umas parte que eu curto a escola, gosto das professoras! Mas num gosto de estuda, num gosto (Bira, 17 anos).

[...] parei faiz tempo... uns 3 ano. Tava na oitava, mas num fiz... num gosto da escola, tudo na escola é ruim. Num gosto dos outro mandano ne mim, ninguém! Só lembro de uma coisa que eu gostava: das menina! (Marcola, 16 anos).

Parei de estudar no primeiro colegial... Parei porque eu tava muito perdida nesse mundinho aí... Chega uma hora que a escola perde a graça. Eu num gosto de estudá, por isso que nem vo. E quando eu penso no que eu gostava, era só dos meus amigos. Eu até quero volta, mas preciso da vaga à noite. Mas a

diretora só dá vaga à noite para quem trabalha. Eu to procurando serviço (Bárbara, 16 anos).

Verifica-se que a escola deixou há tempos de ser um espaço de acolhimento de crianças e jovens, deixou de ser atrativa ao público a que se destina. Os jovens são matriculados nas escolas pelos seus cuidadores, contudo a permanência não é observada. Por conquista, a escola representa um direito social reconhecido pela legislação brasileira, sendo sua oferta pública e gratuita. Todavia, paradoxalmente, a escola é considerada igualmente como um dos grandes fracassos da modernidade, uma vez que não cumpre a promessa de formação cidadã.

Há inúmeras críticas referentes à qualidade da educação escolar, seus mecanismos seletivos que minimizam as oportunidades de acesso e permanência para grande parte de seu público, sua atitude excludente, o desempenho dos professores, as normas e regras, sua incapacidade de formar competências técnicas e profissionais.

Porém afirmar que a escola pública não possui qualidade e competência para seu andamento pode ser uma das formas pelas quais o conjunto social expressa o desejo de que ela pode estar melhor e que ela deve ser melhor. Ao direcionar críticas à escola pública, reafirmam-se seus valores e defendem-se projetos para sua melhoria. A escola pública é uma das mais caras *invenções* dos homens e que, antes de configurar-se materialmente, ela foi e continua sendo projetada, criada, imaginada por uma sociedade, porém destinada há diferentes sociedades.

As transformações políticas e econômicas do Estado ao longo do tempo e suas implicações para a existência material e simbólica da escola pública é um dos caminhos que cooperam para a compreensão da transformação do sonho iluminista de uma escola que a todos estivesse acessível, um obediente mecanismo nas mãos daqueles que detêm poder e conhecimento. Assim as mudanças da escola imaginária acompanham, em certa medida, as mutações políticas do Estado, quando a burguesia se assume classe dominante.

Por sua vez, as análises que sobre a escola recaem são indicadoras de um importante sinal de vitalidade desta instituição. Significa que, na dimensão imaginária, a educação das novas gerações ainda é objeto de um investimento, para além de sua crise (VALLE, 1997).

Observa-se um *desencanto* pela escola, especialmente as da rede pública. É como se o fracasso da educação pública fosse, ao mesmo tempo, o seu sucesso, ou seja,

ao oferecer educação de péssima qualidade, a escola pública torna-se bem sucedida na manutenção das desigualdades, das hierarquias e das diferentes exclusões sociais.

[...] é como instituição imaginária que a Escola se edifica, em sua origem, como projeto político de uma sociedade; e é pela capacidade de permanente reconstrução de seu sentido imaginário que ela pôde [...] resistir ao tempo como instituição duravelmente enraizada na vida social (VALLE, 1997, p.13).

Por vezes, a escola assume um papel de julgadora, como um tribunal. Entretanto somente a partir do desenvolvimento tecnológico propiciado pela Revolução Industrial e com o advento do capitalismo obteve-se a formação dos Estados Modernos. Passando assim a existir neste momento político o direito penal, que por sua vez atribui ao indivíduo o livre arbítrio, ou seja, o mesmo pressupõe punição em razão de autoria de atos transgressores que provoquem danos à sociedade.

Na mesma fase, criança e adolescente estavam subordinados a iguais normas dos adultos frente a julgamentos e penalidades. Para tanto se criou o Código de Menores, Lei 6.697 de 10 de Outubro de 1979, cuja função principal era estabelecer controle sobre determinados grupos de crianças e adolescentes, afastados do processo de produção capitalista. Com a impossibilidade de modificar o cerne das medidas a serem aplicadas, mudou-se as denominações conceituais destinadas a tais medidas, assim o julgamento passou a ser denominado como tutela e a prisão, por sua vez, transformam-se em internamento. Mudanças de ação não foram identificadas, no qual as alterações mantiveram-se apenas no âmbito da nomenclatura, mantendo a natureza punitiva. No Brasil, o Código de Menores foi substituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 – ECA – com promessas de proteção integral a crianças e adolescentes.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990)⁷ e a Constituição Federal (BRASIL, 1988)⁸ fazem parte da legislação vigente, no que tange à proteção integral de crianças e jovens.

⁷ O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), Lei nº 8.069/1990, “[...] foi aprovado com o objetivo de (re)estruturar a vida e a formação das crianças e dos(as) jovens brasileiros(as). A presente lei indica mudanças na concepção de crianças e jovens, definindo-os(as) como cidadãos de direitos, sujeitos unidos do direito de proteção especializada e integral” (QUINELATTO CAPARRÓS, 2013, p.58).

⁸ “A partir da promulgação da Constituição de 1988, a doutrina da proteção integral foi introduzida no país. Assim, ao adotá-la, em seu artigo 227, a Carta Magna rompeu definitivamente com a doutrina da situação irregular, que havia sido adotada pelo Código de Menores de 1979” (QUINELATTO CAPARRÓS, 2013, p.58).

A proposta de proteção integral de que tratam tais documentos partem dos direitos pessoais e especiais referentes a crianças e jovens que denominados de indivíduos em desenvolvimento precisam da proteção integral. Elaborar-se a partir da proposta de que crianças e jovens são sujeitos produtores de cultura, portadores de direitos e não meros objetos de manipulação e desejo do mundo adulto. Substituir a doutrina da situação irregular (Lei 6697/79) pela doutrina da proteção integral é uma das maiores propostas trazidas pelas novas normas legais brasileiras (QUINELATTO CAPARRÓS, 2013).

Por meio dos novos paradigmas advindos do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e da Constituição Federal (BRASIL, 1988) origina-se um novo significado da compreensão e trato ao jovem em conflito com a lei. Deste modo, a lei assegura proteção integral ao indivíduo autor de ato transgressor, partindo dos direitos especiais de acesso à saúde, à educação formalizada, ao lazer e à profissionalização. Além disso, a legislação em questão prevê que este público não deva vivenciar situações de crueldade, preconceito e discriminação. Entretanto o que se observa são relatos contrários, que se manifestam em caminho opostos à lei.

O contato constante com jovens dentro do Programa de Medidas Socioeducativas demonstra que ainda há disparidade entre o que propõe as políticas públicas e a realidade vivenciada. Entende-se, portanto, que a Legislação vigente ainda necessita se estabelecer em termos práticos e de funcionalidade, para depois ser considerada como marcos a serem consolidados. Igualmente, vale ressaltar, que acima de qualquer lei da educação existe em muitos jovens um sentimento claro de insegurança e de não pertencimento à instituição escolar, conforme apresenta-se os relatos, no qual se sentem à parte, não são ouvidos e tampouco participam das escolhas, como uma parte excluída, com baixa autoestima e sem perspectivas de melhoras futuras.

Parei na sétima... eu num quis mais i, num consegui. Uma vez a dona pegou eu com maconha, aí acabou o ano e ela não quis me dá mais vaga. Minha mãe foi atrás de vaga pra mim, mas ela não queria deixá estuda. Aí minha mãe ficou atrás de vaga e depois paro (Fabinho, 16 anos).

Num gosto [da escola] e num quero. O que eu quero memo é trabaiá [...]. Peguei uns bico de servente e to me virano. Meu único sonho é volta para minha ex, ela se orgulha deu e só (Léo, 17 anos).

Eu estudo sim, to no primero ano. Eu repiti uma vez no ano passado... tinha falta e notas ruim tamém. Eu matava aula, num conseguia fica na aula... Num gostava de fazê as coisas, da dona ficá falano, tendo que copiá... Eu num gosto de nada, só do intervalo (Yan, 16 anos).

Outros relatam um sonho distante ao citar a escola, afirmam que desejam voltar aos estudos e completá-los, entretanto a fala é sem emoção, um discurso pronto como forma de dizer o que esperam dele, mas que provavelmente não completarão seus estudos, outros buscam subterfúgios para explicar porque não estudam:

Eu estudei até o oitavo ano completo. Larguei, agora que quero voltá, comecei a trabaiaí. Parei meus estudo por causa disso, mas agora se Deus quiser eu vou voltá a estudá. Eu quero terminá o tercero logo...pelo menos o tercero (Luan, 18 anos).

Num vô mais, trabaio à noite... [o trabalho] é à noite. Antes eu ia na escola, mas comecei a trabaia e parei. De dia num dá, to cansado (Marcelo, 18 anos).

[...] eu quero me forma em Direito e eu vo consegui um dia sim, se Deus quisé. Antes eu pensava em mudá, mas ficava em casa sem faze nada o dia inteiro, aí descia e ficava lá na biquera, ía pra rua... só coisa errada. Quando veio a Medida, comecei a faze o curso e é uma coisa que ocupa a cabeça da gente e você vai pensando em outras coisas. Hoje nem desço mais na biquera, nem falo com o pessoal. Falo um oi e tchau e saio rápido, num quero mais isso (Bárbara, 16 anos).

[...] eu larguei o ano para pode trabalhar. Agora eu parei de trabalhar também, mas eu trabalhava no restaurante, é lugar de comida japonesa, eu era sushiman. Eu não sabia nada, mas aprendi lá memo, eles que ensinava lá. Antes eu trabalhava numa transportadora... foi aí que larguei a escola, num gostava... e larguei memo. Depois desse trabalho eu entrei no corre. [...] prentendo volta pra terminá [os estudos], mas eu num gostava de lá [da escola], num gostava nada. Ninguém gosta de escola, tava nem aí. Estuda é ruim... a única coisa boa era as menina...rs. Mas to pensando [...] preciso terminá esses estudo (Eduardo, 18 anos).

Portanto, uma das questões a se pensar é: que forma de socialização oferece-se a pessoas que, em seu desenvolvimento, são constantemente humilhados, discriminados e,

muitas vezes, verbalmente agredidos? Nas respostas dos jovens em cumprimento de medida socioeducativa esclarece-se que a falta de interesse próprio os compelem a abandonar a escola, todavia há que se entender como surge esta falta de interesse, a ausência de sentimento positivo frente à escola.

Pela clareza dos depoimentos observa-se que esses jovens não são bem vindos à escola, mesmo sendo a educação um direito nacional, por carregar consigo a marca indelével da infração realizada. Frente a este contexto de constantes discriminações veladas emerge-se a dúvida se a questão é sistêmica ou pessoal?

Em face de alusão ao público já suscitar polêmicas, a defesa da escola pública é advogar a escola como lugar onde reside a perspectiva de futuro profissional. E, assim sendo, pode ser compreendida como uma instituição imaginária, pois é o fruto de criação social, em uma relação de investimento em que se observa apenas a funcionalidade. De acordo com Valle (1997, p. 156) “[...] a educação é o projeto de criação do mundo humano, pela criação do homem que o habita. A educação é forçada [...] a imaginar o mundo e o homem [...]”.

Destaca-se pelos depoimentos apresentados que alguns frequentam a escola no período em que cumprem a medida socioeducativa por não desejarem problemas maiores com o Juiz da Vara da Infância e Juventude, que no momento em que atribui a medida socioeducativa, também afirma a necessidade de estudar, conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Ou seja, a frequência escolar vincula-se ao cumprimento da medida socioeducativa, a saber:

Estudo, to no sétimo ano, estudo de noite. Parei um tempão de estudá, porque eu num gosto de escola. [...] E o Juíz falô que tem que í, se num for embaça com o chefe [Juiz] (Igor, 17 anos).

[...] to lá na escola sim. É primero ano. Teve um tempo que eu parei, mai voltei depois. Eu sô meio zuera, num levo bem a sério. Brinco, dô uma zuera de veiz em quando (Rafa, 16 anos).

Parei na sexta série. Voltei nesse ano, por causa do Juiz... mas agora num fui mais, comecei trampa... e num fui (Léo, 17 anos).

Estudo direitinho, faço a oitava série... perdi uns ano ai porque eu não gosto de ir pra escola não... Agora eu levo a sério por

causa do Juiz. O Juiz me deu 157 [assalto à mão armada] (Rogério, 17 anos).

[...] vô na escola e tô no primero colegial. Num gosto muito, mas já que tem que estudá eu vô na escola e pá. O que vai dá eu num sei, mas to de cara enfiada lá na escola... o Juiz disse, pá (Sorriso, 16 anos).

Pelos excertos das falas dos jovens evidencia-se que eles atribuem a proposta de frequentar a escola como parte da medida *punitiva* e não como processo socioeducador. A escola é tida como um espaço entediante e sem significado na vida de tais jovens, que não se reconhecem tão pouco veem identidade neste espaço. Verifica-se que eles não associam os estudos à possibilidade de subsistência digna, assim a escola não passa de mais um espaço de regras de uma sociedade que não os inclui.

Pela clareza da situação existente hoje nas escolas, como conceber a possibilidade da relação jovens em conflito com a lei e a escolaridade mínima?

Importante salientar que o jovem na escola é apenas um adolescente em fase de formação escolar, o fato de estar em cumprimento de uma medida socioeducativa é somente uma parte deste jovem, que de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) há encaminhamentos oficiais que se dão nestes casos. Portanto não cabe à escola oferecer mais uma forma de punição a este público, da forma que considera mais adequada, pois estabelecido em lei está a norma regularizadora.

O ato infracional é uma contravenção penal, que está sujeita à sanção judicial. A criança – indivíduo com 12 anos incompletos de acordo com a lei⁹ – quando autora de ato transgressor é submetida às medidas preventivas e protetivas asseguradas pelo Conselho Tutelar – CT. Por sua vez, o adolescente, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – indivíduo com 18 anos incompletos – quando autor do ato infracional, é considerado inimputável e está amparado em termos legais para responder por seus atos em forma de medida socioeducativa.

Ao todo são 7 (sete) tipos de penalidades que o jovem poderá responder, frente as circunstâncias e a gravidade da infração, à saber:

Artigo 112 - Verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas:

⁹ De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

- I - advertência;
- II - obrigação de reparar o dano;
- III - prestação de serviços à comunidade;
- IV - liberdade assistida;
- V - inserção em regime de semi-liberdade;
- VI - internação em estabelecimento educacional;
- VII - qualquer uma das previstas no artigo 101 (BRASIL, 1990).

A *advertência* direciona-se as infrações leves¹⁰, com caráter de alerta para os riscos, tratando de ação preventiva. A *obrigação de reparar o dano* busca o reconhecimento da autoria do ato transgressor e possibilita a oportunidade de reparo. A *prestação de serviço à comunidade* dá a oportunidade de uma experiência comunitária e educativa, agindo para o bem comum. A *liberdade assistida* é uma medida de acompanhamento, que se dá pela frequência no Programa de Medida Socioeducativa, que tem como tempo mínimo de seis meses e máximo de dois anos. A semiliberdade restringe parcialmente a liberdade de ir e vir, no qual o jovem realiza atividades externas de estudo e trabalho, porém deve retornar à Instituição ao final do dia. A *internação* é a medida mais rigorosa que o jovem pode receber, consistindo na privação total da liberdade, mediante atos infracionais graves. O tempo máximo na privação é de três anos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê, ainda, processos de orientação, apoio e encaminhamento do jovem à família substituta. Vale ressaltar que tais medidas são tidas como formas de responsabilizar jovens que frente à autoria de atos transgressores necessitam ser auxiliados no redirecionamento da conduta social, mesmo que inimputável (BRASIL, 1990).

Para um trabalho efetivo da medida socioeducativa faz-se necessária a corresponsabilização de diferentes órgãos: apoio familiar, comunitário, sistema judiciário, equipe de socioeducadores, projetos sociais, possibilidades de cursos profissionalizantes, entre outros. Ademais, esta não é uma questão de opção de responsabilidade, pois se encontra prevista no Estatuto no artigo 88, a saber:

Artigo 88 - São diretrizes da política de atendimento:

- I - municipalização do atendimento;
- II - criação de conselhos municipais, estaduais e nacional dos direitos da criança e do adolescente, órgãos deliberativos e controladores das ações em todos os níveis, assegurada a participação popular paritária por meio de organizações representativas, segundo leis federal, estaduais e municipais;

¹⁰ Ver APÊNDICE 1.

III - criação e manutenção de programas específicos, observada a descentralização político-administrativa;

IV - manutenção de fundos nacional, estaduais e municipais vinculados aos respectivos conselhos dos direitos da criança e do adolescente;

V - integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Segurança Pública e Assistência Social, preferencialmente em um mesmo local, para efeito de agilização do atendimento inicial a adolescente a quem se atribua autoria de ato infracional;

VI - integração operacional de órgãos do Judiciário, Ministério Público, Defensoria, Conselho Tutelar e encarregados da execução das políticas sociais básicas e de assistência social, para efeito de agilização do atendimento de crianças e de adolescentes inseridos em programas de acolhimento familiar ou institucional, com vista na sua rápida reintegração à família de origem ou, se tal solução se mostrar comprovadamente inviável, sua colocação em família substituta, em quaisquer das modalidades previstas no artigo 28 desta Lei;

VII - mobilização da opinião pública para a indispensável participação dos diversos segmentos da sociedade (BRASIL, 1990).

O artigo 88 do ECA esclarece, entre outras coisas, ações que visam possibilitar e reconhecer que o jovem possui autonomia, enquanto autor de seu processo histórico, dentro de sua condição de indivíduo em desenvolvimento, com necessidade de proteção integral.

É importante reconhecer que o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) apresenta normativas, que ainda necessitam ser consolidadas e que possuem teoricamente um caráter socioeducativo. Parte-se da concepção de que o ensino e a aprendizagem se dão a partir da problematização do contexto, construída entre os pares, por meio de uma relação dialógica. O diálogo é a expressão primeira à existência do indivíduo, como forma de mediação entre o ser humano e o mundo. É, ao mesmo tempo, a manifestação de sua opção política, frente às condições opressoras imperantes em uma sociedade excludente.

Por sua vez, o *processo socioeducativo* é tido como mais uma forma de reconhecimento da condição de subordinação, resultado da manipulação da massa burguesa para uma determinada sociedade que, muitas vezes, este jovem em conflito com a lei não pertence.

A *restrição da liberdade* é uma ação pautada na legislação do país. O Estatuto da Criança e do Adolescente prevê proteção integral à criança e ao jovem. Quando este público comete atos infracionais, o Estatuto da Criança e do Adolescente traduz um conjunto de medidas que são passíveis de serem aplicadas, mediante a autoria de ato

infracional. Assim sendo, as características reconhecidas como família, incorporadas aos dispositivos legais como o Estatuto da Criança e do Adolescente, determina que,

Artigo 4 – É dever da família, comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com prioridade absoluta, a efetivação dos direitos referentes à vida, a saúde, a alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990).

No entendimento deste dever compartilhado com a sociedade em geral, o artigo 227 da Constituição de 1988 foi implantado em decorrência de mobilização social dos movimentos de valorização e de garantia de direitos que visam o desenvolvimento pleno da criança e do adolescente. Tal artigo possibilitou a legalização específica que regulamenta ações de políticas públicas para este público.

Todavia no contexto das entrevistas realizadas nesta pesquisa, fica claro, que há uma diferença entre o conceito de família que as leis brasileiras pressupõem e o conceito de família que os jovens transgressores possuem. Grande parte dos jovens colaboradores desta pesquisa são os principais provedores de seu grupo familiar, assim não vivenciam aspectos da proteção integral, pelo contrário, são eles que protegem seus familiares e auxiliam de maneira decisiva na manutenção da casa e criação dos irmãos. São papéis que desempenham como um processo natural, os irmãos mais velhos assumem as responsabilidades de subsistência da família e encontram no tráfico de drogas e outras atividades ilícitas oportunidades de remuneração.

O Estatuto da Criança e do Adolescente pressupõe prioridade incondicional no atendimento aos direitos enquanto cidadãos brasileiros. É tido como proposta social caracterizada, entre outras coisas, pela equidade de direitos e condições que devem ser estabelecidas, assegurando acesso a tais direitos. Em teoria trata-se de importante normatização da sociedade e poder público para com a realidade da infância e juventude, historicamente vitimadas pelo abandono e exploração econômica e social. Contudo o que se observa na prática é que o poder público não atinge a toda a população, fazendo com que grande parte dela seja excluída da citada proteção integral.

A despeito do Estatuto da Criança e do Adolescente, sua normatização em teoria contrapõe-se historicamente a passado de controle e de exclusão social, traduz direitos da população infanto-juvenil, uma vez que corrobora a necessidade de respeito à sua condição de indivíduo em desenvolvimento e em vulnerabilidade.

Ao mesmo tempo, o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE – que é o documento oficial da política nacional que propicia condições para se trabalhar com as Medidas Socioeducativas, é compreendido como uma política pública que busca a inclusão do jovem autor de ato infracional, trata-se também de uma política pública social de inclusão e implementação do atendimento das medidas socioeducativas previstas no ECA, nos artigos 112 e 55.

A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República – SDH/PR – é responsável pela articulação das políticas e normas regulamentadoras para a proteção e promoção dos direitos de jovens em cumprimento de medida socioeducativa. Sob a responsabilidade da Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente – SNPDCA – tal tarefa é executada pelo SINASE, por qual é organizada a execução das medidas socioeducativas aplicadas a jovens aos quais é atribuída a prática de ato infracional.

Instituído pela Lei Federal 12.594/2012 em 18 de janeiro de 2012, o SINASE é também regido pelos artigos referentes à socioeducação do ECA, pela Resolução 119/2006 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente – CONANDA – e pelo Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo – Resolução 160/2013 do CONANDA.

Como órgão gestor nacional do SINASE, a SDH/PR articula ações com instituições do Sistema de Justiça, governos estaduais, municipais e distrito, ministérios das áreas de Educação, Saúde, Assistência Social, Justiça, Trabalho, Cultura e Esporte.

Vinculada à SNPDCA, a Coordenação-Geral do SINASE coordena a execução da política nacional de atendimento socioeducativo, integrando as ações do SINASE dos diferentes ministérios e estabelecendo diretrizes nacionais de atuação – como aquelas previstas pelo Plano Nacional de Atendimento Socioeducativo, além de parâmetros arquitetônicos, de segurança, de gestão e de socioeducação para unidades.

O documento afirma também a corresponsabilidade familiar, governamental e Estado em diferentes níveis ao atendimento socioeducativo destinado aos jovens em conflito com a lei (BRASIL, 2012). O SINASE prevê que nos processos de apuração de autoria de ato infracional cometido por um jovem até o momento da execução de medida socioeducativa, deve-se seguir um conjunto de princípios de regras e critérios de caráter jurídico político, pedagógico, financeiro e administrativo.

O documento prioriza as medidas socioeducativas em meio aberto – prestação de serviço à comunidade e liberdade assistida – em detrimento das medidas privativas

ou restritivas de liberdade em estabelecimento educacional (semiliberdade e internação). Segundo o documento, trata-se de estratégia que busca reverter à tendência crescente de internação dos jovens bem como confrontar a sua eficácia invertida, uma vez que se tem constatado que a elevação do rigor das medidas não tem melhorado substancialmente a inclusão social dos egressos do sistema socioeducativo. Todavia, as medidas em meio aberto também possuem menor gasto aos cofres públicos, o que gera uma forma de avaliar tal procedimento como descaso com as necessidades dos jovens autores de ato infracional e sua (re)inserção social.

Observa-se que as políticas públicas ao mesmo momento em que proporcionam inovações capazes de oferecer às classes subalternas uma possibilidade de mudança, silenciam acerca da acomodação e adequação ao modelo educacional estabelecido pelo capital, para uma sociedade periférica no mundo.

Outrossim, os discursos transformadores veiculados pelas políticas públicas promulgam posições políticas e ideológicas de um grupo social, que não necessariamente correspondem aos interesses de todos os grupos sociais, uma vez que a sociedade não é um todo coeso, mas fragmentada, no qual o conflito se dá na coexistência das partes.

Assim, a socioeducação, enquanto práxis pedagógica pressupõe, em teoria, escopos metodológicos para um trabalho social, crítico e construtivo, frente a processos educativos orientados a discutir circunstâncias que limitam a integração social. Todavia a inserção social tem caráter amplo, dependendo de outras instâncias e não tão somente submetida a escolhas pessoais.

Nesta pesquisa a história escolar dos jovens autores de ato infracional apresenta um relato¹¹, no qual as dificuldades econômicas familiares, os limites da sociabilização em espaços públicos, as evasões, os abandonos e as inúmeras reprovações escolares traduzem em baixas notas e fracassos que conduzem tal jovem a abdicar de seus estudos, na busca por caminhos alternativos, entre eles, a transgressão. Há que se considerar, ainda, a existência de subsídios presentes nas falas dos jovens que questionam a concepção utilitária da real necessidade de escolarizar-se, frente às exigências do mundo do trabalho. Outros apresentam clareza em optar pelo trabalho – formal ou informal – pois é o que possibilita retorno financeiro imediato, coisa que a escola não proporciona.

¹¹ Tabela 1

Com 14 anos eu comecei num supermercado... aí parei de estudá. Depois fui montá móveis, que vem lá do Paraná. Hoje to desempregado, mas se eu arrumá um serviço eu pretendo trabaiá (Luan, 18 anos).

[...] eu não vou não, deixei a escola no primeiro colegial [...] eu nunca gostei de escola, é chato... não vo lá não. Eu quero trabalhar porque agora vou fazer 18, no mês que vem, aí se pega to ferrado, vo pra cadeia (Yuri, 17 anos).

Pelos excertos apresentados entende-se que os jovens em conflito com a lei, neste estudo, consideram a escola e o trabalho como caminhos antagônicos, ou seja, se escolhem um deles não poderá exercer o outro. Também há dificuldade em compreender qual a função da escola em suas vidas, uma vez que, além de ser um ambiente que não os acolhe e destituído de significado em suas realidades de vida, não almejam possibilidades de profissionalização e inserção ao mercado de trabalho formal, frente a diversas necessidades primárias não contempladas.

Haja vista que como é possível conceber sonhos e objetivos de estudo e formação acadêmica se vivem em condições sub-humanas, no qual seus lares são barracos semi-improvisados em que há ausência do mínimo? O que a escola e a sociedade burguesa oferecem a tais jovens é o que eles procuram? Como podem se considerar pertencentes a esta sociedade que os marginaliza e segrega?

Alguns trechos do Diário de Campo ilustram a observação e a auto-observação,

Hoje parecia mais um dia comum, uma quarta-feira em que me destinava ao Programa de Medidas Socioeducativas para minhas inserções na academia, junto aos jovens. E assim foi até o momento em que no meio da tarde fria de inverno inicia uma forte tempestade. Os jovens começaram a se agitar, deixando de lado seus aparelhos da academia e juntaram-se em um grande grupo na porta de entrada da academia. Fui ao encontro deles entender o que se passava.

Olhavam para o céu, para a chuva e comentavam “*essa é forte*”; “*hoje tá sinistro*”; “*ferrou o dia*”; “*bora pra casa mano*”.

Frases desta natureza eram ditas e recebiam a aprovação dos demais. Questionei o que estava acontecendo e um deles me explicou “*é que essa chuva vai ferrar a nossa casa, o barraco dona*”, outro ainda completou “*Tem meus irmão pequeno em*

casa e tem medo de chuva” e um para finalizar disse “Se o barraco cair tenho que tá lá pra cuidar do meu povo”.

Do diálogo e da constatação da aflição gerada pela chuva intensa questionei-me acerca das responsabilidades a que estes jovens em tenra idade estão expostos. As intempéries do tempo trouxe desespero a todos eles, que foram embora do Programa em baixo da chuva por mais que a Professora da academia os orientasse a esperar a chuva parar... [...] muitos esqueceram até de retirar o passe do ônibus que recebem diariamente. Refleti sobre os mais diversos direitos que a infância e a juventude preveem e, frente a esta situação, eles nem chegaram a conhecer tais direitos. O ato de estudar, neste caso, nem é considerado por eles. A escola está muito longe das condições em que eles vivem. (DIÁRIO DE CAMPO, 28/05/2014).

Os marginalizados sociais não se veem inseridos neste sistema educacional estabelecido pela ordem burguesa, uma vez que suas prioridades são outras, remetem-se às necessidades básicas, subsistência pessoal e familiar. Fica claro que a pobreza material não é a mais perniciosa, mas sim a pobreza política, sintetizada no impedimento da construção da autonomia. A escola perdeu há tempos seu escopo de construção coletiva de conhecimento e preparação para inserção ao mercado de trabalho formalizado, na medida em que não atinge tal objetivo em todas as sociedades.

Destaca-se que em teoria o acesso e a frequência escolar são priorizados legalmente e o ECA assegura ao todo 14 infrações de origem administrativa, oriundas da violação dos direitos fundamentais da criança e do adolescente. São provenientes de autuações da Vara da Infância e Juventude, representações do Conselho Tutelar e Ministério Público, seguindo o rito ordenado nos artigos 194 a 198, do referido Estatuto.

2.2 Jovens e o Tráfico de Drogas

*Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome pra lhe dar*

*Como fui levando não sei lhe explicar
Fui assim levando ele a me levar
E na sua meninice, ele um dia me disse
Que chegava lá
(Chico Buarque – O meu guri - 1994).*

A ausência de perspectivas e de oportunidade social, associada à necessidade econômica, viabiliza a entrada, muitas vezes, no mundo do crime e do tráfico. Desde a infância é insuflado ao ser humano que a aquisição de bens materiais é o que garante a felicidade. Nesta medida, como alcançar a satisfação pessoal sem determinados bens? Crianças adentram ao mundo do tráfico, pelos relatos, sem nem mesmo notar, como se fosse um destino dado a todos aqueles que vivem em sua comunidade.

Nos relatos dos colaboradores deste estudo fica claro que tais jovens envolvem-se com os atos transgressores como um processo natural, no qual transmitem recados dentro das comunidades e tornam-se *aviõezinhos*, que trata-se do primeiro posto na carreira do tráfico.

Peguei na primeira vez 5 quilo de maconha pra vende. Me pegaro de cara, mas só com um pedacinho, o resto já tinha rodado. Fui pego. Mas num deu nada porque com 11 ano num faiz L.A¹². Com treze foi a primeira vez que fiz L.A. de verdade, rodei de novo. Fiz L.A. até com 15 ano. Sai do corre e voltei a estuda, tava de boa, tinha deixado memo o corre. Aí depois sai da escola, voltei pro corre e fui pego com outra vez, com 16 ano, quase 17 (Bira, 17 anos).

Meu irmão é mais velho e também usa, mas nunca foi pro tráfico, pro corre... Minha mãe sabe e não fala nada e nem pode porque é escolha minha e ela nem me crio (Yuri, 17 anos).

Ninguém me ofereceu, porque num tem essa de oferecê, você usa porque qué! Lá [na comunidade] eles usa [a droga] e pode ce do seu lado, que eles num vão te oferecê... é a lei, pá (Sorriso, 16 anos).

Eu comecei a andá com uma turminha e me envorvi com droga...mas com bastante memo, tudo quanto é tipo. Aí a policia me via e já pegava com droga, sempre isso. [...] Achava que já era do tráfico, mas eu num era nessa época. [...] Eu usava tudo quanto é coisa, tudo! Maconha, nine, crack, cola, lança

¹² Liberdade Assistida.

perfume... tudo. [...] Na época da nine, eu ficava magro, magro, magro (Luan, 18 anos).

Eu vendia... eu vendia droga e é um dinheiro... aí a policia pego eu. Me cataram na minha vida e pegaram 50 grama de maconha... 50, 52... Mais 3 pinos e uns 150 real em dinheiro. Aí já fui levado até o plantão, aí dero audiência pra mim, que so de menor. Eu compareci na audiência e me dero socioeducação. [...]Num sei [há quanto tempo estou no tráfico] uns três ano (Fabinho, 16 anos).

Ela [ex namorada] me disse que tem nojo disso do corre, do tráfico, das droga, da maconha. E por ela eu largo, até diminui meu ritmo na maconha. Por ela eu largo. Eu usava muito, putz... Arregaçava na nine. Usava desde os 14 até agora (Léo, 17 anos).

Eu vendia droga, dava certo... eu também uso, mas é só maconha. Nunca usei a nine, nunca. Só o lança perfume, até hoje. Mais não sô viciado, eu tenho controle. Os alemão pegaro umas veiz só, mas nunca acharo nada. Agora dessa veiz a casa caiu, deu b.o. e a casa caiu. Foi por causa de uma moto, fui assalta o cara da moto, roubei, mas o cara chamou os alemão e me reconheceu (Rogério, 17 anos).

Só maconha, nine nunca peguei não... Tinha uns 11 ano quando comecei. Oferecero na primera veis, mais eu num quis não. Depois eu comprei, tinha dinheiro. Fiz porque eu que quis e ninguém vai mandá em mim não (Marcola, 16 anos).

Posteriormente, com o passar dos anos, adquirem novas posições nesta carreira, no qual se tornam *fogueteiros* ou *foguetes*, que são aqueles que atuam na região mais alta da comunidade e disparam fogos na medida em que avistam a polícia ou avisam a população local que deve se recolher para as drogas adentrarem a comunidade, são os olheiros para o tráfico de drogas.

Nesta ascendência o passo seguinte é trabalhar com vendas dentro da *boca de fumo*, também conhecida como *biqueira* ou *lojinha*, local onde a droga é vendida e, em seguida, poderá se tornar o gerente da boca de fumo, que repassa as drogas para os vendedores e administra tais vendas.

Há aqueles, ainda, que assumem a função de *cobrador de dívidas* de drogas, tal cargo está intimamente ligado ao porte físico que corresponda a despertar medo naqueles que devem aos traficantes e não se responsabilizam pelo pagamento em dia de suas dívidas.

Já apanhei muito da policia... soco no rim, na perna, pisão na cabeça... tem que aguentar as consequência. Mas também bati muito, o cara me devia 800 real. Nois falo com o irmão lá e arrasto ele pra quadra, nois tava em quatro (Rogério, 17 anos).

Eu num marco pra ninguém, num vendo fiado. É só no dinheiro, fiado num dá. Depois num recebe e a dívida do outro, fica sua. Nas quebrada nós faiz diferente. Dinheiro pra cá e droga na mão. Porque quando os alemão pega... vixiii, só apanha (Bira, 17 anos).

Dessa forma, de acordo com os colaboradores deste estudo que vivenciam o cotidiano do tráfico, há o registro de que se ganha muito dinheiro, todavia o risco de vida é eminente à atuação no tráfico. Os jovens adentram a esta rotina do mundo do crime em tenra idade e incorporam atitudes e comportamentos inerentes a este mundo, perdendo ou mesmo nem chegando a compreender o valor da infância e os direitos que possuem. Arriscam suas vidas, pela prática de atividades ilícitas, em nome da subsistência pessoal e familiar.

A violência, tornada banal, permite a transgressão de qualquer conceito de cidadania. A fronteira entre o legal e o ilegal se torna então tenuidade. [...] A condição que sustenta o modo como o tráfico de drogas se organiza é a ilegalidade (FEFFERMANN, 2006, p.24).

O ciclo do tráfico pressupõe sedução social, uma vez que o acesso ao poder, o domínio, o reconhecimento, a autoridade, as informações privilegiadas, a carreira, as regras e o medo constituem aspectos que também trazem estabilidade financeira e segurança para as famílias vulneráveis socialmente.

De acordo com os depoimentos, os jovens se expõem nesta vida, ganham dinheiro e vivenciam a marca indelével da transgressão.

Quando os alemão pegaro apanhei um poco... bate no peito, nas costas... nos lugar onde não fica marca e preto num aparece direito as marca. Pescoço num bate, tá ligado?! Tem que guentá, num pode reclamá que apanha mais, pá (Sorriso, 16 anos).

Depende do dia... depende da semana... Tinha dia que é uns 500 real. Eu gastava tudo no baile funk, comprava umas ropa... só de vez em quando ajudava em casa. Quem segura as ponta lá é minha mãe, que é empregada doméstica, e minha irmã que travaia numa lotérica (Bira, 16 anos).

É complicado [o risco]... era grande porque eu guardava as coisa em casa... era pior. Mas minha mãe nunca viu, tudo ficava escondido. Eu guardava no meu quarto, tinha tudo numa bolsa que eu escondia debaixo da cama. E quando a minha vó ía limpa o quarto, eu tirava e colocava no telhado... a casa é veia e tem um tipo de uma casinha no telhado e eu colocava lá. Minha vó tava desconfiando, porque eles ía lá busca droga às 6 da manha, de madrugada... aí eu tinha que saí lá fora e entrega a droga pra eles, era foda. Aí minha mãe e minha vó começaram a percebe... discutia (Eduardo, 18 anos).

Eu ganho por pacote, é isso que eu ganho. [...] por pacote eu ganhava 50 real, no lugar que eu vendia. É por horário. Eu travaio às 6 e saio às 10... seis da tarde às dez da noite. Eu ficava lá na quebrada, do meu bairro (Fabinho, 16 anos).

Num tava armado, foi só no grito. Segurei ele e disse que era pra dá o celular. Aí ele deu o celular e saiu correndo, entrei no mato que eu já tinha dexado minha bolsa. Mai daí a polícia já tava atrás. Corri, mai num deu. Me pegaro rápido, nem deu pra pensá (Yan, 16 anos).

Feffermann (2006, p.54) afirma que “A caracterização do tráfico de drogas como crime organizado é polêmica, uma vez que as regiões têm meios distintos de atuação. Apesar de todo o processo global, as características locais imprimem um funcionamento próprio”.

Concomitante a conquista de poder econômico, o tráfico de drogas suscita uma dependência análoga ao uso de drogas. São crianças que se desenvolvem nesse meio até a fase adulta, trata-se de uma formação humana e cultural, cerceadas por processos educativos não escolares e apreendidos ao longo da vida. Assim sendo, a identidade vai se estabelecendo dentro deste contexto, com os valores e normas que são peculiares dentro deste sistema.

A possibilidade de construção de uma identidade desses jovens, perante a irracionalidade da sociedade capitalista, ocorre também a partir do ato de consumir. Esse jovem é valorizado se absorve as regras e valores da sociedade de outra forma, e esse mesmo jovem é transformado em um exemplo negativo, que supostamente explica todas as desgraças sociais. [...] Assim, a criança e o jovem que moram na periferia, no caso de São Paulo, estão submetidos a muitas opressões no processo de construção de suas subjetividades. Esses jovens buscam uma identidade com base no consumo, no poder, no dinheiro (FEFFERMANN, 2006, p.95).

Verifica-se que os referenciais de organização não fogem do convencional das normas burguesas vigentes, mas adquirem significações diferenciadas e, dessa forma, constituem uma rede hierárquica que é respeitada dentro do tráfico, uma vez que se trata de regras constituídas por uma rotina rígida de comportamento esperado. São normas que, por sua vez, não necessitam serem registradas em forma legal para serem obedecidas, é inerente ao comportamento, já que é esperado seu cumprimento, a fim de não trazer consequências, entre elas, as execuções. O código de registro é diferente de

outros grupos sociais, não se estabelecem em artigos e decretos, mas é incorporado naturalmente em uma comunidade.

Na ausência de uma efetiva ação social por parte das políticas públicas, a organização do tráfico de drogas é o maior poder dentro das comunidades excluídas socialmente. Ao responsável pelo tráfico em um determinado espaço também cabe resolver questões da vida cotidiana, como promover alimentos e lazer a sua comunidade, construir benfeitorias na região, solucionar problemas imediatos de saúde e familiares. Neste contexto, os moradores das citadas comunidades recorrem aos traficantes, a fim de auxiliarem na resolução de seus dilemas sociais. Dá-se a formação de uma sociedade paralela, no qual a administração pública transforma-se em caráter particular.

Vale ressaltar que a prática dos atos transgressores oferta a seu autor o prestígio social em seu grupo social, demonstrando diferenciação na escala de valores.

Eu conheci e conheço os cara... aí entrei no corre... tudo porque eu quis (Marcola, 16 anos).

Primeiro eu comecei a vender droga na esquina, vendia a noite inteira... aí depois de uns 5 meses eu virei gerente da biquera...aí so ficava na minha casa soltano a droga pros pessoal vende. Ai começamo a apanhar da policia... tinha umas meninas que ficava comigo. [...] Ela [mãe] sempre ía me buscá e eu voltava pra casa, mas passava uns dias e eu começava a sair e voltava tudo de novo (Bárbara, 16 anos).

[...] tenho padrinhos, os da vida, que me dão os back de graça, me dão as roupa e os tênis que eu quero, sou liso e eles gosta de mim (Yuri, 17 anos).

[...] precisano eu vó atrás sim, conheço os cara, dá certo.[...] Minha mãe é aposentada, o dinheiro é curto...pra nois tudo, num dá (Igor, 17 anos).

[...] minha mãe num sabia de nada do que eu fazia, mas eu ía lá dá uma força no barraco. [...] Nessa vida é assim memo, num tem que se arrepende, é sempre assim, mas a gente pega dos boy só. Deu 155, sem dó. (Léo, 17 anos).

Ninguém me chamou, eu conhecia os cara (Rogério, 17 anos).

Outro ponto a ser ressaltado é a forma como administram as penalidades que recebem. Quando considerados efetivamente como um jovem em conflito com a lei buscam subterfúgios para ainda assim conduzirem a situação, muitos sinalizam que se utilizam de representações e disfarces para manipular a situação:

Eu até falei pro Juiz que me arrependi, mas num dá nada... Falei que arrependi pra o Juiz aliviá a pena, mas eu não arrependi. Se eu tiver oportunidade, quando eu sai daqui eu volto pro corre... é lógico (Rogério, 17 anos).

E pro Juiz eu faço cara de bonzinho e falo até que arrependi, pra não embaçar, pra aliviar a pena, mas é só cara de coitado mesmo. [...] eu quase choro na frente dele, rs, quero mais é sumir dali e voltar pro meu canto (Fabinho, 16 anos).

O juiz falava comigo e eu nem dava bola, tava pensando em quanto de droga eu tava precisano vende... era uma perdida (Bárbara, 16 anos).

Esperei na cela a minha mãe chegá e o Juiz dá orde. Num arrependi, mas falo que dei uma arrependida pro Juiz aliviá, rs. Mas agora num posso fazê muita coisa, daqui a pouco faço 18, fico de maior e dá rolo grande. Vo te que trabaiá e arruma serviço memo [...] (Bira, 17 anos).

Em um julgamento a questão interpretativa das leis e normas vigentes é central no processo. Entende-se que o juizado interpreta a lei por meio de sua trajetória, no qual a história de vida de jovens em conflito com a lei é, por vezes, ignorada. O que se verifica é que a unilateralidade interpretativa é que conduz o processo de atribuição das medidas socioeducativas.

A forma de inserção no tráfico e as razões que conduzem a tal situação são inúmeras, uma vez que estão inteiramente correlacionadas às vivências individuais destes jovens. Pelos depoimentos oriundos desta pesquisa, nota-se que em grande parte a questão de falta de acesso a condições mínimas de alimentação, moradia, estudo, lazer, proteção, respeito, são apenas alguns fatores que conduzem a minimização de escolhas possíveis, que garantam a dignidade do ser humano. Quais outras escolhas possíveis a jovens vulneráveis socialmente dentro de uma sociedade classista, machista e discriminatória?

Todavia, nesta pesquisa, há relatos que descrevem que a entrada no mundo do crime foi uma escolha, por fascinação ao poder e ao retorno financeiro proporcionado, bem como a sedução pelo perigo e status de coragem, valentia.

2.3 À Margem da Imagem: mecanismos de violência e exclusão

Somos todos iguais perante a lei.

Perante que lei? Perante a lei divina?

*Perante a lei terrena, a igualdade se desigualava
o tempo todo e em todas as partes, porque o poder tem o
costume de sentar-se num dos pratos da balança da
justiça.*

*[...] A desigualdade perante a lei é o que fez e
continua fazendo a história real, mas a história oficial
não é escrita pela memória e sim pelo esquecimento.*

*Bem o sabemos na América Latina, onde os
exterminadores de índios e os traficantes de
escravos têm estátuas nas praças das cidades e onde as
ruas e as avenidas costumam levar
os nomes dos ladrões de terras e dos cofres públicos
(GALEANO, 2011, p.207).*

Os sujeitos desta pesquisa é a representação social de um objeto não visível. Na medida em que se adiciona o conceito social à presente discussão destina-se a circunstâncias em que alguns sujeitos se encontram imperceptíveis nas relações sociais.

Entende-se, nesta medida, que se trata de um comportamento social que implica em não considerar o outro, não concebendo sua existência social, política e tudo o mais que decorre destas conjunturas. Assim, por objeto não visível, compreende-se como um processo de não aceitação, reconhecimento e total apatia em relação a indivíduos subalternos sociais.

Tal violência e exclusão social, por sua vez negligenciam ao outro o direito ao reconhecimento e à identidade social. São modos característicos de comportamentos normativos vigentes da vida cotidiana que não observa ou considera a existência do outro, atua de forma intersubjetiva e torna-se concreto em práticas do senso comum, nos diversos espaços sociais.

Neste contexto, a prática do ato infracional, por sua vez, carrega em si determinados estigmas, que marcam a vida do autor, bem como podem dificultar a participação do mesmo na sociedade tida burguesa. Os estigmas são como rótulos, que definem algo e/ou alguém a partir de um fato relevante e não considera o ser humano amplamente, que pode ter passagem pelo Programa de Medidas Socioeducativas e, ao mesmo tempo, ser um aluno de destaque na escola.

A imagem carregada de estigmas pejorativos pode ser fator prejudicial à inserção do jovem aos diferentes espaços sociais, como o ambiente escolar. A imagem de criminoso gera a exclusão de empregos formais, a vida produtiva, social e cultural dentro da nossa sociedade. Por sua vez, nesta perspectiva, ressalta-se a imagem de *bandido*, que aos poucos é personificada pelo jovem, que a partir deste estigma social e pelos inúmeros pré-conceitos e julgamentos experimentados, passa a viver e agir como um bandido.

Os depoimentos mostram como os jovens sentem-se dentro da estrutura social vigente, que produz e reproduz indiferença.

*Eu fiquei quatro dias no NAI... num quero mais isso, cê é loco?!
Vixi é fera... trancado, preso... nós é serumano... nem bicho
consegue fica trancado que morre (Sorriso, 16 anos).*

*Tem uma guardinha lá [NAI] forgada, hein?! Chama nois de
verme, de aids do mundo, que tem que morre. Fiquei poco
lá...umas duas hora (Bira, 17 anos).*

A última vez que eu fui presa eu tava com pino, apanhei muito... olha essa cicatriz no meu rosto! Eles me jogaram na parede, bateram mais no meu rosto (Bárbara, 16 anos).

[...] tinha meu primo lá, amigo envolvido... e tinha mais oportunidade [que o emprego formal], porque ficava em casa, nem tinha que fazer nada (Eduardo, 18 anos).

[...] ganha dinheiro mais rápido... eu ganhava uns 150 por dia no corre. E no lava rápido eu ganho 30 por dia... (Fabinho, 16 anos).

Goffman (1981) caracteriza os estigmas como atributos depreciativos, comparando-os a incapacidade, desonestidade, vício e bandidagem, que permitem *coisificar* o ser humano, reduzindo-o como seres, aquilo que “[...] não são completamente humanos” (p.7) e determinando sua identidade e grupo social. Aquele que estigmatizado vivencia a discriminação e vê reduzidas as chances de participarem de uma sociedade que acolhe e dá oportunidades de emprego e subsistência.

Os denominados *comportamentos desviantes* que geram o ato transgressor são tidos como atitudes que vão de encontro às normativas burguesas vigentes de conduta convencional estabelecida pela sociedade, que regulam o comportamento humano entre bom ou mau. Todavia, o comportamento bom ou mau é assim caracterizado aos olhos de quem? A favor e contra quem essas denominações beneficiam? (GOFFMAN, 1981).

Os estigmas inviabilizam a inclusão nas relações sociais e, de acordo com Goffman (1981), podem ser geradores de danos à plena saúde física, mental e social do ser humano.

O autor exemplifica por meio da fala de um autor de crimes,

[...] embora elas sejam boas e gentis, para mim, realmente, no íntimo, o tempo todo, estão apenas me vendo como um criminoso e nada mais. Agora é muito tarde para que eu seja diferente do que sou, mas ainda sinto isso profundamente: que esse é o seu único modo de se aproximar de mim e que eles são absolutamente incapazes de me aceitar como qualquer outra coisa (GOFFMAN, 1981, p.15).

O autor nos mostra quão intenso são os reflexos do preconceito e estigmas, gerando dificuldade nas relações sociais e deixando marcas nos marginalizados.

Nesta perspectiva, é possível afirmar que o jovem ao infracionar se apropria da violência para tentar afastar-se da condição de objeto social. Historicamente os objetos

sociais eram as mulheres, as crianças, os negros, os índios e os escravos, ou seja, aqueles que pertenciam à margem da estrutura da vida privada. Paradoxalmente, na sociedade contemporânea, o privado tornou-se público e a visibilidade é a procura incessante não simplesmente dos excluídos sociais, contudo de toda uma sociedade. Dessa forma, de igual maneira é o comportamento do jovem em conflito com a lei, inserido nesta sociedade contemporânea, que apresenta normativas que mais os afastam da vida social pública, que os mantém nela.

Os atos transgressores também possibilitam a conquista de bens materiais, que seduzem ao mesmo tempo em que proporciona poder. É como se ao conquistar determinados objetos e alimentos, deixassem para trás a vida de violência e exclusão social que estão imersos.

[...] ganhava bem. Tinha mês que era 1000, tinha mês que era 2000 e eu tinha 10 anos. Eu gastava tudo, comprava roupa, tênis e também dava pra minha mãe (Rogério, 17 anos).

Robei para rodá com esse dinheiro... comprá as minha droga, roupa... minhas coisa (Yan, 16 anos).

[...] fui traficá e saí de casa de veiz, morava sozinho. Tinha dia que eu num trampava, então zerava. Tinha dia que pegava firme e ganhava 60 por hora. Ganhava muito, muito mesmo, era muita grana. Eu era do corre, entrei com 15 anos... sempre trafiquei e com 16 comecei a roba. Quando a gente tá nessa vida, nem sente nada, nem medo, nem nada... vai e pronto (Léo, 17 anos).

Roubei, né?! Peguei 157, que é robá a mão armada. Eu tinha a minha arma e tava precisano de dinheiro...tava no corre, peguei e fui robá. Eu escondia a arma no meu quarto, ninguém sabia. Comecei no corre com 10 anos, mas nessa época eu num robava, só traficava. Mas agora que cá foi só no 157, num deu tráfico não. Os robo eu comecei com 13 ano, mas só de quem tem, os play, nois num roba de quem num tem...se põem no lugar, os pobres é igual nois (Ygor, 17 anos).

Eu ajuntei dinheiro quando eu sai... ajuntei dinheiro, comprei uns bagunho e saí fora. Comprei minha bicicleta, uns bagunho e saí fora (Fabinho, 16 anos).

O enquadramento como autor de atos transgressores pode ser compreendido no contexto da abertura para a visibilidade no meio social, todavia concomitante a tal comportamento, entende-se que também pode ser um dos caminhos para o envolvimento com o ato infracional. Portanto, a violação de direitos legais ao jovem se acentua nas relações de formação humana, econômicas, sociais e familiares que o mesmo possui. Nesta medida, quando o jovem se constitui no sujeito histórico *jovem em conflito com a lei* passa a trazer consigo o estigma de bandido.

Assim sendo, jovens transgressores são concebidos em âmbito significativamente fragilizado em meio social. Na medida em que permanecem neutralizados pelos sistemas econômico, político, social e escolar, não tendo reconhecimento social enquanto sujeitos detentores de direitos, certamente buscarão outras formas de inclusão social.

Qualquer que seja o nome com o qual se condecora, o detentor do poder cristaliza a energia interna da comunidade, mobiliza a força imaginal que a constitui como tal e assegura o bom equilíbrio entre esta e o meio circundante, tanto social quanto natural. [...] que se expressa até na racionalidade e na funcionalidade da burocracia (MAFFESOLI, 2011, p 29).

Maffesoli (2010) analisa o substrato social e defende que o mundo como está posto, que pressupõe um único sistema, quando na realidade deveria considerar o conceito de sistemas, no plural, é análogo a um romance, onde aqueles que transgridem são considerados exceções e com problemas pessoais. O *mundo* realmente é um só mesmo, literalmente, todavia trata-se de uma realidade única para condições múltiplas.

É, sem dúvida, perigoso talhar-se num mundo sob medida; isto traz sempre consequências. E a burocracia, a violência de Estado, o terrorismo e a tecnoestrutura, para citarmos apenas alguns problemas contemporâneos, prosperarem à sombra da tutela de pensamentos

críticos ou institucionais que sempre sonham com um mundo “devendo ser”, em vez de observar o que realmente existe (MAFFESOLI, 2010, p.213).

A prerrogativa da negação dos direitos básicos, da cidadania para a juventude, retira a condição de cidadão, enquanto sujeitos e/ou atores políticos partícipes, com possibilidades de escolhas e decisões que afetam sua vida e seu futuro, pressupondo conflito de classe. Trata-se de uma perspectiva que alimenta situações de não reconhecimento, preconceitos, estigmas, marginalidade e exclusão social. Ressalta-se que a tão esperada inclusão social compunha as prioridades governamentais, a fim de mobilizar as autoridades políticas.

[...] não é mais possível pensar nessas pequenas sociedades fragmentadas com os conceitos de instituição, de estrutura e de relação entre eles, conceitos elaborados em três séculos de modernidade homogeneizadora. Talvez seja até mesmo necessário pensar fora da História, pois o que tende a predominar é a ordem das pequenas histórias locais, dos acontecimentos, do que acontece, de maneira mais ou menos efervescente, em estado puro. Certamente não se pode silenciar sobre o que provoca incômodo e incompreensão (MAFFESOLI, 2011, p.15).

A sociedade da forma que se organiza, pautando-se pelas necessidades burguesas não possibilita a participação, tampouco considera as necessidades, daqueles em desprestígio social. Para jovens de classe baixa, que vivem em uma sociedade racista e elitista, é fato que se tornam invisíveis aos olhos da elite. A transgressão, por sua vez, valoriza tais jovens, colocando-os em lugar de destaque social, mas não da sociedade anterior, pela coragem, bravura e esperteza, ou seja, torna-se reconhecido por outro código de valores. Nessas condições, o jovem se torna protagonista social, já que de alguma forma conseguiu trazer a atenção para si e, muitas vezes, a entrada no mundo do crime seja uma tentativa última de reforçar a identidade de provedor, forte.

O excerto do diário de campo abaixo representa uma forma de violência ao constatar uma infância roubada, pelo sistema social excludente.

Mais um dia de inserção no Programa de Medidas Socioeducativas, sempre permeado de novas histórias e acontecimentos, por mim, inesperados.

Observei que dois jovens dialogavam mais reservadamente, após os exercícios e me aproximei deles. Notaram a minha presença e me convidaram a descobrir o que eles possuíam no bolso. Afirmei que não imaginava e em um ato de surpresa para mim um deles retiram do bolso várias bolinhas de gude.

Fiquei por alguns segundos observando a ação deles, que após os exercícios da academia, ficaram simplesmente brincando com as bolinhas de gude. E me disseram “*Vamo vê quem ganha?*”

Parecia mais uma atitude rotineira para eles, quando em mim emergiu uma série de questionamentos acerca de quem é esse jovem autor de ato infracional: um tirano social que ameaça a paz de pessoas abastadas ou uma criança que ainda tem a necessidade de brincar em seu pouco tempo livre, considerando que eles são “trabalhadores” do tráfico? Estamos julgando adultos ou crianças? E ao julgarmos, será que consideramos quem eles são neste contexto social?

Os vejo como crianças e jovens que tudo foi tirado, que assumem aos 9 anos de idade funções de provimento e proteção familiar, que nós, resultado da sociedade burguesa, assumimos – quando o fazemos – tais funções em fase adulta.

Vejo um rompimento daquilo que o ECA denomina de adolescência, pois esses jovens decididamente não vivenciam essa fase, são transportados da infância para a idade adulta, pois responsabilidades maiores adentram a seus lares (DIÁRIO DE CAMPO, 11/06/2015).

A violência e exclusão social afeta cada vez mais a maioria da população, as pessoas de classe baixa, com pouco ou nenhum grau de escolaridade, como se observa neste estudo. Todavia, se é maioria, por que não se consegue concebê-los e o Estado criar ações preventivas?

Minha mãe e minha irmã trabaia, sempre manteu a casa... meu irmão também trabaia, mas só eu que fui pro corre... eu uso arma, os cara me ensino... não são amigo, são colega... (Rogério, 17 anos).

Agora que fiquei de maior tenho que tomar cuidado... não tenho muita fala co meu pai, mai ele sempre dava conselho... mas agora to batalhando. Meu pai é pedrero e ele e minha mãe nunca participaro dessas coisas de robô, nem de droga, são

trabalador honesto. Só eu fui meio vagabundão, mas agora eu não quero mais isso não (Marcelo, 18 anos).

[...] mas num faiz nem um mês que eu entrei nisso no corre e já cai... foi por causa que meu pai e minha mãe largo... minha mãe tinha acabado de descobri que eu tava fumano maconha... (Sorriso, 16 anos).

[ganhava] Uns 500 real por dia. Gastava tudo no funk e droga, mas só maconha hoje. Quando comecei com 11 ano eu usava tudo, a nine também. Cherava e fumava. A nine faiz uns 2 ano que larguei ou menos, num lembro direito (Bira, 17 anos).

Entre no corre tinha uns 10 ano. Entrei porque eu quis entrá! Morei na favela, moro na favela e lá é assim! Sempre vi... eu quis entrá. Num só santo disfarçado não, sô isso memo (Marcola, 16 anos).

Eu comecei a usa drogas com quatorze anos, comecei na maconha e fui pra cocaína, aí foi feio... emagreci 7 quilos de cara...fui emagrecendo cada vez mais e não largava. Fui larga da cocaína aqui na Medida, depois de um tempo... [...] O dinheiro do corre é bom, mas vai tudo embora fácil. O dinheiro é pra usar nessa loucura de vida. É um aqui e outro lá na china que guarda o dinheiro que ganha. Eu ganhava uns 350 por dia. Era bastante dinheiro, mas tinha o aluguel da onde a gente morava, água, força... tinha que vende pra paga tudo isso e ainda usa a droga. Eu nunca fiquei devendo, mas tem muita gente que deve e perde a vida por 30 reais de dívida (Bárbara, 16 anos).

Fica claro que se trata de um acontecimento político que se relaciona com a diversidade entre as classes sociais em decorrência do passado histórico. O poder opressor não emana tão somente pelo Estado e seus mecanismos de vigilância, alcança patamares máximos, propagando-se quase que invisivelmente por meio dos agentes sociais, as instituições. Trata-se de um processo disciplinar perpassa o tempo constituindo-se em complexo e ativo através da história.

Do ponto de vista sociológico, o não enxergar é conflitante com a realidade atual, uma vez que as pessoas observam, todavia optam por não se posicionar. O excerto do diário de campo demonstra a cegueira social vivenciada pela nossa sociedade,

Nas mais diferentes surpresas que as inserções ao Programa de Medidas Socioeducativas me proporciona, um descobrir e redescobrir de histórias e vivências tão singulares, sempre me surpreende o aprendizado que estes jovens me trazem. São aprendizados de uma nova linguagem, comportamentos e, especialmente, aprendo com aquilo que eles simplesmente não falam, com seus silêncios, gestos e olhares.

Hoje vejo entrando pela porta principal uma jovem menina com um carrinho nos braços e, dentro do mesmo, observo um bebe de poucos meses de vida. Trata-se de uma jovem que cumpre medida socioeducativa e quando entrou no Programa estava grávida e agora permanece no mesmo, carregando seu pequeno bebe. Ela ficou pouco tempo, dialogou com a professora e foi embora carregando seu filho.

Enquanto pesquisadora questiono sobre quem dos dois – a jovem e o bebe – estavam cumprindo medida socioeducativa? Vi uma mãe – uma mulher adulta – e seu filho ou duas crianças adentrando ao Programa? Considerando todo o contexto, o que a sociedade e as políticas públicas efetivamente proporcionam aos seus filhos?

Foram um misto de informações ao ver aquelas duas crianças. Pensei na jovem. Uma menina, uma jovem, uma jovem em conflito com a lei, uma mulher, uma mãe... uma criança. Pensei no bebe... outra criança. (DIÁRIO DE CAMPO, 27/03/2015).

Esta cegueira social é proveniente do sistema capitalista, que pode ser considerado um dos causadores do fenômeno da violência e exclusão social, na medida em que se pauta no indivíduo e não na coletividade. Há um processo social caracterizado por atributos depreciativos que permitem fazer do ser social algo desprovido de condição humana.

Foucault (1979) pondera que neste contexto de violência e exclusão social são as formas de poder que assumem controle opressivo, entre eles o acesso ao conhecimento, ao saber. Este saber relaciona-se diretamente com as práticas políticas, jamais neutras. “A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Foucault (1987) afirma que "O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame" (FOUCAULT, 1987, p.143). Tal cegueira também pode ser entendida como uma vigilância, como mais um instrumento de poder da sociedade que infringe uma marca na consciência, na própria subjetividade do ser *des-humano*.

As relações de poder marcam a subjetividade do ser, a ponto da nossa sociedade ser criadora de jovens em conflito com a lei e, ao mesmo tempo, não saber o que fazer com a obra criada. "A disciplina "fabrica" indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício" (FOUCAULT, 1987, p.143). Nesta perspectiva, o autor esclarece que a coerção do discurso da massa é historicamente idealizada, todavia com o escopo de formação de domínio e obstrução da ação transformadora social. A fim de que se tenha a abrangência das ações de controle empregadas pelas instituições, ressalta-se decompor tais discursos e a complexidade existente em sua essência.

De acordo com Foucault (1979) os mecanismos que conferem poder são exercidos paralelamente ao aparelho de Estado. "As técnicas de governo se tornaram a questão política fundamental e o espaço real da luta política, a governamentalização do Estado foi o fenômeno que permitiu ao Estado sobreviver" (FOUCAULT, 1979, p. 292). As relações de poder e saber nas sociedades moderna objetiva construir *verdades* no qual o interesse maior é a dominação do indivíduo por meio de ações políticas e econômicas de uma sociedade de ordem capitalista. Esta então denominada *verdade* é resultado de insistentes coerções provenientes de efeitos regulamentados de poder.

Parece-me que o que deve se levar em consideração no intelectual não é, portanto, 'o portador de valores universais', ele é alguém que ocupa uma posição específica, mas cuja especificidade está ligada às funções gerais do dispositivo de verdades em nossa sociedade (FOUCAULT, 1979, p. 13).

Foucault (1979) aponta o intelectual como uma classe produtora das *verdades*, dos discursos advindos de uma classe burguesa que serve ao capitalismo e que, por sua

vez, persuade a coletividade alienada pelo domínio surgido de uma condição de vida estruturada a qual lhes conferem respaldo para o exercício de poder. “A característica dessas instituições é uma separação decidida entre aqueles que têm o poder e aqueles que não o têm” (FOUCAULT, 1979, p. 124).

Neste contexto, a proposta socioeducativa do SINASE, enquanto uma política pública para as instituições ainda necessita de reformulações para tornar-se algo concreto, pois o que se observa é que ela se solidificou como mais um local de reprodução de atitudes ilícitas, uma estratégia também de domínio econômico. O aparelho de Estado pode estar ou não relacionado com esses micropoderes, dispersos em diferentes políticas públicas, contudo em sua junção estabelecem uma trama de poderes com autonomia, gerando consequência política nesta esfera de poder. Assim sendo, Foucault (1979) diverge da concepção de que o poder está unicamente associado à questão de mercado. O filósofo realiza estudo de indivíduos no sistema prisional e, a partir dele afirma que o poder não se une ao aspecto jurídico e a utilização da força, somente, pois a repressão social não tem sustentação, se nutrida unicamente pela força.

O poder, por sua vez, apresentado como uma força negativa de castigo e repressão tem em sua natureza outras características, entre elas, algumas positivas que forjam uma sensação de segurança e proteção. Assim, intencionalmente é despercebido como formas de controle, pois em seu disfarce de *positividade* aprimora-se o indivíduo para então adestrá-lo. Nesta perspectiva tais formas de poder não possuem como foco especial aniquilar o homem, pelo contrário, a proposta é incentivá-lo a aprimorar suas capacidades técnicas para alimentação do sistema político e econômico, abrandando a possibilidade resistência política.

Seguindo a lógica de Foucault (1979) o poder desempenhado nas instituições reflete relações piramidais. Há uma pirâmide no sistema social, que mantém esta relação de poder e opressão. Assim nascem os ambientes destinados à socioeducação – seja de jovens ou adultos – que permitem à sociedade burguesa exercerem suas atividades e suas relações pessoais, como também em grupos, sem que as instituições mantenedoras do poder deixem de saber o que acontece com cada indivíduo em conflito com a lei, tentando persuadir constantemente esta sociedade de que a prisão tal como é resolve problemas de vigilância, nutrindo a imaginária segurança.

Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações [...] captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam [...]. Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício (FOUCAULT, 1979, p.182).

Uma análise histórica permite compreender que o comportamento social se mantém e cujo poder permanece concentrado em uma pequena parte da sociedade, que intencionalmente se beneficia de instituições e organismos para manipular e persuadir, neutralizando a massa e nutrindo mecanismos que impossibilite a ascensão social. Neste contexto destaca-se que é pela disciplina que as relações de poder se tornam observáveis, pois é por meio desta que estabelecem as relações opressor-oprimido, no qual “[...] a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir, que é apenas um modelo reduzido do tribunal” (FOUCAULT, 1987, p.149).

Ademais, Foucault (1979) sinaliza a população não apenas como força do soberano, mas como resultado das necessidades e aspirações, consciente daquilo que se quer e inconsciente em relação ao que se quer que a população faça. Dessa forma, o poder não está vinculado tão somente ao Estado ou a soberania, mas o poder encontra-se nas ações sobre as ações.

2.4 Jovens em conflito com a lei, a política e o social

“As situações nunca são nítidas, elas não são totalmente brancas, negras, cor-de-rosa, mas exprimem em tom escuro toda a paleta de cores do arco-íris: cada uma remetendo sub-repticiamente para a outra. [...] É nesse sentido, também, que existe uma estreita relação entre o trágico e a aparência. Esta, com efeito, simboliza a ligação entre profundidade e superfície, prazer e abandono, vida e morte. Em resumo, a dupla face das palavras, das pessoas e das coisas”.

(MAFFESOLI, 2000, p. 116-117)

O ser humano desenvolve uma relação singular com os sistemas de valores da sociedade à qual pertencem, apesar de constantemente se defrontar com as prescrições históricas sociais válidas para um conjunto da sociedade, em um dado espaço de tempo.

Nascemos em circunstâncias sociais concretas, em que se encontram sistemas estruturados de valores previamente definidos que são transmitidos como verdadeiros, maus ou bons, em determinada medida. A partir disso, as escolhas são mediadas por tais sistemas de valores. É como se o jovem em conflito com a lei mantivesse um diálogo constante com o passado – sistema de valores transmitidos por seus cuidadores – e com um presente que o mantém melancólico e, por vezes, com uma complexa e perigosa baixa autoestima que, entre outros fatores, pode estar associada à falta de perspectiva de vida em outros espaços sociais em que o reconhecimento lhe garanta outros tipos de oportunidade de viver sua existência e acessar aos bens culturais e econômicos na vida social.

Os excertos das histórias de vida dos jovens demonstram tal falta de perspectiva e culpabilização da fatalidade da vida,

Minha vida é assim... minha mãe trabaia eu trabaio... em casa nois vai levando a vida, as coisa do jeito que dá. Eu trabaio [...] que é coleta que eu faço, a coleta de caminhão. A minha mãe trabaia de faxineira, de doméstica. Eu vim parar aqui depois de um assalto, peguei o 155, que é assalto sem arma, aí fui... rodei... agora to aí... [...] Quando eu fui pro assalto eu num trabaivava, era de menor dona. Fui pro assalto por causa da fome e das droga, né?! Tava deveno muito pra traficante, aí fui pro corre pra paga. Eu uso só maconha, desde os quinze (Marcelo, 18 anos).

Minha vó morreu e umas par de gente da minha família, aí num deu... fiquei mal. Morava na casa minha mãe, minha vó, minha tia e meu tio. E aí morrero minha vó, minha tia e o tio, de idade... só fico minha mãe e eu. Sofri muito, sinto falta deles. Em treis meis eles morrero tudo. Aí fui pro corre, por causa que falto dinheiro também e minha mãe num dava dinheiro não, nem tinha (Bira, 17 anos).

Eu nasci qui memo... Tenho só mãe... conheci meu pai, mais nunca vivi perto, ele tá preso... foi preso por um monte de coisa (Marcola, 16 anos).

Sonho te uma família. Porque trabaia num é sonho, tem que trabaia e pronto (Rafa, 16 anos).

Tenho pai e mãe, mas fico só com a minha mãe, meu pai é chato... ele se separo da minha mãe eu era pequeno, mas num lembro a idade direito. Ele num vai me vê e eu também não. Eu sei que ele paga pensão, mas é só isso que eu sei. Tenho mais 5 irmão. Mas na nossa casa só mora eu e minha irmã, que tem 19 ano. Ela que cuida deu. [Moro com minha irmã] Por causa dos problemas que eu tive... problema de justiça. Os bagulho que eu fiz na Vila lá, né?! Ela num aceito e molhô pro meu lado. Eu fui trafica, né?! Ela num quis isso e mando eu i morá com minha irmã (Léo, 17 anos).

Eu participava do corre, comecei com 10 anos. [Sua mãe perguntava de onde vinha esse dinheiro?] Perguntava, mais... ah, eu falava a verdade. Ela se importava, mas não tinha nem como fala nada. Ela dizia que era perigoso, mas e a fome? Venho [ao Programa de Medida Socioeducativa] porque é obrigado, mas até que é legal a academia. Todo mundo tem vontade de trabaiá certinho, mas num tenho sonho, nois num consegue porque o povo te julga pela aparência e ninguém dá espaço pra trabaiá, só sobra o corre (Rogério, 17 anos).

Mais que um problema social, a existência de jovens e até mesmo muitas crianças em conflito com a lei, são uma denúncia, um alerta da falência das promessas da sociedade capitalista, que postula, entre outras coisas, a aquisição de bens de consumo como o alcance do bem-estar e a felicidade. É como se todas as dificuldades e problemas humanos pudessem ser abrandados com a conquista material.

Estar na condição de cumprimento de uma medida socioeducativa é realmente denunciar um conflito com a lei? Ou seria o conflito em outra esfera social? O que orientam as escolhas dos jovens? Suas ações podem ser entendidas como escolhas?

Destaca-se que diferentes ambientes e estratos sociais estão marcados por sistemas de valores também diferentes. Outro ponto a considerar é que ao longo da vida observam-se outros sistemas de valores, próprios de outros ambientes ou mesmo pertencentes a sociedades mais antigas. Isto pode representar que há uma relativa autonomia de interpretação e de escolha, visto que a situação social em que nos encontramos e os diferentes sistemas de valores que coexistem em um momento histórico específico se constituem em possíveis limites para a interpretação e realização de valores.

A dinâmica social política totalitária busca impor e preservar a ordem, bem como promover o denominado progresso. Na prática a doutrina se traduz em uma

extrema concentração de poder nas mãos do governo, uma espécie de ditadura republicana.

Maffesoli (2000) sinaliza que o ensaio de impor o poder e garantir o progresso a um conjunto da sociedade, exposta nos ideais positivistas, seria uma das principais características da sociedade moderna ineficiente.

[...] o poder atua afinal como um simulacro, algo que tem o seu lugar, nem mais nem menos, na teatralidade social. De fato, pode-se verificar que, para além do controle e da dominação, para além do poder e da contestação ou de sua ‘revolução’ (*revolvere*), há sempre vida, e isso é que na verdade traz problema. Não obstante as imposições mortíferas, as normas e o dever-ser, em suma, apesar de tudo o que reprime a expansão natural, observa-se a persistência social que se exprime de múltiplas maneiras (MAFFESOLI, 2001, p.32).

A extensão e o alcance dos modelos políticos totalitários no meio social não garantem o acesso a toda a sociedade. Sendo assim, de acordo com Maffesoli (2001) a proposta de controle, autoritarismo e revolução atua tão somente em uma pequena parte social, possibilitando a outros substratos sociais a resistência e o questionamento da ordem imposta.

A modernidade se caracterizou pelo individualismo, com sociedade contratual, centralidade da razão, educação como domesticação para a sociedade disciplinar, visando o enquadramento da juventude no mundo do trabalho e da cidadania. Mas, assim como a escola era o remédio ruim para garantir um futuro melhor, a modernidade era marcada pela esperança no futuro, fundada na crença do progresso da humanidade. Uma crença que fazia dos homens e mulheres, dos jovens e dos trabalhadores, atores da história, voltados para as grandes causas sociais, como a liberdade, a democracia, o socialismo utópico, o socialismo científico..., porque a política era entendida como ação voltada para a busca da “felicidade geral” – coisa em que hoje, nem as crianças acreditam (MARRACH, 2006, p.133).

Dentro da perspectiva de pluralidade social estrutural, as histórias de vida apresentadas nesta tese elucidam a necessidade em se adquirir bens de consumo como forma de sobrevivência e status social dentro da sociedade ao qual pertencem. Sociedade esta com códigos e valores não comuns a sociedade dita burguesa.

[...] eu pegava meu dinheirinho e ajudava em casa. [...] Eu comprava alimentos e pra mim umas ropa, um chinelo (Marcelo, 18 anos).

Tava robano uma moça... [...] tava chegano o final de semana e eu tava sem dinheiro pra sai ca minha namorada, me deu loco memo!

[...] Ah, meu pai e minha mãe sempre me dava dinheiro, sempre que eu pedia eu tinha... aí largaro e fecho o tempo, o dinheiro foi cabano... eu tive que entra no corre (Sorriso, 16 anos).

[...] comprava era uns par de ropa, moveis para casa da minha mãe... eu levava ela na loja pra compra (Bira, 17 anos).

Eu fui casada com um cara, um traficante. Eu fiquei com ele seis meses, já namorava a minha namorada e larguei dela pra ficar com ele. Eu conheci ele com 14 anos e já tava mais alta no crime, e ele era traficante dono de biquera. Dava um respeito na favela (Bárbara, 16 anos).

[...] eu gastava tudo [dinheiro conseguido no tráfico] na boate, no putero, eu pegava as melhor mulher. Sempre peguei. Eu gastava tudo, do jeito que entrava, saia também... comprava relógio, correntinha, roupa e tênis, que eu gosto. Nunca ajudei em casa, porque minha mãe é doméstica e meu pai tem essa coisa da igreja, então eu gastava comigo mesmo, cas coisa que eu sempre quis ter (Yuri, 17 anos).

Para Maffesoli (2000, 2001) a crença na humanidade não passa de mera ideologia ou mito, uma vez que a precariedade da existência se foca na satisfação das necessidades mais imediatas da fragilidade do ser humano. A tragédia social humana, a violência e a impiedade como destino emergem a voracidade pela sobrevivência, no qual o denominado ato transgressor é tido como tal somente a alguns, sendo para outros uma forma de trabalho e proteção pessoal e familiar. “O trágico e a vida estão intimamente ligados. A força interior de que se tratou alimenta-se das fraquezas momentâneas, tal como a vida é a resultante de uma vida que integra a morte de todos os dias” (MAFFESOLI, 2000, p.148).

A base empírica deixa claro o lugar de herói que os jovens buscam ocupar na resolução dos problemas e angústias familiares, sociais e pessoais, bem como apresentam a linguagem própria.

Neste estudo compreende-se que o ato de linguagem é em algum modo um golpe de estado, um enfrentamento às regras da linguagem estabelecidas em um espaço social que jovens transgressores não possuem acesso, pois a eles foram negados ou

tratam-se de imposições morais e econômicas que não domesticaram. São propiciados dois caminhos: viver na condição de dependência do poder instituinte, totalitário e em alguma medida mantenedor, ou por seus próprios meios criar outro extrato social que os acolha. Os excertos abaixo corroboram a afirmação:

[...] fazia academia, gastava com ropa... eu ía comer nos lugar, gastava fácil. Entra fácil, sai fácil. Ajudava minha mãe também, comprava tudo de come... e ela num perguntava [de onde vinha o dinheiro]. Era bom (Eduardo, 18 anos).

O pessoal vende bagunho pra comprar pó... correntinha, relógio, os cara vende de tudo. Na minha casa tenho vários relógio, pulseira, que comprei na época do corre. [...] Quando eu ganhava eu comprava comida, mistura, danone, lanche, pizza... as coisa que tinha vontade. Quando o dinheiro do corre acabá vo trabalhá no lava rápido com meu padrasto, que eu gosto mais ou menos... [...] [A medida socioeducativa] Perde tempo, né?! Porque o tempo que eu podia tá lá na rua vendendo eu to aqui. Se não tenho nada pra fazê, eu fico lá, vendo a droga no meu horário... é dona, essa é a verdade. Só que eu sô esperto, to nisso faz tempo, sô liso... (Fabinho, 16 anos).

Comprava uns pano, umas ropa. Minha mãe num sabia, então eu enrolava ela, falava que era emprestado, que tinha ganho... essas coisa. Comprava as coisa de casa tamém, comprava danone, guaraná, mistura da semana. Eu tamém comprava o meu verdinho, a maconha, mas a nine nunca entrei não, jamais. Porque sei que num presta, só atrasa a vida da pessoa, né?! Eu larguei hoje a maconha, sinto falta, viu! Um poco todo mundo sente... A gente entra no corre porque vê que a fome chega, mai ninguém pega o de menor... eu precisava trabaiá. Tive que entrá no corre... precisava de dinheiro. Quando eu fui pego a minha mãe falo pra eu toma juízo, rs (Igor, 17 anos).

[onde gastava o dinheiro?] Às veiz em ropa... às veiz ajudava a minha mãe em casa (Léo, 17 anos).

Eu era do corre, comecei a robá com 9 anos... primero assalto meu foi com 9 anos... eu queria usa droga, sai cos muleque, bebe, sai, comprá corrente, frango... minha mãe num trabaiava ainda, tava desempregada. [...] Ela num sabia da onde vinha o dinhero, dizia que eu traficava, mas eu não traficava, só robava só. Aí eu falava que ajudei a mulher ali e ganhei esse dinheiro aqui... falava que lavava o quintal e a mulher pagava. Agora ela [mãe] suspendeu, sabe o jeito que é a vida. [...] A policia me pego varias vezes já... umas eu cai, outras não... (Marcelo, 18 anos).

Eu já fiz LA [Liberdade Assistida] outra vez... eu rodei e cheguei aqui. Fui preso, né?! Tava no corre... desde os 11 ano. Era criança ainda, mas lá nas quebrada já é adulto. Eu comecei a usar maconha e aí precisava de dinheiro pra comprar, aí não tinha jeito, era o corre memo (Bira, 17 anos).

A base empírica declara que os jovens em conflito com a lei, pelos relatos neste estudo, possuem muitas semelhanças. Sua formação educacional é incompleta, conforme aponta o estudo do perfil dos 110 sujeitos estudados nesta pesquisa, 61% dos jovens em conflito com a lei não frequentavam a escola no momento da pesquisa, frente a 37% de jovens que frequentavam e 2% que não apresentaram este dado. São também indivíduos que abrigam pouca ou nenhuma ilusão com sua sociedade e com a possibilidade de adentrar em outros espaços, exceto pela via do mundo do crime. De acordo com Maffesoli (2001),

Não existe um mal – o poder – e um bem – o não-poder – ou viceversa, segundo o ponto de vista teórico ou existencial. Existe um misto complexo, no qual se imbricam estreitamente a destruição e a vida, a retração e a expansão, o poder e aquilo que ultrapassa, misto que determina e institui a tessitura social (MAFFESOLI, 2001, p.32).

Nesta tessitura de controle social o acesso a bens de consumo, a perspectiva em ser “herói” aponta para a figura do “patrão” ou “dono da boca”, enquanto autoridade e exemplo máximo a ser seguido dentro de uma sociedade regida por valores não burgueses.

Neste sentido, a linguagem corporal, traduzida pela forma comum como se vestem, apontam certos objetos, vestimentas e acessórios como forma de aumentar o consumo, como promessa de status social, na medida em que a sociedade de consumo forjou uma perspectiva de representação simbólica chamada “ostentação”. “A exacerbação do corpo próprio leva a que ele se perca no corpo coletivo, tal como está na lógica da moda passar do particular [...] ao geral – o que faz com que eu me torne semelhante aos outros” (MAFFESOLI, 2000, p.118).

Os trechos abaixo confirmam tal perspectiva frente ao status social,

Fui presa cinco vezes por tráfico de drogas, mas só nessa última que eu cai. Eu era do corre, comecei com 13 anos e as drogas

com 14 anos. Eu entrei no corre porque eu achava legal, engraçado e tem o status de ser menina no corre, as pessoas passa a ter respeitá. Até tem umas meninas, mas é muito mais meninos lá. Eu comecei por livre e espontânea vontade, foi porque eu quis, eu não precisava. Mas essa coisa do mundo do crime me fascinava! (Bárbara, 16 anos).

[...] desde pequeno eu sou bagunceiro também, comecei com a vida pequeno... tinha 9 anos e já ganhava bem. Eu ganhava uns 1500 por dia, vendia o verdão e usava muito também, com 14 anos já tava na nine, mas parei agora, porque fica muito magrinho e as mina não gosta (Yuri, 17 anos).

Eu era o gerente da biqueira, então só ficava em casa e distribuía a droga pros muleques que vendiam. Cada mil reais vendido de droga, cem reais era meu... e cada 50 gramas que eu picava, 50 reais era meu. Então por dia eu tirava 400, 450 reais, só meu (Eduardo, 18 anos).

[...] pra pegá as minas também tem que ter presente, ursinho, ropa, porque elas gosta e eu ganho pra isso também. Não fumava na frente da minha ex namorada, mas ela sabia de tudo e ficava de boa e eu mantinha ela... aí tem que trabalhá no corre, faze o serviço, se virá (Fabinho, 16 anos).

Volto de boa [para o tráfico] porque eu conheço tudo. Num tenho medo de nada. A arma é consequência do que eu faço... Se os alemão pega ou é preso ou é morte, já sei... é a consequência (Igor, 17 anos).

A pulsão que conduz ao mundo do crime demonstra a sua força na medida em que propicia segurança social nos espaços em que tais jovens estão inseridos. Trata-se da mesma pulsão que impede a dominação totalitária do poder governamental, assim nota-se que esta pulsão permeia os dois mundos.

Entre os jovens que participaram da pesquisa há três que além de atuarem no tráfico e nos assaltos também possuem a função de *cobrar dívidas de drogas* e, de acordo com a lógica deste mundo em que eles vivem tal função não é destinada a qualquer pessoa, tem que possuir maior porte físico, ser indiferente a dor alheia e cobrar a dívida não importando se há alguma ligação de afeto com o devedor. “É interessante

notar que o jogo das aparências, [...] a mitologia das máscaras, se exprime regularmente nas histórias humanas, quando a morte, sob as suas diversas modulações, se torna onipresente” (MAFFESOLI, 2000, p. 119).

Já [bati] e muito! Eu bato por bate, bato porque eu quero, bato porque eu gosto... quero vê sangue, muito sangue! Eu nunca vou parar! Isso eu faço bem e nunca paro, arrebento memo (Marcola, 16 anos).

Já bati em muita gente que me devia e não pagava, essa é a lei! Porque se a pessoa me deve eu não vou chamar a polícia, certo?! Então vai na porrada mesmo, já arrebentei muita gente. Eu vendo, mas vai ter q me pagá. Bato sem dó sim, to nem aí (Fabinho, 16 anos).

[Qual o sentimento quando bate?] Ah, sei lá... o cara tem que me pagar, lógico. Dívida é dívida (Rogério, 17 anos).

Nossa sociedade destituiu de poder qual a um indivíduo frente a um pacto social, no qual o Estado deve ser o protetor das condições de vulnerabilidade social a que os seres humanos estão submetidos. Contudo quando esse mesmo Estado não cumpre sua parte contratual, a violência pode ser concebida como um caminho possível para a sobrevivência humana.

É como se houvesse, em uma perspectiva alegórica, um *bandido* dentro do ser humano pronto a atacar, mas disfarçado na ilusória normalidade do estado de direito. Este *bandido* ostenta a violência e o poder que lhes é proibido manifestar em sentido social amplo, gerando a admiração secreta de muitos. Por sua vez, o Estado busca controlar seus cidadãos regulamentando decretos por meio de uma ética não válida para todos. “A aparência é nada menos do que individualista. Bem pelo contrário, ela constrói-se sob e para o olhar do outro” (MAFFESOLI, 2000, p. 119).

Trata-se de um sistema que possui em si o próprio *estado de exceção*, uma vez que as vivências são singulares e pessoais, configurando-se enquanto lembranças, memórias, imagens e sentimentos que podem tornar possível ao sujeito compreender o momento presente. Isso é verificado ao considerarmos o caráter subjetivo da relação que o ser humano estabelece com o meio, pois um mesmo evento ocasiona percepções ímpares em pessoas diferentes.

Dessa forma, o ato de narrar suas histórias de vida vai além de uma ação de contar de si mesmo, para simbolizar um gesto de compartilhamento de conhecimento produzido socialmente, mas um registro de práticas e reflexões que partem do coletivo para a análise pessoal, retornando ao coletivo com novos significados.

Considerações Finais

*A primeira condição para modificar a realidade
consiste em conhecê-la.
(GALEANO, s/d),*

O estudo intitulado “*O Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto: educação ou reprodução do aprendizado da rua?*” desenvolveu-se e constituiu-se na objetivação de estudos realizados e na base empírica permitida.

O aprofundamento sobre o objeto *jovem em conflito com a lei* possibilitou entendimento e a contextualização da autoria do ato transgressor. O embasamento do referencial teórico apresentado foi utilizado a fim de priorizar a singularidade dos fenômenos humanos, contribuindo para a visão mais humana e, conseqüentemente, menos pré-conceituosa, como usualmente se costuma olhar para tais jovens. Trabalhar com histórias de vida foi o mesmo que dar vida a narrativas pessoais, intensas, experiência singular, dizeres exclusivos difundiram-se, possibilitando emergir o contorno daqueles narradores, que apresentam inúmeras semelhanças em suas trajetórias de vida.

A questão central desta pesquisa constituiu na resposta a: os programas de inclusão social são eficazes nessa dinâmica ou a cultura de sua história de vida prevalece?

A empiria até aqui examinada, que compreendeu uma população específica situada no interior do Estado de São Paulo e tratando-se de recorte de uma realidade que atinge jovens de todo o país, indicou a carência de efetivação das políticas públicas no que tange aos programas de inclusão social, na qual se constata o crescente avanço do número de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas, assim como narrado, e seus alojamentos em locais insalubres, baixo índice de condição de bem-estar e alto índice de vulnerabilidade e violência. Nesta medida, a cultura de sua história de vida e a reprodução do aprendizado da rua prevalece.

Há muitas evidências demonstradas ao longo deste estudo que sustentam tal afirmação: o Programa social tido como espaço de pesquisa busca a eficácia, na medida em que cumpre as normativas propostas pelas políticas públicas e ao buscar estabelecer uma cultura de inclusão social no município, visando o estabelecimento de parcerias com outras frentes, particularmente de estudo e emprego formalizado. Entretanto a (re)inserção social não está condicionada tão somente a tal Programa e seu cumprimento. Concomitante, cabe a outras instâncias e políticas sociais a responsabilidade de (re)inserção social, entre eles, a escola, o Cras, o Creas, ações municipais em conjunto com empresas e escola. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) sinaliza que a proposta de Estado democrático, no contexto brasileiro,

envolve projetos de políticas públicas atuantes que possibilite criar circularidades, todavia tal teoria não é observada na prática.

Destaca-se, além disso, que os dados obtidos junto aos quinze jovens permitiram constatar a gravidade do fenômeno da transgressão, que se inicia com as dramáticas histórias de vida que eles apresentaram. Jovens envolvidos com o ato infracional sinalizam também que estão destituídos de quase todos os direitos de cidadania, vivenciam a segregação. A transgressão é vista por eles como a única saída frente à condição (des)humana em que se encontram. É o aprendizado da rua que pode garantir a sobrevivência e não o SINASE, da forma como está proposto, com lacunas que inviabilizam sua plena execução. É como se houvesse um Estado paralelo, em que a reprodução do comportamento dos indivíduos pertencentes a mesma comunidade é, neste sentido, o único caminho tangível para jovens vítimas da exclusão social.

A proposta desta pesquisa ao admitir a escuta desses jovens justifica-se pela busca de responder tais questionamentos, que o aparelho institucional dominante insiste em não assumir a responsabilidade, por meio de um discurso imperativo, ditatorial, totalitário.

O estudo indicou o cenário opressor em que vivem tais jovens. Maffesoli (2000) aponta que “A ordem das coisas é o que é, o poder da opressão faz-se cruelmente sentir. [...] O escárnio, a tristeza, o sentimento elegíaco, mais não fazem do que traduzir a nostalgia do verdadeiro país [...] intemporal” (p.103).

Após a coleta dos dados empíricos, descortinou-se o conteúdo em quatro focos de análise aqui apresentados: 1) a relação escolar de jovens em conflito com a lei e as políticas públicas; 2) jovens e o tráfico de drogas; 3) à margem da imagem: mecanismos de violência e exclusão; 4) jovens em conflito com a lei, a política e o social.

No primeiro foco de análise “*a relação escolar de jovens em conflito com a lei e as políticas públicas*” a educação escolar apresenta-se como um desafio, com diferentes necessidades de reformulação para o atendimento eficaz aos jovens, bem como tornar-se efetivamente o que apresenta na teoria: um espaço de acolhimento, significado, socialização e construção de conhecimento. Ao longe desta proposta, cumpre um papel inverso, que mais afasta os jovens, estabelecendo-se como um ambiente desprovido de encanto. Por sua vez, as políticas públicas mostram-se em plano de idealização ao ser escrita, proposta e aprovada, contudo não reflete aspectos inerentes ao espaço, região, necessidade e público a que se destina.

No segundo foco de análise “*jovens e o tráfico de drogas*” ressalta-se que o tráfico de drogas para este grupo pesquisado é compreendido como trabalho lícito nas comunidades em que os jovens vivem, sendo meio de subsistência de grande parcela de seus moradores. Verifica-se que estes jovens, ainda na infância, estão imersos nesta prática social, trocando experiências e aprendizados inerentes à prática do tráfico.

“Uma das questões mais polêmicas da sociedade atual, o tráfico de drogas não é um fenômeno recente. O consumo de drogas sempre existiu, desde os primeiros tempos da humanidade [...] O problema é a dimensão que o comércio de drogas atingiu [...]” (FEFFERMANN, 2006, p.20).

O estudo realizado mostra a inegável necessidade de considerar o jovem em conflito com a lei como um sujeito e não como um comportamento a ser adestrado. O aumento do número de jovens envolvidos em atos infracionais, apresentados nesta tese, denuncia que as formas atuais propostas pelo SINASE de conduzir o problema não se fazem eficientes no sentido de reduzir ou atenuar esta situação. Do contrário, suas histórias de vida permanecerão adormecidas e silenciadas através da ação e novas alternativas para a solução da problemática serão descartadas, perpetuando-se o ato infracional como consequência e criação social.

Como resposta à questão indagadora desta pesquisa o que se observa é que os Programas de inclusão social como estão propostos pelo SINASE são ineficientes nessa dinâmica social e, dessa forma, a cultura da história de vida prevalece.

O terceiro foco de análise “*à margem da imagem: mecanismos de violência e exclusão*” discute a violência e a exclusão social do sujeito transgressor. O semblante humano não significa que tais jovens foram humanizados em uma mesma sociedade elitista e burguesa, pelo contrário, nesta pesquisa concebeu-se que há diferentes sociedades, com regras e leis próprias. Inúmeros exemplos advogam neste sentido ao longo desta pesquisa.

A cultura pessoal, adquirida especialmente pela vivência da rua, é o que se vale para as escolhas pessoais, principalmente quando a sociedade burguesa se fecha para as oportunidades de convivência, de trabalho formalizado, de estudo e ascensão social. Os jovens excluídos constituem-se na forma como estão por influência dessa realidade objetiva, sem que haja vinculação transparente e efetiva com os objetivos e programas sociais. Assim sendo, o Estado se utiliza de seu poder legítimo da força totalitária para imprimir seus princípios e manter a chamada ordem.

Pelas diversas visões e comportamentos diferentes, saindo da projeção padronizada, o homem torna-se objeto de discriminação, trata-se de pensamentos alienados ao que foi imposto através do tempo pelas gerações passadas e mantidas pelos grupos dominante presente, detentores de poder.

Parte dos jovens desta pesquisa atribuem suas trajetórias pelo tráfico por motivos financeiros, violência, ausência de perspectiva de mudança de vida e abandono familiar, todavia Bárbara, Marcola e Luan relatam seu fascínio pelo mundo da transgressão e do status, que pela sua condição financeira, seria possível atingir apenas em sua comunidade.

Por fim, no quarto e último foco de análise “*jovens em conflito com a lei, a política e o social*” corrobora-se que os programas sociais, quando ocorrem em nosso país, são em sua maioria ineficazes. A história de vida pessoal prevalece em conjunto ao espaço em que estão inseridos, bem como com as regras e leis próprias desta comunidade. São diferentes sociedades, contextos e regras distintas coabitando em um mesmo espaço.

O Estado dito democrático, então responsável pela promoção dos direitos humanos, paradoxalmente legitima a violência e a perpetua a desigualdade social, para a defesa dos interesses do grupo dominante. Tal comportamento deixa de ser exclusividade dos regimes políticos totalitários e torna-se assumido pela sociedade civil burguesa. Os transgressores, os excluídos sociais, impotentes frente a esta realidade incorporam o discurso determinista de que são bandidos e agem na clandestinidade. Há uma inversão no discurso, conferindo aos jovens transgressores a total responsabilidade de suas “escolhas”. O discurso totalitário afirma, entre outras coisas, que,

[...] a sociedade oferece oportunidades que não são aproveitadas pelos jovens, por exemplo, oferece-lhes escola, mas eles se evadem. A responsabilidade é dirigida para o indivíduo; essa explicação coloca o poder público em situação de menor grau de compromisso, pois as oportunidades são dadas. O Estado não é omissor, as crianças e os jovens é que não são interessados. [...] Indivíduos que nascem sem perspectiva [...] (FEFFERMANN, 2006, p.132).

Com um destino delimitado socialmente a reprodução do aprendizado da rua torna-se o caminho possível. Segundo Maffesoli (2000) trata-se da “[...] relação com o destino que me coube. [...] Destino ao qual nos devemos adaptar, mais do que História,

que podemos subjugar e dominar. É tudo isso que volta a dar sentido à dimensão coletiva da existência e que leva o indivíduo a ‘perder-se’ no corpo social” (p.166).

O jovem transgressor torna-se mais um inimigo político para o Estado totalitário, ameaçando a ordem disfarçadamente democrática e escancarando a violência, a pobreza, a ineficiência das políticas públicas.

Pela análise permitida, observa-se também que há negligência da própria lei para com o jovem transgressor, ou seja, as figuras representativas da lei não exercem plenamente suas funções de cuidado, proteção e (re)inserção social, pois a sociedade burguesa permanece alheia a tais questões.

Os quatro focos resultantes da análise dos dados apresentados nesta tese tornam possível identificar, na história de vida dos jovens, vivências recorrentes de extremo descuido social, político e familiar, abandono escolar formal, inserção no tráfico de drogas, retratos de violência psicológica e física. Trata-se de uma seção empírica que se propôs a uma reflexão acerca da situação referente aos jovens em conflito com a lei e suas histórias de vida: educação ou reprodução do aprendizado da rua?

Ao término desta trajetória, acredita-se que, além de se produzir uma Tese de Doutorado, foi possível vivenciar um encontro com a singularidade de jovens que se dispuseram a compartilhar e narrar as suas histórias de vida, apesar das dificuldades de falar sobre ela. E assim o conhecimento gerou certezas, dúvidas e se ampliou, uma vez que a pesquisa tem a responsabilidade de permitir outras hipóteses para além do imediato.

O objetivo alcançado desta tese na compreensão das histórias de vida correlacionadas ao ato infrator permite contribuir para a formação de outros estudos e a compreensão do cenário do jovem em conflito com a lei. Os achados desta pesquisa, bem como a discussão proposta não pretende esgotar a investigação sobre a condição do jovem transgressor, ao contrário, reafirma-se a complexidade desse fenômeno e a necessidade de novas investigações.

No transcorrer deste estudo muitas outras questões emergiram, todavia não puderam ser contempladas dados os limites da própria natureza do objeto. São possibilidades e caminhos que circunscrevem o objeto para outros projetos de pesquisas. As leituras, reflexões e discussões realizadas e a análise do material oriundo das entrevistas permitiram afirmar estas diversas facetas da temática e, assim sendo, explicitam a necessária continuidade em busca de aprofundamento.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. P.; CRUZ, M. G.da; VIDAL, R. M. S. Práticas no atendimento integral às famílias acompanhadas pelo Programa de Medidas Socioeducativas: avanços, desafios e perspectivas. In: MARQUES, G. C. S.; DIAS, A. F. (Orgs.). **Olhares Compartilhados: uma história sobre as medidas socioeducativas em meio aberto no município de São Carlos**. 1ª Edição. São Carlos: Riani Costa, 2012, p. 191 – 203.

BOSI, E. Sugestões para um jovem pesquisador. In:_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo-SP. Editora Ateliê, 2003. p. 59-67.

BRANDÃO, C. R. **A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador**. São Paulo-SP. Editora Cortez, 2003.

_____. Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida. In:_____. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo-SP. Editora Contexto, 2005.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº8.069 de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Senado Federal, 1990.

_____. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE)**. Brasília: CONANDA, 2006. Disponível em: <ftp://balcao.saude.ms.gov.br/horde/sisppi/unei/Legislacao/Sinase.pdf.>. Acesso em 18 julho 2012.

_____. **Lei no 12.594, de 18 de janeiro de 2012**. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nos 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986; 7.998, de 11 de janeiro de 1990; 5.537, de 21 de novembro de 1968; 8.315, de 23 de dezembro de 1991; 8.706, de 14 de janeiro de 1942; 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo

Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 14 julho 2012.

CALDAS, A. L. **Oralidade, texto e história:** para Ler História Oral. São Paulo-SP. Editora Loyola, 1999. 133 p.

FALKEMBACH, E. M. F. **Diário de campo:** um instrumento de reflexão. Editora Contexto e Educação. Universidade de Ijuí, ano 2, vol 7, jul/set 1987, p.19-24.

FEFFERMANN, M. **Vidas arriscadas:** o cotidiano dos jovens trabalhadores do trafico. Petropolis-RJ, Editora: Vozes, 2006, 352 p.

FIORI, E. M. Educação libertadora. In: _____. **Textos escolhidos**, v. II, Educação e Política. Porto Alegre-RS, Editora: L&PM, 1991, p. 83 – 95.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro-RJ, Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 1987.

_____. A escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos V:** Ética, sexualidade e política. Vol V. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro-RJ. Editora Forense Universitária, 2006. p. 144-162

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** Rio de janeiro-RJ. Editora Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 49ª reimpressão. Rio de Janeiro-RJ. Editora Paz e Terra, 2005.

GALEANO, E. **De pernas pro ar:** a escola do mundo ao avesso. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre-RS: L&PM Editores, 2011.

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação:** métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.

GOFFMAM, E. **Estigma**. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Mathias Lambert, 1981. Disponível em: <HTTP://www.se-rj.com.br/BMR/TEXTOS%20IBMR/institucional2011sem-01noite/ESTIGMA.pdf> Acesso em 22 de abril de 2013.

GUIMARÃES, A. M. **Vidas de Jovens Militantes**. Tese Livre Docência, 2010. Campinas - SP: [s.n.], 2010. Tese (livre docência) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2010.

IBGE, **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**, 2011.

JOUTARD, P. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro-RJ. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LE GOFF, J. **História e memória**. 2ª Edição. Campinas-SP. Editora Unicamp, 1996.

MAFFESOLI, M. **O Eterno Instante**. O retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. Tradução de Maria Ludovina Figueiredo. Lisboa - Portugal. Editora Instituto Piaget, 2000, 194 p.

_____. **A Violência Totalitária**: ensaio de antropologia política. Porto Alegre – RS. Editora: Sulina, 2001.

_____. **O conhecimento comum. Introdução à Sociologia Compreensiva**. Tradução de Aluizio Ramos Trinta. Porto Alegre – RS. Editora Sulina, 2010, 295 p.

_____. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Tradução de Juremir Machado da Silva. 4ª Edição. Porto Alegre – RS. Editora Sulina, 2011, 230 p.

MARRACH, S. O instante eterno. **Educação em Revista**. Marília – SP. 2006, volume 7, nº 1/2, p. 133 – 136.

MARZOCHI, A. **História de Vida dos Jovens da Fundação Casa**: o lugar da escola nessas vidas. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2014, 188 p.

MEIHY, J. C. S. B. **Canto de morte de Kaiowá**: História oral de vida. São Paulo-SP. Editora Loyola, 1991.

_____. Definindo história oral e memória. São Paulo: **Cadernos CERU** nº 05, série 2, 1994, p. 52-60.

_____. **Manual de História Oral**. 5ª Edição. São Paulo-SP. Editora Loyola, 2005.

MEIHY, J. C. S. B. e HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª Edição. São Paulo-SP. Editora Contexto, 2013.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo-SP. Editora Hucitec, 1993.

NASCIMENTO, R. A. **Charles Baudelaire e a arte da memória**. Alea, Rio de Janeiro, volume 7, n.1, jun / 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2005000100004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 de setembro de 2014.

NARDI, F. L. **Adolescentes em conflito com a lei: percepções sobre família**, ato infracional e medida socioeducativa. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, 97 p.

OLIVEIRA, M. W.; SILVA, P. B. G.; GONÇALVES JUNIOR, L.; MONTRONE, A. V. G.; JOLY, I. Z. L. **Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais**. Anais da 32ª Reunião da ANPED, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32a/arquivos/trabalhos/GT06-5383--Int.pdf>>. Acesso em 11 de outubro de 2010.

PAULA, L. de. **A família e as medidas socioeducativas: a inserção da família na socioeducação dos adolescentes autores de ato infracional**. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004, 131 p.

QUINELATTO CAPARRÓS, R. F. **Entre saberes, sabores e desafios da tarefa educativa com jovens em conflito com a lei: como as educadoras significam os processos educativos do espaço do programa de medidas socioeducativas em meio aberto**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2013, 174 p.

ROVAI, M. G de O. **Osasco 1968**: a greve no feminino e no masculino. 2012. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo-SP: Universidade de São Paulo, 2012, 590 p.

SIMIONATO, M. A. W.; OLIVEIRA, R. G. **Funções e transformações da família ao longo da história**. Paraná-PR, 2003.

STRECK, D. R; REDIN, E. e ZITKOSKI, J. J. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2^a Edição. Belo Horizonte-MG. Autêntica Editora, 2010.

TOMASI, L.de O. **A singularidade da história de vida de adolescentes em conflito com a lei**: a denúncia do desamparo. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011, 106 p.

VALLE, L. **A escola imaginária**. Rio de Janeiro-RJ. DP&A Editora, 1997.

ANEXOS

1.1 Anexo – História Oral de Jovens Autores de Ato Infracional

Marcelo, 18 anos.

Me conta um pouquinho da sua vida, da sua infância.

Minha vida é assim... minha mãe trabalhava eu trabalhava... em casa nós vai levando a vida, as coisas do jeito que dá. Eu trabalhava na São Carlos Ambiental, que é coleta que eu faço, a coleta de caminhão. A minha mãe trabalhava de faxineira, de doméstica.

Eu vim parar aqui depois de um assalto, peguei o 155, que é assalto sem arma, aí fui... rodei... agora tô aí... faço a academia, o LA.

Quando eu fui pro assalto eu não trabalhava, era de menor dona. Fui pro assalto por causa da fome e das drogas, né?! Tava devendo muito pra traficante, aí fui pro corre pra pagar. Eu uso só maconha, desde os quinze.

Quem te apresentou a maconha?

Eu sozinho, via os maiores fumando e deu na ideia, comprei uma e fumei... e aí é até hoje. Hoje eu uso, mas é controladamente... devagar.

E você frequenta a escola?

Num vou mais, trabalho à noite... a coleta é à noite. Antes eu ia na escola, mas comecei a trabalhar e parei. De dia não dá, tô cansado.

Eu era do corre, comecei a roubar com 9 anos... primeiro assalto meu foi com 9 anos... eu queria usar droga, sair com o muleque, beber, sair, comprar corrente, frango... minha mãe não trabalhava ainda, tava desempregada. Aí eu pegava meu dinheirinho e ajudava em casa. Ela não sabia da onde vinha o dinheiro, dizia que eu traficava, mas eu não traficava, só roubava só. Aí eu falava que ajudei a mulher ali e ganhei esse dinheiro aqui... falava que lavava o quintal e a mulher pagava. Agora ela suspendeu, sabe o jeito que é a vida. Eu comprava alimentos e pra mim umas roupas, um chinelo. A polícia me pegou várias vezes já... umas eu caí, outras não...

E como era a abordagem policial?

Só corria só! Não tinha como falar nada...que já queriam bater na gente... apanhei pra caramba. Agora que fiquei de maior tenho que tomar cuidado... não tenho muita conversa com meu pai, mas ele sempre dava conselho... mas agora tô batalhando. Meu pai é pedreiro e ele e minha mãe nunca participaram dessas coisas de roubo, nem de drogas, são trabalhadores

honesto. Só eu fui meio vagabundão, mas agora eu não quero mais isso não. Falo isso até pros muleque, pra eles arruma um trampo.

O que fez você mudar?

Fiz 18 e arrumei meu primeiro trampo registrado e parei com isso aí...ganhei meu dinheirinho suado e vi que o crime não compensa, é só ilusão. Agora to aí trabaiano, vivo do meu suor e nada dependendo dos outro, robano dos outro, que isso aí é coisa feia. Eu falo pra mim e pros muleque aí também, que é sair dessa vida. Eu até penso em sair das droga, que isso só arrasta e briga com a família, só dá morte, cadeia... eu ainda uso maconha, só maconha... uma vez por dia, duas... Depende do dia, se o dia tá bão, se tá ruim, vareia.

Sorriso, 16 anos.

Conta um pouquinho da sua infância, de suas lembranças desta fase.

Nasci em São Carlos... tenho pai e mãe, mas eles se separo faiz uns 3 meses. Foi ruim, foi deselegante... mais teve um lado bom, porque meu pai não tava dano uma atenção pra minha mãe que ela devia tê, aí é melhor larga, eu acho, pá. Minha mãe trabalha, é faxineira. Meu pai era segurança da Job¹³... é ainda. E eu tenho dois irmão mais velho, um irmão e uma irmã.

Meu irmão já foi do corre, mas agora trabalha. É de maior e minha irmã também é de maior.

Como foi no corre?

Aiii, eu acho que minha cabeça tava a mil deu fazer isso aqui, de fazer LA.

O que você estava fazendo quando os policiais te pegaram?

Tava robano uma moça... tava com uma faca. Aii, mas num faiz nem um mês que eu entrei nisso no corre e já cai... foi por causa que meu pai e minha mãe largo... minha mãe tinha acabado de descobri que eu tava fumano maconha... queria me deixa de castigo, que eu num ía sai... tava chegano o final de semana e eu tava sem dinheiro pra sai ca minha namorada, me deu loco memo!

E o que mais você usa?

Só maconha, faiz um ano... Nunca peguei a nine, Deus me livre, credo... Graças a Deus não! E também nunca vendi maconha, pá.

E onde você conseguia dinheiro para comprar a maconha?

¹³ Empresa de terceirização do Município.

Ah, meu pai e minha mãe sempre me dava dinheiro, sempre que eu pedia eu tinha... aí largaro e fecho o tempo, o dinheiro foi cabano... eu tive que entra no corre. Ninguém me ofereceu, porque num tem essa de oferecê, você usa porque que! Lá [na comunidade] eles usa e pode se do seu lado, que eles num vão te oferecê... é a lei, pá. Toda hora que dá uma vontade eu puxo meu baseado, agora já tá me dano...hahaha. Minah namorada sabe, mas num fala nada...faiz dois mês que tamo junto, num vô fazê nada escondido dela...larguei ontem, mas já vortei... dei um perdido no final de semana... dei uma voltinha lá no Aracy e ela descobriu que eu tava no peão¹⁴.

Mas agora to certinho, vô na escola e tô no primero colegial. Num gosto muito, mas já que tem que estudá eu vô na escola e pá. O que vai dá eu num sei, mas to de cara enfiada lá na escola... o Juiz disse, pá. Eu fiquei quatro dias no NAI... num quero mais isso, cê é loco?! Vixi é fera... trancado, preso... nós é serehumano... nem bicho consegue fica trancado que morre. Dava vontade de bate a cara na parede, na hora que chega o funcionário dá vontade de agredi ele... É fera... fica preso é fera. Teve uns colega que foro pra Fundação, que é pior ainda.

Quando os alemão pegaro apanhei um poço... bate no peito, nas costas... nos lugar onde não fica marca e preto num aparece direito as marca. Pescoço num bate, tá ligado?! Tem que guentá, num pode reclamá que apanha mais, pá.

Os meus pais fala pra num fazê mais isso... nunca tinha pá... metido a cara assim. Esses dia minha coroa choro por causa que acho que eu tava num lance estranho, mas eu provei que não. Eles num sabia que usava droga, nem saía direito. Agora to levano sério, porque se num cumpri aqui, vai preso também e num quero isso não.

¹⁴ Rasante, rolê, rolêzinho.

Bira, 17 anos.

Conta um pouquinho da sua infância.

Eu nasci em São Paulo e com cinco anos vim pra cá... pra São Carlos. Aqui eu to com a minha mãe... meu pai fico por lá pra São Paulo...nunca mais tive contato com ele. Eu nem lembro dele, nadinha. Eu também não tenho mais irmão, sô filho único.

Você estuda?

Não, eu parei no ano passado. Eu tava na oitava, mas num terminei... eu repeti quatro veiz a oitava. Tem umas parte que eu curto a escola, gosto das professoras! Mas num gosto de estuda, num gosto.

E como você chegou aqui na L.A.?

Eu já fiz LA outra vez... eu rodei¹⁵ e cheguei aqui. Fui preso, né?! Tava no corre...desde os 11 ano. Era criança ainda, mas lá nas quebrada já é adulto. Eu comecei a usar maconha e aí precisava de dinheiro pra compra, aí não tinha jeito, era o corre memo. Peguei na primeira veiz 5 quilo de maconha pra vende. Me pegaro de cara, mas só com um pedacinho, o resto já tinha rodado. Fui pego. Mas num deu nada porque com 11 ano num faiz L.A. Com treze foi a primeira vez que fiz L.A. de verdade, rodei de novo. Fiz L.A. até com 15 ano. Sai do corre e voltei a estuda, tava de boa, tinha deixado memo o corre. Aí depois sai da escola, voltei pro corre e fui pego com outra veiz, com 16 ano, quase 17.

Minha vó morreu e umas par de gente da minha família, aí num deu... fiquei mal. Morava na casa minha mãe, minha vó, minha tia e meu tio. E aí morrero minha vó, minha tia e o tio, de idade... só fico minha mãe e eu. Sofri muito, sinto falta deles. Em treis meis eles morrero tudo. Aí fui pro corre, por causa que falto dinheiro também e minha mãe num dava dinheiro não, nem tinha.

Ganha quanto no corre?

¹⁵ Rodar é uma gíria que significa ser preso pela polícia.

Uns 500 real por dia. Gastava tudo no funk e droga, mas só maconha hoje. Quando comecei com 11 ano eu usava tudo, a nine também. Cherava e fumava. A nine faiz uns 2 ano que larguei ou menos, num lembro direito. Outra coisa que comprava era uns par de ropa, moveis para casa da minha mãe... eu levava ela na loja pra compra.

Ela ia com você na loja e não perguntava de onde vinha aquele dinheiro?

Não, porque eu fazia rolo de bicicleta já. Eu falava que tinha vendido as bicicleta. Os rolo eu atendia tudo na esquina, longe de casa e num deixava ninguém sabe. Até que um dia me viro vendendo e caguetaro eu...dedaro, né?! Foi uma vizinha, uma japonesa, porque ela num gosta disso... ela veio do Japão e falo que lá era diferente.

E quando há dívida no tráfico, como você reage?

Eu num marco pra ninguém, num vendo fiado. É só no dinheiro, fiado num dá. Depois num recebe e a dívida do outro, fica sua. Nas quebrada nós fiz diferente. Dinheiro pra cá e droga na mão. Porque quando os alemão pega...vixiiii, só apanha. Nas primera vez eu num apanhava porque era pequeno eu acho.

A primeira vez foi estranho até, porque eu tava andano de bicicleta em frente de casa e tinha 25 rocam¹⁶ lá na rua. Falei pra mim “tá atrás de mim ou dos muleque ali de cima”. Aí passei reto e eles [os policiais] foram pra casa dos muleque, mas nada...eles fizeram a rotatória e pararo na frente de casa e dissero “Você que é o Bruno?” Eu disse “eu memo”. Eles falaro “Então vamo entra que tem maconha aí escondida!” Eu falei “tem sim, mas só um pedacinho”. Fui levado pro b.o. mas num deu nada, era pequeno. Agora dessa última vez, vixiii, foi forte. Tinha oito pedra de craque no bolso. Virei a esquina e dei de frente com os alemão e me pegaro. Me batero muito, apanhei, hein! Vi que era eles eu quis sai fora, mas num deu... tentei desce na mata, porque ali eles num ía me acha mais, mas os que tava de carro acelero, pra mim num corre. Eu vi que tava perdido. Eles metero uns par de bicudo ni mim e no preto num aparece, né?! Bate nos rim, nas costa, no pescoço, nesses lugar que num fica marca. A sorte que a minha mãe

¹⁶ Viatura policial.

saiu lá fora e viu... ela escuto a sirene e um grito que eu dei. Ela saiu lá fora na hora e daí num apanhei mais. Depois disso me levaro no NAI.

E como foi no NAI?

Tem uma guardinha lá forgada, hein?! Chama nois de verme, de aids do mundo, que tem que morre. Fiquei poco lá...umas duas hora. Esperei na cela a minha mãe chega e o Juiz dá orde. Num arrependi, mas falo que dei uma arrependida pro Juiz alivia, rs. Mas agora num posso fazê muita coisa, daqui a pouco faço 18, fico de maior e dá rolo grande. Vo te que trabaia e arruma serviço memo, fiquei muito tempo nessa.

Marcola, 16 anos.

Me conta um pouco de você, da sua infância.

Eu nasci qui memo... Tenho só mãe... conheci meu pai, mais nunca vivi perto, ele tá preso... foi preso por um monte de coisa. Tenho mais quatro irmão, só um mais novo que eu.

Você estuda?

Não, parei faiz tempo... uns 3 ano. Tava na oitava, mas num fiz... num gosto da escola, tudo na escola é ruim. Num gosto dos outro mandano ne mim, ninguém! Só lembro de uma coisa que eu gostava: das menina!

E aqui na LA? O que aconteceu?

Eu cai...descobriro...tava no corre. Entrei no corre tinha uns 10 ano. Entrei porque eu quis entrá! Morei na favela, moro na favela e lá é assim! Sempre vi... eu quis entrá. Num só santo disfarçado não, sô isso memo.

Quanto você ganhava no corre?

Depende do dia... depende da semana... Tinha dia que é uns 500 real. Eu gastava tudo no baile funk, comprava umas ropa... só de vez em quando ajudava em casa. Quem segura as ponta lá é minha mãe, que é empregada doméstica, e minha irmã que trabaia numa lotérica.

Eu conheci e conheço os cara... aí entrei no corre... tudo porque eu quis. As poliça foi cercano, cercano, cercano e me pegaro no dia que eu tava contano os b.o¹⁷, tava contano quantas caminhada ainda eu tinha.

As poliça me bateu um pouco e eu reagi...nossa aí o bagunho fica loco...

¹⁷ Contar quantas drogas você tem.

Você já bateu em alguém por dívida?

Já e muito! Eu bato por bate, bato porque eu quero, bato porque eu gosto... quero vê sangue, muito sangue!

E se a pessoa pedir para parar?

Eu nunca vou parar! Isso eu faço bem e nunca paro, arrebento memo.

E você usa alguma coisa?

Só maconha, nine nunca peguei não... Tinha uns 11 ano quando comecei. Oferecero na primera veis, mais eu num quis não. Depois eu comprei, tinha dinheiro. Fiz porque eu que quis e ninguém vai mandá em mim não.

Bárbara, 16 anos.

Conta um pouquinho da sua infância, suas recordações desta fase.

A minha infância foi bem tranquila, sabe?! Eu tive milhares de amigos, brincava bastante, ía pra escola, tive uma infância normal, com pai e mãe. Morei com eles até os quatorze anos. Meu pai é concursado no serviço de água e esgoto e a minha mãe é costureira. Eles sempre foram casados, mas quando eu tinha doze anos, eles se separaram.

Hoje eu moro com a minha namorada. E eu tenho irmãos também, um mais velho e dois mais novos. Eles são todos de boa, tranquilos, todos estudam, são bons alunos, o mais velho trabalha certinho.

E você estuda?

Não. Parei de estudar no primeiro colegial... Parei porque eu tava muito perdida nesse mundinho aí... Chega uma hora que a escola perde a graça. Eu num gosto de estudar, por isso que nem vo. E quando eu penso no que eu gostava, era só dos meus amigos.

Eu até quero volta, mas preciso da vaga à noite. Mas a diretora só dá vaga à noite para quem trabalha. Eu to procurano serviço.

E como você chegou aqui na L.A.?

Fui presa cinco vezes por tráfico de drogas, mas só nessa última que eu cai. Eu era do corre, comecei com 13 anos e as drogas com 14 anos. Eu entrei no corre porque eu achava legal, engraçado e tem o status de ser menina no corre, as pessoas passa a ter respeito. Até tem umas meninas, mas é muito mais meninos lá.

Eu comecei por livre e espontânea vontade, foi porque eu quis, eu não precisava. Mas essa coisa do mundo do crime me fascinava!

Primeiro eu comecei a vender droga na esquina, vendia a noite inteira... aí depois de uns 5 meses eu virei gerente da biquera...aí so ficava na minha casa soltano a droga pros pessoal vende. Ai começamo a apanhar da policia...tinha umas meninas que ficava comigo.

No dia em que cai, eu tava desceno a rua com uma amiga e um amigo. Aí parou 2 viatura e eu com um pino na boca, que nem era de vende, era deu usa. Eles levaro a gente na hora. Fui pro plantão policial e fiquei lá das 10 às 3 da manhã e depois me levaro pro NAI, e eu fiquei lá até às 11 da manhã até acha a minha mãe. Minha mãe foi lá e meu pai também. Já marcaro a audiência e me dero 6 meses de medida. O juiz falava comigo e eu nem dava bola, tava pensando em quanto de droga eu tava precisano vende... era uma perda.

E sua família?

No começo eles não sabiam o que eu tava fazendo...aí depois eu já não ficava mais na minha casa, eu saia e voltava só depois de uma semana, duas semanas... Minha mãe ía atrás de mim, ela ía na policia, mas lá só pode deixa queixa depois de 48 horas que sumiu. Ela me levou no Conselho Tutelar e eu fui presa a primeira vez...na quarta vez que eu fui pega pela polícia eu já não morava mais com ela. Ela sempre ía me busca e eu voltava pra casa, mas passava uns dias e eu começava a sair e voltava tudo de novo.

A última vez que eu fui presa eu tava com pino, apanhei muito...olha essa cicatriz no meu rosto! Eles me jogaram na parede, bateram mais no meu rosto.

Eu comecei a usa drogas com quatorze anos, comecei na maconha e fui pra cocaína, aí foi feio...emagreci 7 quilos de cara...fui emagrecendo cada vez mais e não largava. Fui larga da cocaína aqui na Medida, depois de um tempo... Hoje eu não quero mais isso pra minha vida, nem meu pai e minha mãe batiam em mim, porque a polícia ía ficar batendo?! Fui parando e não quero mais. A maconha ainda eu uso.

O dinheiro do corre é bom, mas vai tudo embora fácil. O dinheiro é pra usar nessa loucura de vida. É um aqui e outro lá na china que guarda o dinheiro que ganha. Eu ganhava uns 350 por dia. Era bastante dinheiro, mas tinha o aluguel da onde a gente morava, água, força...tinha que vende pra paga tudo isso e ainda usa a droga. Eu nunca fiquei devendo, mas tem muita gente que deve e perde a vida por 30 reais de dívida.

E hoje?

Hoje eu sai de vez do corre. Uso a maconha ainda, mas eu diminuí bastante também. Antes quando eu acordava eu tinha que fuma um baseado, se não eu ficava péssima. Hoje eu acordo e não uso mais...uso uma vez no dia e olha lá. E agora to até pensando e deixar de vez...porque hoje eu acordei e não fumei até agora¹⁸, uma glória.

E minha mãe sofreu muito, ela sempre perguntou se eu queria ser internada, se eu queria uma ajuda e eu sempre falava que não. Eu dizia que do mesmo jeito que eu comecei a usar droga eu ía para. E hoje eu to aqui querendo prova disso.

Também tem a minha namorada...a gente tá junta há dois anos. Antes eu sempre ficava com menina e com menino. Mas com menino eu não gostava. Ela é mais velha que eu, tem 28 anos, é uma mulher e me faz tão bem. Por ela não tenho mais vontade de ficar nesse mundo. A gente tá indo na Igreja agora, igreja católica. E nossa vida tá dando super certo, ela trabalha de garçom e eu não to trabalhando agora. Ela já uso droga, mas nem usa mais, ela quer que eu pare também. É por ela que eu quero sair dessa vida. Eu ainda fumo com os amigos, sempre tem um que te dá droga, sempre vai te um com baseado... e como fui do corre, sempre tem um monte de amigo... amigo não, né?! E pra droga, todo mundo dá dinheiro.

Eu fui casada com um cara, um traficante. Eu fiquei com ele seis meses, já namorava a minha namorada e larguei dela pra ficar com ele. Eu conheci ele com 14 anos e já tava mais alta no crime, e ele era traficante dono de biquera. Dava um respeito na favela.

Aí a gente ficou todo esse tempo e invadiro a nossa casa, foi todo mundo preso... A gente tava picano pedra e a polícia entro. Pego tudo e batero muito nesse dia... apanhei tanto, mas depois eles liberaro e nem fizeram mais nada. Agora o meu marido foi preso.

Ele era mais velho, mas nunca quis saber a idade dele. Nesse dia ele foi preso e nunca mais quis saber dele. Acho até que ele já morreu na cadeia. Aí depois eu voltei com a minha ex namorada, a que to junta hoje e tamo super bem, a gente mora junta.

¹⁸ A entrevista se deu por volta das 15 horas.

Nessa fase toda a minha mãe sempre por perto tentano me apoiar, sempre, ela nunca me abandono. Ela conhece minha namorada e super aceita. Meu pai foi mais difícil, ficou revoltado, mas hoje tá voltano a me aceitar. Teve uma vez que ele foi me buscar numa biquera e não deixaro eles entra, bateram nele... isso me fez mal e eu quis para. Depois fui pega e parei mesmo.

Você tem algum sonho?

Sim, eu quero me forma em Direito e eu vo consegui um dia sim, se Deus quisé. Antes eu pensava em mudá, mas ficava em casa sem faze nada o dia inteiro, aí descia e ficava lá na biquera, ía pra rua... só coisa errada. Quando veio a Medida, comecei a faze o curso e é uma coisa que ocupa a cabeça da gente e você vai pensando em outras coisas. Hoje nem desço mais na biquera, nem falo com o pessoal. Falo um oi e tchau e saio rápido, num quero mais isso.

Yuri, 17 anos¹⁹.

Yuri me conta suas recordações da infância.

Eu sou do mundo, quando eu tinha 2 anos minha mãe largou do meu pai e eu chorava e queria a minha vó que sempre cuidou de mim, então eu não fiquei com ela, fiquei na casa da minha vó e com meu pai. Ai eu não fiquei morando com a minha mãe e eu não gosto de ficar lá hoje, mas eu to na casa dela porque eu dei um tempo lá do meu bairro, tava embaçado. E nesse ano minha vó morreu e meu pai é crente e eu não gosto disso não, rs, nunca gostei, desde pequeno... E desde pequeno eu sou bagunceiro também, comecei com a vida pequeno... tinha 9 anos e já ganhava bem. Eu ganhava uns 1500 por dia, vendia o verdão e usava muito também, com 14 anos já tava na nine, mas parei agora, porque fica muito magrinho e as mina não gosta.

O que você fazia com esse dinheiro?

Ahhh dona...hahaha eu gastava tudo na boate, no putero, eu pegava as melhor mulher. Sempre peguei. Eu gastava tudo, do jeito que entrava, saia também... comprava relógio, correntinha, roupa e tênis, que eu gosto. Nunca ajudei em casa, porque minha mãe é doméstica e meu pai tem essa coisa da igreja, então eu gastava comigo mesmo, cas coisa que eu sempre quis ter.

Hoje eu uso só o back, umas 25 gramas por dia, umas 5 pitadas... uso quando eu fico estressado, nervoso. A vida é ruim e eu vo ficando nervoso e pego meus back. Mas eu só uso de manhã porque eu tenho minha irmãzinha de 6 anos, é pequena e é mulher, e nesse horário ela tá na escola. Eu tenho que respeitar, né?! Meu irmão é mais velho e também usa, mas nunca foi pro tráfico, pro corre...

Minha mãe sabe e não fala nada e nem pode porque é escolha minha e ela nem me criou. Minha irmãzinha é filha de um cara que ela amigou, e eu não gosto dele, mas ela já largou. Eu meio que cuido dela, é minha irmã. Eu gosto que ela vai lá na escola, mas eu não vou não, deixei a escola no primeiro colegial lá no Guião... eu nunca gostei

¹⁹ Yuri não autorizou a gravação de áudio.

de escola, é chato... não vo lá não. Eu quero trabalhar porque agora vou fazer 18, no mês que vem, aí se pega to ferrado, vo pra cadeia.

Quando os alemão me pegaram eu tava sem documento aí acharam que eu era de maior, e ferraram comigo... colocaram 5 pinos no meu bolso e me algemaram. Depois os filha da mãe usaram nine na minha frente. Como eu fui pego eu deixei o corre e o tráfico e agora tem os 18 chegando e eu não quero mais correr esse perigo... eu não me arrependi, mas pro juiz eu digo que arrependi pra aliviar a barra, eu fazia tudo de novo se precisasse, mas agora é ficar esperto porque não é mais a medida que a gente pega... Mas depois que acabar a LA eu vo para Araraquara ou Itirapina, porque não quero ficar lá com minha mãe e eu vô ganhar uma moto do meu padrinho e a carta, aí to livre. Vou mora sozinho nessa vida e fazer tudo o que quiser.

Eu tenho esse padrinho que é caminhoneiro e ganha bem, ele gosta de mim. Mas eu também tenho outros padrinhos, os da vida, que me dão os back de graça, me dão as roupa e os tênis que eu quero, sou liso e eles gosta de mim.

Eduardo, 18 anos.

Fale um pouquinho da sua infância...

Eu não sei muito, nasci aqui em São Carlos. Tenho pai e mãe, mas moro só com a minha mãe hoje, meu pai mora em outro lugar. Troco umas ideia com ele, converso, mas num convivo muito... Uma vez no ano ele vem me ver, porque ele mora em Santa Eudóxia.

E você estuda?

Não, eu larguei no ano para pode trabalhar. Agora eu parei de trabalhar também, mas eu trabalhava no restaurante, é lugar de comida japonesa, eu era sushiman. Eu não sabia nada, mas aprendi lá memo, eles que ensinava lá. Antes eu trabalhava numa transportadora... foi aí que larguei a escola, num gostava... e larguei memo. Depois desse trabalho eu entrei no corre.

E como tudo aconteceu?

Ah, foi meio do nada... tinha meu primo lá, amigo envolvido... e tinha mais oportunidade, porque ficava em casa, nem tinha que fazer nada. Eu era o gerente da biqueira, então só ficava em casa e distribuía a droga pros muleques que vendiam. Cada mil reais vendido de droga, cem reais era meu... e cada 50 gramas que eu picava, 50 reais era meu. Então por dia eu tirava 400, 450 reais, só meu.

O que você fazia com o dinheiro?

Gastava tudo. Na época que eu usava droga, gastava com isso também, eu fumava e cherava nine pesada. Eu também fazia academia, gastava com ropa... eu ía comer nos lugar, gastava fácil. Entra fácil, sai fácil. Ajudava minha mãe também, comprava tudo de come... e ela num perguntava [de onde vinha o dinheiro]. Era bom.

E o risco?

É complicado... era grande porque eu guardava as coisa em casa... era pior. Mas minha mãe nunca viu, tudo ficava escondido. Eu guardava no meu quarto, tinha tudo numa bolsa que eu escondia debaixo da cama. E quando a minha vó ía limpa o quarto, eu tirava e colocava no telhado... a casa é veia e tem um tipo de uma casinha no telhado e eu colocava lá. Minha vó tava desconfiando, porque eles ía lá busca droga às 6 da manha, de madrugada... aí eu tinha que saí lá fora e entrega a droga pra eles, era foda. Aí minha mãe e minha vó começaram a perceber... discutia.

E como os policiais tem pegaram?

Ah, minha casa é num bico, né?! E eu tinha acabado de sair com droga. No que eu virei a esquina dei de frente com eles [a polícia] que tava de carro parado lá... Passei andando de boa e fui jogar a droga, joguei. Eles vieram e apontaram a arma, tinha até um rifle, me pegaram aí. Mas eu tava sem a droga já, joguei tudo no terreno, mas como eu tentei correr e bati no carro deles, eles forjaram. Só que pro Juiz eu não falei nada... num ía falar que era forjado, tive que assumir. A minha droga eles num vieram, eu já tinha jogado, mas aí eles colocaram droga deles... forjaram. Colocaram no meu bolso e me bateram muito. Foi lá no b.o. e nem pedra tinha, mas falaram que eu traficava. Na minha mochila tinha uns 3 mil reais de pó que ía levar pro muleque vender, mas eles num pegaram aquilo lá... então forjaram sem dó. Aí no Juiz eu nem falei nada... ía falar o que? Era a minha palavra contra a deles... recebi ameaça, então eu num sô loco. Falei pro Juiz que era minha aquela droga que colocaram e pronto, acabou. O Juiz falou "a droga era sua?" eu disse "é".

E sua família?

Minha vó me expulsou de casa na hora. Aí eu fui pra casa da minha mãe. Eu sempre morei com a minha vó, sempre... Aí depois a minha mãe conseguiu casa e foi e eu quis ficar na vó. Minha mãe conseguiu um barraco... eu sinto falta, gostava de ficar na vó... ela que me criou.

E hoje, você pretende voltar para o corre?

Não... Tenho uma filha chegando. Minha namorada engravidou... em também tem 18 anos... num é de menor. Ela tá de 8 meses, falta um só pra nasce... é uma menininha que em chegando... ela vai chama Alice Gabriele. Hoje to feliz, mas foi um susto, lógico.

A gente namora há um ano, briga, larga e volta... larga, volta, larga, volta, rs...vou levano. Mas...é que pro corre eu num quero volta mais, por causa da Alice. Vou arruma trabalho certo pra sustenta ela. Nem uso mais droga, nem maconha... tudo pela minha filha. E já to com dois serviço de olho... quando acabá a medida eu vo trabalha com um cara que mexe em carro, coisa de mecânico... mas como num sei, eu vô vê se dá certo, se aprendo. Ou também posso trabalha com meu irmão que tira foto e faz álbum. Eu num queria porque com família às vez num dá certo, mas é bom o serviço. Tudo é pela Alice.

Eu tava aqui, mas tava de vez em quando lá... no corre. Agora tem dois meses que nada, nem corre, nem droga, nem nada. De vez em quando dá vontade, mas eu num posso. A Alice precisa de mim, eu vou ser o pai dela.

E os estudos?

Eu prentendo volta pra terminá, mas eu num gostava de lá, num gostava nada. Ninguém gosta de escola, tava nem aí. Estuda é ruim... a única coisa boa era as menina...rs. Mas to pensando na Alice, num vô mora com a mãe dela, porque nois briga, rs, mas preciso terminá esses estudo.

Luan, 18 anos.

Conta um pouco da sua infância...

Eu nasci aqui em São Carlos e a minha infância foi boa...Eu tenho pai e mãe, mas eles são separados...separô quando que eu tinha um ano só e eu fui criado pela minha vó, que é mãe do meu pai, a dona Eneida. Minha mãe que tá separada do meu pai já é casada com outro home e tem dois filho.

Porque você não foi criado pela sua mãe?

Porque meu pai bebia, certo?! Aí minha mãe se separo dele e ía saí de lá... da casa. Aí minha vó tamém quis pega eu... Graças a Deus eu fiquei ca minha vó.

E você estuda?

Eu estudei até o oitavo ano completo. Larguei, agora que quero voltá, comecei a trabaiá. Parei meus estudo por causa disso, mas agora se Deus quiser eu vou voltá a estudá. Eu quero terminá o tercero logo...pelo menos o tercero.

Em que você trabalha?

Com 14 anos eu comecei num supermercado. Depois fui montá móveis, que vem lá do Paraná. Hoje to desempregado, mas se eu arrumá um serviço eu pretendo trabaiá.

E como você chegou aqui na L.A.?

Eu comecei a andá com uma turminha e me envorvi com droga...mas com bastante memo, tudo quanto é tipo. Aí a policia me via e já pegava com droga, sempre isso. Aí já pensava “que esse tanto de droga?” Achava que já era do tráfico, mas eu num era nessa época. Num tava no corre, eu só mexia com droga, muita droga. Eu usava tudo

quanto é coisa, tudo! Maconha, nine, crack, cola, lança perfume... tudo. Minha audiência foi disso só, num tinha robô no meio. Na época da nine, eu ficava magro, magro, magro.

Eu comecei por causa que nois saia, eu e meus colega e a gente ía pro pião²⁰. Aí rodava cos manos e chapava o grobo. Ai nisso desandava nas porcaria...

Eu fui pego, por causa que eu tava cum droga no borso, aí o policial me pego, bordô...eles me batero... é a parte deles, nois tava errado. Se eles tão certo, eu num sei, mas que eu tava errado sei sim. Eu tive probrema no corpo, fiquei com dor de tanto apanhá, mas num falei pro Juiz, só minha vó qui sabe. Os seis num sabe da dor... por dentro dói mais, dá vergonha.

Meus amigos num chama pra vortá, já viro que eu num quero. Eles fala assim “Luan mudo de vida memo!”

Como você conseguiu parar com as drogas?

Por Deus, minha vó e a força aqui do Programa... a Adriana aqui da academia, que gosta de nois. Eu agradeço ao Programa aqui que mi feiz mudá de vida, me deu bastante força. O LA aqui me ensino educação, a te respeito...bastante coisa eles me ensinar. Eu num quero mais aquela vida, graças a Deus, nunca mais. Eu gosto de vir aqui, gosto do Programa, a presença deles daqui tamém é boa. Aqui eu tenho alegria, dô risada, uns momento bão que eu passo. Hoje eu vejo que se num tivesse aprontado, não tinha conhecido essa gente daqui.

²⁰ Pião significa rolê, passeio, bagunça.

Fabinho, 16 anos.

Me conta da tua história, da tua vida, o que você gostaria de me contar...

Nossa... Fala o que dona?

Ah, me conta um pouquinho da tua infância.

Se eu lembrar...

Você não lembra nada da infância?

Não lembro...

Nada de pequenininho?

Não...

Você tem irmão?

Tenho dois, um irmão e uma irmã. Ela mais nova e ele mais velho.

E você tem pai e tem mãe?

Tenho pai e mãe.

E como é tua relação com eles?

Rs, com meu pai é distante a relação... só com a minha mãe... porque minha mãe se separou do meu pai, quando eu era pequeno.

E ele não veio mais ver você?

Não, nunca! Acho que ele nem se lembra de mim... Verdade! Ele tomava muita pinga, aí ele ficou loco da cabeça.

E você se lembra dele?

Não.

Você sente falta?

Não muita, nem lembro dele...

E tua relação com tua mãe?

Mais ou menos também... Ela é brava, rs.

Porque ela fica brava?

Por quê?! Porque eu fiz coisa errada!

O que é coisa errada?

Humm... falar o que?

O que você aprontou pra ela ficar brava?

Eu mexi com droga... infelizmente.

O que você fazia?

Eu vendia... eu vendia droga e é um dinheiro... aí a policia pegou eu. Me cataram na minha vida e pegaram 50 grama de maconha... 50, 52.

O que mais eles acharam?

Mais 3 pinos e uns 150 real em dinheiro. Aí já fui levado até o plantão, aí dero audiência pra mim, que so de menor. Eu compareci na audiência e me dero socioeducação.

E há quanto tempo você tava no tráfico?

Num sei também...

Mais de um ano?

Bem mais... uns 3 ano.

Bem cedo você começou?

Bem cedo...

E tua mãe sabia?

Nossa, quando eu fumei maconha a primeira vez ela descobriu! Não deu nem tempo de disfarça.

Como ela descobriu?

Pela vista, que ficou meio vermelha.

Quantos anos você tinha?

12 anos... 12 pra 13.

E porque você fumou?

Por ilusão.

É ilusão?

Não sei, quem que sabe...

E você usa hoje?

Usei de manhã, maconha. Minha mãe sabe, mas não gosta... eu uso longe dela.

E onde você consegue grana pra isso?

No corre! Eu fazia o corre, agora parei que eu juntei um dinheiro.

O corre é o que?

O corre?... Não tem como explicar... sem explicação. O corre é o tráfico.

E quanto você ganha?

Eu ganho por pacote, é isso que eu ganho.

Quanto custa um pacote?

Depende, não é tudo lugar que é a mesma coisa... por pacote eu ganhava 50 real, no lugar que eu vendia.

Você vende quanto por dia? Ou por mês?

É por horário. Eu trabalho às 6 e saio às 10... seis da tarde às dez da noite. Eu ficava lá na quebrada, do meu bairro.

Tem muita gente que faz?

Ah tem um monte por bairro, agora entro outro no meu horário, porque eu num to mais.

E pra usar a maconha, onde você arruma dinheiro?

Eu ajuntei dinheiro quando eu sai... ajuntei dinheiro, comprei uns bagunho e saí fora. Comprei minha bicicleta, uns bagunho e saí fora.

Não vai querer mais?

Quem que sabe? Num sei...

Já experimentou a nine?

Não, a nine não. Não, acha?! Porque eu vejo os cara lá na quebrada, como que é. Nossa... cê é loco? O pessoal vende bagunho pra comprar pó... correntinha, relógio, os cara vende de tudo. Na minha casa tenho vários relógio, pulseira, que comprei na época do corre.

E sua mãe fala o que?

Agora tá mais calma, eu parei.

E teus irmãos usam?

Só o mais velho... ele usa e vende... minha mãe sabe, infelizmente.

E você tá na escola?

Não! Parei na sétima... eu num quis mais i, num consegui. Uma vez a dona pegou eu com maconha, aí acabou o ano e ela não quis me dá mais vaga. Minha mãe foi atrás de vaga pra mim, mas ela não queria deixá estuda. Aí minha mãe ficou atrás de vaga e depois paro.

E você não sente vontade de estudar?

Não! E nem tinha amigo lá... tá loco.

Você tem algum sonho Marcos?

Por enquanto não...

Você sente vontade de ajudar sua mãe?

Quando eu ganhava eu já ajudava já... Agora não com dinheiro... mas ajudo com as coisa de casa. Quando eu ganhava eu comprava comida, mistura, danone, lanche, pizza... as coisa que tinha vontade. Quando o dinheiro do corre acabá vo trabalhá no lava rápido com meu padrasto, que eu gosto mais ou menos... não muito, mas eu gosto dele.

Esse trabalho é melhor que o corre?

Não! Não é melhor, mas ganha dinheiro mais rápido... eu ganhava uns 150 por dia no corre. E no lava rápido eu ganho 30 por dia... Mas paga o marmitex e não corre de policia.

E quando a polícia pega? Como foi quando a polícia te pegou?

Como todas às vezes, ele aborda, pergunta se tem alguma coisa, bate, né?! Se achar alguma coisa, nossa... apanhei deles dentro de casa, quando eles acharam... Eu falei que não tinha nada, aí eles falaram “vamos ver na sua casa então”. Eu falei que não tinha, mas quando eles ergueram o edredon, caiu tudo... droga, maconha que eu usava e dinheiro. Aí eles apresentaram só metade no plantão. Porque eles pegaram metade pra eles... verdade! Você não sabe de nada dona... é foda.

E aqui na LA, você sente que é algo legal pra sua vida?

Perde tempo, né?! Porque o tempo que eu podia tá lá na rua vendendo eu to aqui. Se não tenho nada pra fazer, eu fico lá, vendo a droga no meu horário... é dona, essa é a verdade. Só que eu sou esperto, to nisso faz tempo, sou liso... Já bati em muita gente que me devia e não pagava, essa é a lei! Porque se a pessoa me deve eu não vou chamar a polícia, certo?! Então vai na porrada mesmo, já arrebentei muita gente. Eu vendo, mas vai ter q me pagar. Bato sem dó sim, to nem aí.

E pro Juiz eu faço cara de bonzinho e falo até que arrependi, pra não embaçar, pra aliviar a pena, mas é só cara de coitado mesmo. O Juiz é folgado, fala um monte de merda e eu quase choro na frente dele, rs, quero mais é sumir dali e voltar pro meu canto. E pra pegar as minas também tem que ter presente, ursinho, roupa, porque elas gostam e eu ganho pra isso também. Não fumava na frente da minha ex namorada, mas ela sabia de tudo e ficava de boa e eu mantinha ela... aí tem que trabalhar no corre, fazer o serviço, se virar.

Mateus, 17 anos.

Mateus conta um pouquinho da tua história

Eu lembro que eu nasci num bairro que num é bão, mas eu nasci por causa do meu pai e da minha mãe que morava lá, depois nós vinemos pra outro lugar aqui em São Carlos.

Você tem muitos irmãos?

Tenho, juntano com a outra muié é 15. Meus pais tão junto, a primeira muié morreu... com ela teve uns 5 ou 4, num sei quanto foi. E nois mora tudo separado, porque eles casaro e são tudo de maior.

E você estuda Mateus?

Estudo, to na oitava... Eu quebrei a perna, dei uma parada nos estudo, repiti por falta, dei uma parada. Mas voltei agora e quero continuar, porque é melhor o estudo pra arruma um emprego.

E no que você quer trabalhar?

Pra mim, qualquer serviço que aparece, qualquer um. Trabalhei com meu pai de servente e não é difícil, é fácil.

E me fala do LA, como está sendo para você?

Tá sendo melhor, a não faze coisa errada... não aprontá!

O que você fez?

Comprei uma moto roubada, tava andano e a policia pego eu... aí vim parar no Programa.

E porque você comprou uma moto, se você é menor de idade?

Por que eu queria... não tenho carta, mas sei dirigi... os colega na rua me ensinaram. E trabalhava com meu pai de servente, tinha dinheiro pra manter a moto.

E você participou do corre também?

Não, só mandei o outro robar... Falei pro outro traze a moto pra mim, ele robô e trouxe.. eu sabia que era risco. Me arrependi, to fazeno LA, to com nome sujo. Só fiz isso, minha família ficaro bravo comigo porque entrei nessa, sujei meu nome à toa. Num vô fazê mais isso não, não compensa.

Como a policia te pegou?

Eu tava andano na rua e a moto morreu. Eles viero atrás e eu liguei e acelerei, tentei fugir com a moto. Os policia chegou bateno e eu não fiz nada... batero na cara, em tudo e eu ía fazer o que? Eu nunca peguei nada robado, nunca peguei o verdinho, nem participei do tráfico... já me chamaram, mas num quero não, não compensa... eu vejo meus colega preso.

Meus pais num gosta disso, eles vai pra igreja Assembleia de Deus e às vezes eu vou também... eu até gosto. Minha vida é de boa, eu gosto de mora na minha comunidade, jogo bola, ando de bicireta. A moto agora só quando eu fica de maior, tiro carta e compro se eu tive trabaiando... só se for limpo, eu pego, robado não mais.

Igor, 17 anos.

Me conta um pouco sobre você, sobre sua infância...

Nasci em São Carlos memo, no Jardim Beatriz...perto da Redenção.Tenho mãe, meu pai é falecido, tinha 7 ano quando ele morreu... aí fiquei só ca minha mãe memo. Tenho só um irmão só, mais novo. Eu lembro dele [do pai], faiz tempo já, mai eu lembro. Hoje mora só nois, minha mãe, eu o irmão e minha vó.

Você estuda?

Estudo, to no sétimo ano, estudo de noite. Parei um tempão de estudá, porque eu num gosto de escola. Mas hoje eu vô porque enxerguei que tem que í, pra arrumá emprego, i atrás dos negócio. E o Juíz falô que tem que í, se num for embaça com o chefe.

Como você chegou aqui na L.A.?

Roubei, né?! Peguei 157, que é robá a mão armada. Eu tinha a minha arma e tava precisano de dinheiro...tava no corre, peguei e fui robá. Eu escondia a arma no meu quarto, ninguém sabia. Comecei no corre com 10 anos, mas nessa época eu num robava, só traficava. Mas agora que caí foi só no 157, num deu tráfico não. Os robô eu comecei com 13 ano, mas só de quem tem, os play, nois num roba de quem num tem...se põem no lugar, os pobres é igual nois.

Ninguém pegava eu, quando pegaro foi na maldade, os alemão deram um pau...me pegaro às 3 hora da manhã, foi duro, a rua num tinha saída, num tinha pra onde eu corre... foi paulada na cabeça, chute, chingo.

O que você fazia com o dinheiro que ganhava no corre?

Comprava uns pano, umas ropa. Minha mãe num sabia, então eu enrolava ela, falava que era emprestado, que tinha ganho... essas coisa. Comprava as coisa de casa

tamém, comprava danone, guaraná, mistura da semana. Eu tamém comprava o meu verdinho, a maconha, mas a nine nunca entrei não, jamais. Porque sei que num presta, só atrasa a vida da pessoa, né?! Eu larguei hoje a maconha, sinto falta, viu! Um poco todo mundo sente...

A gente entra no corre porque vê que a fome chega, mai ninguém pega o de menor...eu precisava trabaiá. Tive que entrá no corre...precisava de dinheiro. Quando eu fui pego a minha mãe falo pra eu toma juízo, rs.

Você voltaria para o corre?

Sei não viu...precisano eu vó atrás sim, conheço os cara, dá certo. Volto de boa porque eu conheço tudo. Num tenho medo de nada. A arma é consequência do que eu faço... Se os alemão pega ou é preso ou é morte, já sei... é a consequência. Minha mãe é aposentada, o dinheiro é curto...pra nois tudo, num dá.

Rafa, 16 anos.

Conta um pouco da sua infância...

Eu nasci em Araraquara, mas hoje moro aqui em São Carlos. A infância foi boa...brincava... Tenho meu pai e minha mãe e mai uma irmã mais velha dois ano que eu.

Você estuda?

Sim, to lá na escola sim. É primero ano. Teve um tempo que eu parei, mai voltei depois. Eu sô meio zuera, num levo bem a sério. Brinco, dô uma zuera de veiz em quando.

Como você chegou aqui no Programa?

Ah, eu ganhei uma moto de um cara e eu truxe. Vendi pra um muleque. Quando a policia pego ele, ele já falo que fui eu que vendi, que era de eu que ele tinha pegado. O outro cara me deu pra livra e eu fui doidão e peguei, num pensei muito. E eu dispensei rápido pra num dá rolo em casa, pra minha mãe num vê. Eu num achei que era robada, o cara falo que era de leilão. Vendi por 250 real. O muleque que é X9 e deduro e eu vim para aqui.

Mas eu nunca usei droga, nesse lado num fui, só experimentei uma única veiz, mai num curti, num achei graça. Foi por isso que separei de algumas amizade, porque anda cos muleque dá nisso.

Você já tinha alguma passagem na polícia?

Tinha duas. De uma moto e outra de mobilete. A policia me pego andano e eu sem carta, menor. Minha mãe ficava brava, falava que ía se preso, mas eu num ligava, num pensava que ía caí. Eu andava cos muleque e eles faiz isso, de boa. Mas só isso, nunca fui pro corre, nem usava as droga. Caí de alegre, é a primera vez no L.A. Das

outra vez fui pego, mai liberava. Dessa veis num foi assim, me pegaro, dero um tapa na cara e hoje to pagano L.A. Melhor L.A. que fica preso na Fundação. Hoje num quero mai, se oferece vou deixa queto.

Você tem algum sonho?

Sonho te uma família. Porque trabaiá num é sonho, tem que trabaiá e pronto.

E o que o Programa significa para você?

Foi bom, faço academia, aprendi que num é pra faze mai essas coisa, que dá rolo ca justiça. No fim foi coisa boa.

Leo, 17 anos.

Conta um pouquinho da sua infância.

Nasci aqui em São Carlos, moro aqui. Tenho pai e mãe, mas fico só com a minha mãe, meu pai é chato... ele se separo da minha mãe eu era pequeno, mas num lembro a idade direito. Ele num vai me vê e eu também não. Eu sei que ele paga pensão, mas é só isso que eu sei. Tenho mais 5 irmão. Mas na nossa casa só mora eu e minha irmã, que tem 19 ano. Ela que cuida deu.

Porque você não mora com sua mãe?

Por causa dos problemas que eu tive... problema de justiça. Os bagulho que eu fiz na Vila lá, né?! Ela num aceito e molh²¹ pro meu lado. Eu fui trafica, né?! Ela num quis isso e mando eu i mora com minha irmã. Mas eu gosto da minha irmã, lógico.

E você está estudando?

Não! Parei na sexta série. Voltei nesse ano, por causa do Juiz... mas agora num fui mais, comecei trampa²²... e num fui. Eu era do corre, entrei com 15 anos...sempre trafiquei e com 16 comecei a roba. Quando a gente tá nessa vida, nem sente nada, nem medo, nem nada... vai e pronto.

E quanto você ganhava no corre?

Depende do dia. Tinha dia que eu num trampava, então zerava. Tinha dia que pegava firme e ganhava 60 por hora. Ganhava muito, muito mesmo, era muita grana.

E em que você gastava?

²¹ Ficou ruim.

²² Trabalhar

Só em droga. Às veiz em ropa...às veiz ajudava a minha mãe em casa. Nessa época eu fui traficá e saí de casa de veiz, morava sozinho. E minha mãe num sabia de nada do que eu fazia, mas eu ía lá dá uma força no barraco. Eu fiquei no barraco da minha vó que num tava morando nele nessa época. Eu fiquei lá uns treis mês. Minha mãe ía me vê. Aí quando eu voltei pra casa da minha mãe, já tava no rolo dos alemão e minha mãe num quis, ela fico cum medo... então fui lá na minha irmã. A minha mãe tem muito medo de policia e eu também tenho, né?!

E como foi quando a polícia te pegou?

Deu um sacode forte, apanhei muito. Eu tava robano uma casa, fui pego bem na hora...me pegaro na rua. Num tinha ninguém na casa, tudo certo, mas na saída deu erro. Nessa vida é assim memo, num tem que se arrepende, é sempre assim, mas a gente pega dos boy só. Deu 155, sem dó.

E quando você sair daqui do Programa?

Depende... depende se eu consegui volta com a minha ex namorada. Se eu volta com ela eu num quero mais essa vida, porque ela e a mãe dela num gosta. Mas se num der certo, aí só Deus que sabe. Ela [ex namorada] me disse que tem nojo disso do corre, do tráfico, das droga, da maconha. E por ela eu largo, até diminui meu ritmo na maconha. Por ela eu largo. Eu usava muito, putz... Arregaçava na nine. Usava desde os 14 até agora. Parei agora memo, de uns dia pra cá...tô de boa e num quero.

E os estudos?

Num gosto e num quero. O que eu quero memo é trabaiá lá no Aracy. Peguei uns bico de servente e to me virano. Meu único sonho é volta para minha ex, ela se orgulha deu e só. A gente namoro sempre, mas quando a mãe dela sobe dos lance [do corre] feiz larga. Agora eu senti falta, porque a gente viveu bem. Agora se ela num volta aí eu já num sei... meu mundão lá das quebrada é o que eu conheço. Eu volto sem dó.

Yan, 16 anos.

Yan conta um pouquinho da sua infância, suas lembranças dessa fase.

Eu nasci em Mogi das Cruzes, morei lá acho que 8 anos, com meus pais num apartamento, aí passou um tempo, depois desses 8 anos que eu morei em Mogi eu mudei pra Lorena com meus pais.

Lá em Lorena morava eu, meu pai, minha mãe, meus irmãos e minha vó. A casa era da minha vó. Aí passo um tempo e minha mãe veio pra São Carlos, por causa que meu vô que mora aqui tinha falecido... e era pai dela. Daí ela veio mora pra cá e logo em seguida veio o meu pai e eu fiquei por lá com a minha vó. Foi só eu morano com ela sozinho.

Meu pai e minha mãe fico morano aqui. Isso foi o ano passado...acho que não... foi em 2012. Porque na época num tinha dinheiro pra paga a passage até aqui... aí veio só a minha mãe, que ficou aqui ca minha vó, a mãe dela. Meu pai veio só depois e num tinha condições de trazê eu. Eles viero, mas foram atrás de serviço e num tinha. Aí só agora que nesse ano eu vim pra cá. Faz cinco meses que eu to morano aqui.

Minha mãe hoje trabalha no Sesc, na limpeza, que ela cuida de lá. E o meu pai é na funilaria e pintura. Quando que a minha mãe veio ela troxe o meu irmão menor, o de 5 ano. Aí depois veio o meu pai e troxe o maior de 8 ano e eu fiquei lá. Sentia muita falta dos meus pais... nossa, foi foda.

E você estuda?

Eu estudo sim, to no primero ano. Eu repiti uma vez no ano passado... tinha falta e notas ruim tamém. Eu matava aula, num conseguia fica na aula... Num gostava de fazê as coisas, da dona ficá falano, tendo que copiá... Eu num gosto de nada, só do intervalo.

E o que aconteceu para chegar aqui ao Programa?

Que quando eu morava só com a minha vó eu comecei a usa droga e coisas assim e ela num queria mais que eu ficasse com ela. Eu usava só maconha mesmo, mas

andava com mal companhia... minha vó num sabia de nada, ninguém me segurava. E eu tive vontade de experimentá tamém.

Lá eu num fazia corre não, só usava as droga, dava os pião na escola... essas coisas. Lá eu nunca robei nada. Quando que eu vim pra cá que eu comecei a fazê isso.

Aqui me faltou dinheiro pras droga, aí num teve jeito. Fui só uma vez pra robá e cai. A polícia me pego de primera. Foi na primeira vez, por causa de que eu fui robô um celular do muleque lá. Foi perto do hospital, numa rua retona, bem grande... foi ali, robei o celular e sai.

Num tava armado, foi só no grito. Segurei ele e disse que era pra dá o celular. Aí ele deu o celular e saiu correndo, entrei no mato que eu já tinha dexado minha bolsa. Mai daí a polícia já tava atrás. Corri, mai num deu.

Me pegaro rápido, nem deu pra pensa. Batero muito... muito. Teve uma hora que eles falaram pra pega a bolsa, porque eu já num tava mais com a bolsa, joguei longe. Aí eu fui pega, né?! Mas tava no meio do mato, eles foram comigo... nossa! Aí sentaram o pau ne mim lá... eu aguentei, né?! Tamém num tinha mais o que fazê. Batero na cara, dava soco no estômago, na costela...batero mesmo.

Robei para rodá com esse dinheiro...comprá as minha droga, roupa... minhas coisa.

Nesse dia pegaro nós [tinha outros três jovens juntos que já cumprem medida socioeducativa no Programa] e nós foi lá pro NAI [Núcleo de Atendimento Integrado] e ficamos um dia lá. Aí no outro dia era umas 15:30 chamaram nós pra ir pra audiência e o juiz falou que nós íamos fazê L.A.

E quando você aparece com coisas novas, seus pais não perguntam de onde vem o dinheiro?

Não, porque até agora não apareci. Foi o primeiro robo mesmo... das droga ela [a mãe] sabe. Ela num gosta, mai num tem como falar nada. E eu uso só em casa, é por isso que a minha mãe deixa. Minha mãe ficou abalada com essa história toda. O meu pai falou menos, porque ele foi do corre antigamente, bem antigamente... na época eu era muito pequeno, num lembro. Mas ele sempre falou pra mim como era, das coisas que ele fazia.

Ele choro quando me viu nessa. Por causa que ele num queria que levasse essa vida que ele teve um dia.

Eu num quero sai daqui e volta pro corre, num é vida isso... deu um desacerto na minha família isso, eu que provoquei.

Se você não roubava antes, com que dinheiro compra a droga?

Ela [a mãe] me dá. Compro por 5 reais uma paranga, que dá uns dois baseado. Eu uso uns dois, três por dia...

Rogério, 17 anos.

Rogério me conta um pouquinho da sua vida, suas lembranças de infância.

Eu nasci em Porto Ferreira, tenho pai e mãe, mas moro só com minha mãe porque eles são separados. Eu tenho dois irmão, um home e uma mulher.

E você estuda?

Estudo direitinho, faço a oitava série... perdi uns ano ai porque eu não gosto de ir pra escola não... Agora eu levo a sério por causa do Juiz. O Juiz me deu 157.

O que é 157?

Assalto à mão armada. Eu participava do corre, comecei com 10 anos. Ninguém me chamou, eu conhecia os cara. E ganhava bem. Tinha mês que era 1000, tinha mês que era 2000 e eu tinha 10 anos. Eu gastava tudo, comprava ropa, tênis e também dava pra minha mãe.

E ela não perguntava de onde vinha esse dinheiro?

Perguntava, mais... ah, eu falava a verdade. Ela se importava, mas não tinha nem como fala nada. Ela dizia que era perigoso, mas e a fome? Eu vendia droga, dava certo... eu também uso, mas é só maconha. Nunca usei a nine, nunca. Só o lança perfume, até hoje. Mais não sô viciado, eu tenho controle.

Os alemão pegaro umas veiz só, mas nunca acharo nada. Agora dessa veiz a casa caiu, deu b.o. e a casa caiu. Foi por causa de uma moto, fui assalta o cara da moto, roubei, mas o cara chamou os alemão e me reconheceu. Eu até falei pro Juiz que me arrependi, mas num dá nada... Falei que arrependi pra o Juiz alivia a pena, mas eu não arrependi. Se eu tiver oportunidade, quando eu sai daqui eu volto pro corre... é lógico.

E agora que você está sem dinheiro, como sua mãe está sustentando a casa?

Minha mãe e minha irmã trabaia, sempre manteu a casa... meu irmão também trabaia, mas só eu que fui pro corre... eu uso arma, os cara me ensino... não são amigo, são colega...

Já apanhei muito da policia... soco no rim, na perna, pisão na cabeça... tem que aguentar as consequência. Mas também bati muito, o cara me devia 800 real. Nois falo com o irmão lá e arrasto ele pra quadra, nois tava em quatro.

O que você sente quando bate?

Ah, sei lá... o cara tem que me pagar, lógico. Dívida é dívida.

E aqui no Programa, o que você sente?

Gosto mais ou menos. Venho porque é obrigado, mas até que é legal a academia. Todo mundo tem vontade de trabaia certinho, mas num tenho sonho, nois num consegue porque o povo te julga pela aparência e ninguém dá espaço pra trabaia, só sobra o corre.

1.2 Anexo – Nossos Contos: A Transcrição

Diário de Campo

Todos os encontros e entrevistas foram realizados no mesmo espaço, a academia Forma Jovem, no qual os/as jovens do Programa de Medidas Socioeducativas participam das atividades, mediante escolha. A academia conta com um espaço grande, iluminado, com diversos aparelhos de ginástica (esteiras, bicicletas, pesos), televisor, rádio, cozinha, banheiro e jardim.

A inserção a academia se deu no período de janeiro a julho de 2014. O período em questão compreende a um grupo de jovens que recebeu no mês de janeiro uma medida socioeducativa de seis meses. Dessa forma, a coleta e acompanhamento se deu junto a este grupo de jovens.

Aguardei ansiosa cada entrevista e aceite dos jovem em participar como colaborador da pesquisa. Paralelamente ao aceite de cada um foi estabelecido uma relação de convivência e trocas em cada encontro, que se davam as segundas, quartas e quintas, à tarde, neste período de seis meses.

De maneira geral houve um estranhamento inicial quanto a pesquisa e a minha presença no grupo, que aos poucos foi se desfazendo e dando oportunidade para a construção de uma relação de confiança, que propiciou a realização das entrevistas.

Algumas entrevistas iniciaram-se de forma séria e com poucas informações, no qual a timidez ainda se fazia presente. Aos poucos os jovem se soltavam e mergulhavam em suas recordações, trazendo uma riqueza de detalhes a cada história narrada.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos colaboradores, com exceção de apenas um jovem, que afirmou ter medo que alguém reconhecesse a sua voz. Estão organizadas na ordem que foram gravadas. Aos colaboradores foi dada a informação de que haveria resguardo de identidade de todos e sigilo absoluto dos seus respectivos nomes. A maioria escolheu seu nome fictício. Ressalto que todas as entrevistas e a inserção ao Programa de Medidas Socioeducativas foi mediada e auxiliada pela Coordenadora do Programa, bem como pela professora responsável pela academia.

Marcelo

*Agora to aí trabaiano, vivo no
do meu suor e
nada dependendo dos outro, robano dos outro,
que isso aí é coisa feia.
Eu falo pra mim e pros muleque
aí também, que é sair dessa vida.
Eu até penso em sair das droga, que isso só arrasta e
briga com a família,
só dá morte, cadeia... eu ainda uso maconha,
só maconha... uma vez por dia, duas...
Depende do dia, se o dia tá bão,
se tá ruim,
vareia.*

Diário de Campo

O Marcelo foi o primeiro jovem a ser entrevistado. Pensei que seria tenso, pois estava muito ansiosa por este momento. Contudo, Marcelo é um menino muito comunicativo, que “fala com os olhos”, franco, que em nenhum momento se sentiu inseguro frente à entrevista ou a mim.

A entrevista não poderia ser melhor. Inicialmente estava mais ansiosa que Marcelo, que me transmitia tranquilidade e assertividade nas palavras.

Mal iniciamos e ele começou a falar sobre diversos assuntos, sempre com naturalidade e espontaneidade peculiar. Penso que a forma positiva que se deu a entrevista deve-se a personalidade destemida de Marcelo, bem como por estar inserida há algum tempo no grupo e manter uma boa relação com todos. Dessa forma, não se tratava de uma desconhecida a que eles narrariam suas vidas, mas sim uma integrante do espaço, com uma intenção clara de pesquisadora.

Marcelo, 18 anos.

Minha vida é muito simples, só eu e minha mãe no mundo. Nós fomos abandonados pelo destino, ela nunca mais teve contato a família dela e eu nunca cheguei a ter um pai de verdade, ou outras pessoas a que eu pudesse afirmar que seriam meus familiares. Tenho uma pessoa que sei que é meu pai, mas quase nunca conversamos. A minha mãe é quem sempre esteve junto a mim. E assim, fomos nos tornando um para o outro, fortalecidos nessa relação de apoio, em que não podíamos contar com mais ninguém. Vivíamos um para o outro...

A dificuldade financeira associada ao pouco estudo impossibilitava minha mãe de suprir com as necessidades mais básicas que tínhamos, todo mês as contas atrasavam, alimentos restritos, frio e a fome batendo a porta.

Pensamos juntos na possibilidade de eu arrumar um emprego. Mas onde? Fazer o que? Afinal eu ainda era uma criança muito pequena. Comecei a fazer pequenas ajudas na vizinhança, lavando um tapete, uma calçada, até engraxei sapatos. Porém a comunidade a qual pertencço é muito pobre também, e assim as pessoas pouco tinham com o que me ajudar, conseguia umas moedas, pouca coisa. Pensei em ir a outros bairros ou até mesmo a região central da cidade, todavia minha mãe não queria, pois era muito pequeno e o Conselho Tutelar poderia autuar minha mãe. Deparamo-nos com poucas opções que não resolviam nossos problemas mais imediatos de sobrevivência.

Em meio a esse turbilhão de problemas minha mãe ficou desempregada. Foi uma fase muito difícil e o desespero tomou conta dela e de mim também. Eu queria resolver tudo aquilo, não gostava de vê-la chorando, me doía à situação humilhante e miserável que vivíamos.

Cada dia que passava a situação piorava e os poucos alimentos que tínhamos chegaram ao fim. Tive que tomar uma atitude rápida e assertiva para resolver a nossa vida. Conhecia uns meninos do bairro e da escola que traficavam e ganhavam muito dinheiro com isso, na comunidade em que resido isso é muito comum, sempre tem as lojinhas²³. Eu também já havia experimentado drogas na escola com esses mesmos meninos e sabia qual o caminho a seguir.

²³ O termo lojinha se refere a local em que vendem drogas, conhecido também como “bocas de fumo”.

Não tive mais dúvidas! Entrei para o corre²⁴ e comecei a roubar aos 9 anos de idade. Meu primeiro assalto foi aos 9 anos, pois eu tinha que suprir as necessidades da minha casa, acalmar a minha mãe que não enxergava mais alternativas para a nossa situação e eu também tinha meus sonhos de criança. Eu queria sair com os meninos do bairro, queria beber e usar drogas, pois já estava dependente de ambos, também desejava ter umas roupas novas, correntes, colares, relógios. Com o corre alcancei a minha independência, realizei pequenos sonhos e, principalmente, ajudei a minha mãe. De certa forma isso me trouxe felicidade, pois era do meu dinheirinho do meu trabalho que a minha mãe estava mais calma e as coisas começavam a se acertar.

Minha mãe não sabia de onde vinha aquele dinheiro, mas sempre o aceitou. Certa vez ela afirmou que eu traficava, mas eu não traficava, apenas roubava. E a ela eu justificava que tinha realizado pequenos consertos, ajudado as pessoas e com isso ganhava um dinheiro. Ela sempre soube que não era dessa forma que eu conseguia sustentar a casa, mas a necessidade falava mais alto e diante da fome foi esse o meu caminho.

O tempo passou e eu continuei no corre. A polícia me pegou diversas vezes em meus assaltos, no qual, em alguns momentos me levava à delegacia, em outros me liberava ali mesmo na comunidade. Eu sempre ficava quieto frente aos policiais, pois não tinha nem o que dizer, afinal eu estava roubando. Apanhei muitas vezes nestas abordagens, mas este é um dos riscos a que estão sujeitos todos aqueles que optam por este caminho. E afirmo que foi opção, pois em nenhum momento eu vi minha mãe fazendo ou fui forçado a fazer algo referente aos assaltos ou ao uso de drogas e bebidas, eu escolhi esse caminho e a vida também colaborou. Não sei o que outras pessoas fariam em meu lugar, eu só sei o que eu fiz e porque eu fiz.

Assim também foi com a droga, fui eu que decidi experimentar. Sempre presenciava os moleques da escola, maiores que eu usando e ficava curioso, até o dia em que eu comprei e usei sozinho... e nunca mais parei, uso até hoje. Usei todos os tipos, mas desde os 15 anos uso só maconha.

Paralelo a tudo isto eu deixei de estudar, pois quem trabalha no mundo do crime fica a noite toda praticamente acordado, nas quebradas²⁵ da comunidade e ao longo do dia dormimos. Ou seja, a escola com seus horários rígidos deixam de ser a nossa opção

²⁴ De acordo com os jovens do Programa de Medidas Socioeducativas, o “corre” é uma gíria que denomina atividades ilícitas de roubo, assalto e suas derivações no mundo do crime.

²⁵ O termo “quebradas” refere-se aos becos e locais escondidos dentro da comunidade, onde ocorrem uso e venda de drogas, planejamento de crimes e atividades ilícitas.

e desejo, afinal os estudos são para aqueles que terão empregos formais, uma casa bonita e um carro. Que mudança de vida a escola traz para o pobre e negro? A escola nunca me trouxe comida e eu e minha mãe precisávamos comer.

Nessas idas e vindas eu fui pego pelos policiais muitas vezes, porém somente agora aos finais dos meus 17 anos recebi a medida socioeducativa e cheguei ao Programa e não teve outro jeito. Fui pego pelos policiais em flagrante em um assalto sem arma, trata-se do artigo 155. Nessa fase eu também já estava em outro momento, além de manter a casa eu também tinha minhas dívidas de drogas e bebidas.

Quando entrei aqui no Programa e após a audiência com o Juiz eu vi que a situação pode piorar se eu não mudar de atitude, uma vez que acabei de completar meus 18 anos, ou seja, atingi a maioridade e poderei ser preso em uma Unidade Prisional se eu não mudar de comportamento. A partir de agora não será mais abordagens policiais que não resultam em maiores problemas, agora eu serei responsabilizado em processos, que poderão me levar à cadeia.

Outro fator importante é que com a maioridade consegui um emprego formalizado, com registro em carteira. Hoje trabalho na coleta seletiva do município e ganho meu dinheiro suado, honesto. Minha mãe é faxineira e juntos nós mantemos a nossa casa com aperto, mas na honestidade.

Apesar do raro contato, sei que meu pai é pedreiro e honesto também, nunca se envolveu com o mundo do crime do qual eu fiz parte. O crime não compensa é apenas uma ilusão e ressalto que a minha próxima meta é deixar a maconha, que ainda uso de forma controlada hoje, mas uso. Essas coisas começaram a falar mais alto dentro de mim e cheguei ao ponto de dizer aos meus amigos para se afastarem do crime, quem diria que eu daria bons conselhos um dia.

Sorriso

Eu fiquei quatro dias no NAI...

num quero mais isso, cê é loco?!

Vixi é fera... trancado, preso... nós

é serehumano... nem bicho consegue

fica trancado que morre.

Dava vontade de bate a cara na

parede, na hora que chega o funcionário

dá vontade de agredi ele...

É fera... fica preso é fera. Teve uns colega que

foro pra Fundação, que é pior ainda.

Diário de Campo

Inicialmente o Sorriso não queria participar da entrevista, como colaborador. Ele participava de algumas atividades da academia, conversava muito comigo, sendo sempre muito afetuoso, fazia questão de cumprimentar na entrada e na saída da academia.

Quando o convidei a participar da pesquisa foi franco e afirmou que não queria, que tinha receio de falar de suas histórias, respeitei sua decisão. Aos poucos ele mesmo começou a perguntar sobre o que eu fazia na Universidade e qual a utilidade da pesquisa que eu realizava.

Conversávamos muito e após ele dialogar com outros jovens que participaram da entrevista sentiu-se seguro e perguntou-me se poderia participar. Fiquei muito feliz por ter “conquistado” a confiança dele.

Tivemos que reagendar a entrevista por mais de 3 vezes, uma vez que na hora marcada ele alegava que estava com dor de garganta ou dor de cabeça. Entendi que tratava-se de uma resistência, mas não o pressionei em nenhum momento, deixei livre para participar ou não.

Ele participou com muito entusiasmo e sentiu-se respeitado. Foi o primeiro jovem a trazer o Termo de Consentimento de Pesquisa assinado pelos responsáveis.

Sorriso, 16 anos.

Não sei muito que falar de mim, sou muito alegre, tenho muitos amigos, namoro e sempre tive uma vida tranquila com pai e mãe, irmãos, tudo certinho. Minha mãe é muito esforçada, trabalha como faxineira em várias casas de família, meu pai também é trabalhador, atua como segurança de uma empresa municipal e meus dois irmãos – um menino e uma menina – trabalham formalmente também, são maiores de idade e registrados. Vivíamos muito bem, com problemas comuns a uma família pobre, porém trabalhadora e unida.

Há três meses atrás tudo caminhava bem até o dia em que meus pais optaram pelo divórcio, aí a situação familiar modificou. A vida virou do avesso completamente, me senti perdido frente a esta nova realidade de vida, não me acostumo a não ver meu pai em casa todos os dias, como antigamente. Não me envolvi muito neste processo de separação deles, é uma questão do casal, todavia sei que meu pai não estava dando a devida atenção que a minha mãe merece e chegou a ser deselegante com ela por diversas vezes.

Frente a esta situação delicada em casa, com discussões cada vez mais agressivas e constantes, também surgiu a questão financeira, no qual tivemos que nos reorganizarmos e restringir os gastos ainda mais. Eu me senti frágil, fiquei com a cabeça a mil e não sabia ao certo o que fazer para minimizar a minha dor e a dos meus familiares, minha mãe chorava muito. Associado a isso minha mãe descobriu que eu estava usando drogas há um ano, ficou muito brava e começou a me vigiar e a me proibir de sair de casa, até mesmo com a minha namorada. Eu estava me sentindo preso em minha própria casa e o meu corpo pedindo a droga, pois não consigo ficar sem a maconha.

Na fase em que meus pais estavam casados eu sempre tive meu dinheiro, era pouco mas eu tinha, porque eles sempre me davam. Com o divórcio deles tudo mudou para pior. Eu não sabia o que fazer para conseguir dinheiro para comprar a minha droga, pagar as minhas dívidas e sair com a minha namorada e meus amigos no final de semana.

Não pensei muito nas consequências, só me recordava que há um tempo atrás meu irmão também participou do corre e dava certo... eu decidi fazer a mesma coisa e optei por participar do corre e assaltei uma moça com uma faca. Quero ressaltar que eu entrei nas drogas e no corre porque eu quis, lá na favela não existe a possibilidade de

alguém convidar ou até mesmo insistir para que alguém participe desse mundo, são escolhas pessoais, você escolhe seu caminho. São escolhas que você faz, entra no crime a hora que você quer e sai também da mesma forma, desde que não possua dívidas com os caras [chefes de boca]. Agora, se possui dívidas, você pode até tentar se afastar deste mundo, sumir, mas eles vão te encontrar até no inferno e vão cobrar a sua dívida, essa é a nossa lei.

Eu fiquei no corre por aproximadamente um mês, um pouco mais e logo fui pego pelos policiais, pois não tinha a malandragem dos caras ainda, apanhei um pouco e eles me levaram para registrar um boletim de ocorrência e, conseqüentemente, ao cumprimento da medida socioeducativa.

Cometi alguns delitos neste período e quando fui pego fiquei por 4 dias no Núcleo de Atendimento ao Adolescente Infrator, visto que por ser menor de idade não poderia ficar na penitenciária até o estabelecimento da ordem judicial de punição. Foram os piores momentos da minha vida [esses 4 dias], pois fiquei trancado em uma sala, algo comparado a uma cela, afinal não conversava com ninguém, não podia sair, mal via a minha família, recebia a minha comida pela grade. Foi meu maior desespero, sou um ser humano, até um bicho morre se ficar preso. Quando fiquei lá tinha vontade de bater a cabeça na parede, tamanho o meu desespero... quando aparecia algum funcionário tinha vontade de agredi-lo, mesmo sem motivo. E considero que ainda tive sorte de não ser encaminhado a Fundação CASA, pois aí estaria em uma situação muito pior e reconheço isso.

Hoje converso com meus pais e eles sempre falam para não fazer mais isso, não me envolver com pessoas e coisas erradas. Eu sempre andava com os caras, usava a minha droga controladamente, porém nunca havia feito algo parecido, eu sempre me resguardava e não participava do corre. Hoje escuto os conselhos dos meus pais, esses dias minha mãe até chorou pois achou que eu estava envolvido em um lance estranho, mas eu pude provar que não.

Agora aqui no Programa de Medidas Socioeducativas cumpro as minhas obrigações corretamente e estou inclusive frequentando a escola, pois o Juiz alertou para a possibilidade de não cumprimento e encaminhamento a Fundação CASA. Na escola estou cursando o primeiro ano do ensino médio e não gosto muito de estudar não, me irrita ficar naquele controle da sala de aula, mas já que não tenho outra escolha [determinação judicial de estudo] estou frequentando a escola todos os dias e confesso que não sei qual a função disso.

Bira

*Gastava tudo no funk e droga,
mas só maconha hoje.*

*Quando comecei com 11 ano eu usava tudo,
a nine também.*

*Cheirava e fumava. A nine faiz uns 2 ano
que larguei ou menos,
num lembro direito.*

Diário de Campo

O Bira é um jovem muito tranquilo que logo que o convidei a participar da pesquisa, enquanto colaborador, aceitou prontamente. Ele não se mostrou muito contente com o uso do gravador, questionando o meu uso. Expliquei que apenas eu iria ouvir e que não haveria nenhuma divulgação da voz dele. E que poderia desligar o gravador caso ele quisesse. Por fim, aceitou o gravador.

É um jovem muito consciente de suas atitudes, demonstrando malícia quanto às formas de driblar o sistema, porém com um semblante de franqueza nas palavras.

Aproximamos-nos ao longo das inserções e infelizmente ao final do cumprimento de sua medida socioeducativa já estava infracionando novamente e chegando novos boletins de ocorrência, por tráfico de drogas.

Bira, 17 anos.

Sou de São Paulo, nasci e morei lá por cinco anos. Mudei para São Carlos ainda criança e aqui cresci, vivi, fiz amigos... Aqui eu moro somente com a minha mãe, nós dois estamos sozinhos desde a minha infância, pois meu pai ficou em São Paulo e nunca mais eu tive um contato com ele. Eu sofro com isso, não pela falta dele especificamente, mas de um outro pai, uma outra pessoa, alguém que tivesse sido presente na minha vida, que tivesse brincado comigo na infância, que tivesse sido meu herói. Eu nem me lembro do rosto dele, da voz, de nada... não tenho uma lembrança se quer... e quando saí de lá, já tinha 5 anos e lembro de outros acontecimentos, mas nada que se refere a ele.

Minha mãe me criou na garra e na coragem, sozinha e não mais teve outro relacionamento, nem outros filhos. Somos só nós dois em casa, um vivendo para o outro. Eu dou um pouco de trabalho para ela, saio e não aviso onde estou, não aviso que horas vou voltar e ela fica brava comigo, mas depois ela perdoa. Ela fica mais brava é com a escola mesmo, pois deixei de estudar, parei tudo no ano passado. Repeti a oitava série por 4 vezes, pois não levo a sério, não gosto da escola, não consigo ficar parado, lendo. A única coisa que gosto da escola são as professoras, rs, gosto da bagunça e nada mais.

Com tanto tempo livre, sem trabalho e sem estudo, ficando o dia todo sozinho em casa eu comecei a sair com os caras da favela, me envolvi em coisa séria e, conseqüentemente, estou cumprindo medida socioeducativa. Mas não é a primeira vez que cumpro, já fiz medida socioeducativa outra vez.

Entre para o corre aos 11 anos de idade, o que certamente as pessoas consideram como criança, porém na favela já é adulto com essa idade e tem responsabilidades a serem cumpridas, quando se entra no mundo do crime. Eu iniciei no corre, pois com esta idade comecei a usar maconha e precisava de dinheiro para comprar e obviamente a minha mãe não poderia saber disso. Como também não teria dinheiro para me dar, mesmo que eu inventasse desculpas, pois sempre fomos muito pobres. Não tinha outro jeito, era o corre mesmo que me aguardava.

Já de primeira vez peguei 5 quilos de maconha para vender e fui pego nesta ação, porém apenas com um pedacinho, o resto já tinha sido vendido. Todavia, não

resultou em medida socioeducativa, pois com 11 anos é considerado criança pelo ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] e crianças não podem cumprir socioeducação. O tempo passou e continuei ativamente no corre e aos 13 anos foi a primeira vez que fui punido judicialmente e cumpri a medida determinada pelo juiz até aproximadamente meus 15 anos.

Fiquei assustado com a possibilidade de ser encaminhado a Fundação CASA, que para mim é semelhante a uma prisão, pois não pode sair, não pode ver a família, não pode usar maconha, tem que estudar obrigatoriamente. Eu não queria isso para a minha vida. Dessa forma, optei por sair do corre e retomei meus estudos, estava tentando buscar outro caminho, aquele que a minha mãe sempre desejou e eu nunca me comprometi. Não sei o que há em mim, só sei que me proponho a mudança e tento fazer diferente, mas tem algo que não deixa, acordo um dia certinho e no outro não. Tento, mas não consigo me afastar da bagunça, dos erros.

Em meio a tudo isso, minha avó faleceu e eu fiquei muito mal. Morávamos na casa eu, minha mãe, minha vó, minha tia e meu tio. E aí morreram minha vó, minha tia e o tio [irmãos da minha avó], todos de idade, estavam velhinhos... Ficamos minha mãe e eu. Sofri muito, sinto falta deles. Em poucos meses faleceram todos.

Frente à tristeza da perda dos familiares, também houve a falta de dinheiro, pois meus familiares ajudavam em casa. Em pouco tempo eu deixei a escola novamente e retornei ao mundo do crime. E fui pego novamente e aqui estou hoje, aos 17 anos. Eu estava sem escola e em uma rotina livre, triste, acordava a hora que queria, não tinha obrigações, responsabilidades, nem diversão. Precisava de dinheiro, queria comprar as minhas coisas, roupas novas, drogas. Quando iniciei aos 11 anos eu usava todos os tipos de drogas e a nine²⁶ também. Cheirava e fumava muito, o tempo todo. A nine faz uns 2 anos aproximadamente que larguei...não me recordo direito.

No corre eu ganhava muito, uma média de 500 reais por dia. Da mesma forma que este dinheiro entrava eu gastava tudo em festas de funk, roupas para mim e minha mãe, móveis para a casa da minha mãe, alimentos e drogas. Eu levava a minha mãe nas lojas de móveis e eletrodomésticos, dizia que ela poderia escolher o que quisesse.

²⁶ Nine é um termo que os jovens usam para referirem-se a cocaína.

Eu vendia muito bem e não marcava para me pagarem depois, não vendia fiado. É só à vista, pois depois se não recebe a dívida passa a ser sua. Nas quebradas é dinheiro em uma mão e a droga na outra, afinal é muito risco e quando os policiais nos pegam, apanhamos, por isso tem que compensar o crime. Nas primeiras vezes que fui pego, eu acredito que não apanhava porque era pequeno, hoje sou adulto e tudo mudou. A primeira vez que fui abordado [pelos policiais] foi estranho até, pois estava andando de bicicleta em frente a minha casa e logo observei a chegada de aproximadamente 25 rocam²⁷ lá na rua. Pensei imediatamente que estavam me procurando ou os caras da rua de cima. Passei por eles [os policiais] tranquilamente até que me disseram “*Você que é o Bira?*” Eu disse “*eu memo*”. Eles falaram “*Então vamos entra que tem maconha aí escondida!*”. Neste dia fui levado para fazer o boletim de ocorrência, porém sem maiores consequências, visto que era muito pequeno. Mas dessa última vez foi forte, afinal hoje sou adulto e portava mais de oito pedras de craque no bolso. Estava caminhando tranquilamente quando virei uma esquina e dei de frente com os policiais, que me bateram muito, apanhei bastante! Quando os avistei fiquei muito nervoso e me desesperei, sai correndo e tentei descer na mata, porque ali eles não iriam me encontrar mais, afinal é uma região de mato alto e nós da favela conhecemos bem, porém quem não reside ali, não conhece. Foi quando uma viatura acelerou e conseguiu me segurar, nesse momento conscientizei-me que tava perdido. A minha sorte foi que a minha mãe escutou a sirene e um grito que eu dei, saiu para a rua para avistar o que ocorria e neste momento não apanhei mais. Em seguida me conduziram ao Núcleo de Atendimento ao Adolescente Infrator.

Lá neste Núcleo é muito ruim, porque você não imagina para onde será encaminhado. Pode ser o Programa de Medida Socioeducativa, mas também pode ser a Fundação CASA, que é mais tenso. Neste dia fiquei por volta de duas horas lá, aguardando na sala a chegada da minha mãe e a ordem judicial.

Minha mãe nunca me perguntou de onde vinha aquele dinheiro todo que eu possuía, ela não queria saber de nada daquele mundo e como eu sempre fazia rolo²⁸ de bicicletas já avisava que tinha entrado um dinheiro maior, devido às vendas por mim realizadas. Nunca fiz meus erros dentro da minha casa, atendia tudo nas esquinas e quebradas, longe da minha residência e não permitia que ninguém da minha família

²⁷ Viatura policial.

²⁸ Rolo é entendido como venda, trocas, negociação.

soubesse de forma declarada por mim. Tudo corria normalmente até que um dia em que fui visto pela minha vizinha [que era nova na favela] vendendo drogas e me entregou para os policiais.

Até hoje não me arrependi de nada que fiz no crime, faria tudo de novo se o tempo voltasse, porque quem mora na favela sabe que não é fácil nossa vida e as escolhas que fazemos são oriundas das situações de vulnerabilidade social a qual somos expostos. Contudo na frente do juiz [em audiência] eu sempre afirmo que estou arrependido e que não quero mais essa vida, esse mundo ilícito. Mas isso é apenas um teatro de minha parte, para ele aliviar a pena, rs, pois não me arrependi não. Tudo o que conquistei na vida, foi com o meu trabalho... Para vocês é crime, mas para mim é trabalho. A única coisa que reconheço é que agora não posso fazer muitas coisas, pois em breve completarei a maioria e aí o problema é maior, tem a prisão de verdade. Vejo que logo terei que trabalhar mesmo, estou há muitos anos nessa vida.

Marcola

Entrei no corre tinba uns 10 ano.

Entrei porque eu quis entrá!

Morei na favela, moro na favela e

lá é assim! Sempre vi... eu quis entrá.

Num só santo disfarçado não,

só isso memo.

Diário de Campo

O Marcola foi a minha grande surpresa nesta coleta. Trabalho e pesquiso a temática há muitos anos, porém foi a primeira vez que senti intimidada com um jovem do Programa. Marcola iniciou nosso diálogo escolhendo seu nome fictício, afirmando que seu sonho é ser como o traficante Marcola, conhecido nacionalmente.

Ele usava muitas gírias e não dava muito espaço para eu questionar do que se tratava. Olhava sempre com um semblante bravo, olhar agressivo. Os demais jovens pouco conversavam com ele na academia. Estava sempre isolado e não dava abertura aos jovens.

Quando o convidei a participar da pesquisa me foi surpresa o seu aceite, assim como a própria equipe do Programa.

Marcola, 16 anos.

Nasci em São Carlos, nunca saí da cidade para nada, só esse é meu mundo. Não gosto de falar muito, sou objetivo nas minhas coisas. Tenho minha mãe e até conheci meu pai, porém nunca convivi com ele, pois está preso por várias coisas erradas que fez e fica em outro município, nunca fui vê-lo e nem desejo ver, ele é um estranho para mim. Além de minha mãe tenho mais quatro irmãos, só um mais novo que eu. Somos uma família grande.

Eu conduzo a minha vida de acordo com o que eu considero como certo. Uma das escolhas que fiz foi deixar meus estudos há tempos atrás, aproximadamente uns 3 anos. Na época estava cursando a oitava série do Ensino Fundamental, porém eu não gosto da escola, nunca gostei e tudo na escola é ruim para mim. Não gosto que ninguém me dê ordens, que diga o que eu tenho que fazer, que fale o que é certo ou não para mim. Apenas eu posso saber o que é bom ou não para mim e assumo qualquer consequência daquilo que eu escolher. Recordo que a única coisa que gostava da escola eram as meninas!

Eu sou da bagunça mesmo e assumo para qualquer pessoa, não fico de joguinho com ninguém, sou o que sou e ando de cabeça erguida. Entrei no corre aos 10 anos de idade e fiz isso porque eu quis fazer, ninguém me pressionou, impôs ou fez escolhas por mim. Também não vou colocar a culpa na pobreza da vida, sou pobre sim, moro na favela, mas a escolha foi minha e de mais ninguém. Na favela é assim mesmo, é comum essa vida de crime, só é estranho para quem nunca passou por lá. E quero destacar que não me faço de santo, não disfarço algo que não sou e nunca serei, eu não presto e pronto.

No corre eu ganho muito bem, mas é lógico que depende do dia, depende da semana, do movimento do comércio. Tem dias em que ganho uns 500 reais, outros dias menos, depende de vários fatores, entre eles o movimento, o meu horário de trabalho ou se tem viaturas policiais atrapalhando no dia.

Eu trafico e participo do corre, sem dó. Outra coisa que também faço é recuperar dívida, é assim: quando as pessoas devem para o tráfico não temos como chamar a polícia para resolver nossos problemas, também não temos nenhuma garantia de que

irão nos pagar, certo?! Então a nossa forma de cobrança é primeiro um aviso em que nós damos um prazo, depois disso, se não pagar ou der um sinal [valor financeiro] mostrando que irá saldar sua dívida, o devedor apanha da gente e, por fim, você já pode imaginar...

Eu já bati e muito! Eu bato por bater, bato porque eu quero, bato porque eu gosto, bato por prazer em ver o sofrimento do outro... quero ver sangue, muito sangue! E a pessoa pode até pedir para parar, mas eu nunca vou parar, isso eu faço bem e nunca paro, arrebento mesmo. Essa é uma das minhas funções, até mesmo pelo meu tamanho, tenho 16 anos, mas sou muito grande, forte e sei bater. Já recuperei muita dívida e os padrões ficam felizes comigo, trabalho muito bem.

Com as drogas eu apenas uso a maconha, a nine eu nunca quis. Lembro que tinha uns 11 anos quando comecei a usar a droga. Tiveram pessoas que me ofereceram, porém eu não quis, não aceitei. Em momento posterior eu mesmo fui na boca²⁹ e comprei, tinha o meu dinheiro para isso e fiz porque eu que quis usar e ninguém vai mandar em mim não.

Com o tráfico e o corre eu tenho minha independência, o meu dinheiro e eu gasto tudo em bailes funk, compro minha droga, umas roupas e, de vez em quando, ajudo em casa. Quem segura as pontas lá em casa é minha mãe, que é empregada doméstica registrada e a minha irmã que trabalha em uma lotérica, registrada também. São elas que mantêm a maioria dos gastos, que colocam a ordem e mantêm a limpeza da casa em dia. Mas elas não falam nada para mim, porque eu não admito, cuidam das minhas roupas, fazem minha comida e só.

Nessas idas e vindas eu estava tranquilo fazendo o meu serviço até que a polícia começou a cercar, não me pegariam de primeira porque eu sou rápido, esperto, vivido nesse mundo do crime e sei bem os caminhos para não ser pego. Eles [policiais] demoraram para conseguir me pegar e somente o conseguiram em um dia que estava *contando o b.o.*³⁰, estava muito tranquilo naquele dia e dei a oportunidade. Os policiais me bateram naquele dia e eu obviamente reagi, sou forte e tenho a minha honra, não poderia permitir levar a pior. Apanhei, mas revidei.

²⁹ Boca é um termo usado para se referir a local de tráfico de drogas.

³⁰ Contar b.o. significa mensurar quantas drogas você tem para a venda.

Bárbara

*Fui presa cinco vezes por tráfico
de drogas, mas só nessa última que eu cai.*

*Eu era do corre, comecei com 13 anos e
as drogas com 14 anos.*

*Eu entrei no corre porque eu achava legal, engraçado e
tem o status de ser menina no corre,
as pessoas passa a ter respeitá.*

Até tem umas meninas, mas é muito mais meninos lá.

*Eu comecei por livre e espontânea vontade, foi porque eu
quis, eu não precisava.*

Mas essa coisa do mundo do crime me fascinava!

*Primeiro eu comecei a vender droga na esquina, vendia a
noite inteira... aí depois de uns 5 meses
eu virei gerente da biquera...aí so ficava na minha casa
soltano a droga pros pessoal vende.*

Diário de Campo

Entrevistar a Bárbara foi um presente para mim. Enquanto pesquisadora em um espaço eminentemente masculino, ter a oportunidade de entrevistar uma jovem menina é sem dúvida uma excelente oportunidade de compreensão deste universo sobre outra perspectiva.

Tive com Bárbara uma afinidade imediata, um olhar cúmplice e, deste primeiro contato até a entrevista, foram poucos dias. Logo estávamos conversando sobre diversos assuntos.

Bárbara escolheu seu nome fictício afirmando ser um nome que escolheria para sua filha. Não se mostrou intimidada ou insegura em nenhum momento, narrava suas histórias com riqueza de detalhes, segurança e exatidão em datas e acontecimentos marcantes.

Bárbara deixou claro que se envolveu no mundo do crime por uma escolha, um desejo pelo perigo, uma vez que não havia necessidade econômica que justificasse suas atitudes. Segurança e maturidade foram aspectos marcantes de sua personalidade.

Bárbara, 16 anos.

A minha infância foi bem tranquila, sabe?! Eu tive milhares de amigos, brincava bastante, ia para a escola e era uma ótima aluna, tinha uma infância normal, com pai e mãe, uma família unida e feliz. Morei com minha família até os meus quatorze anos apenas. Meu pai é concursado no serviço de água e esgoto aqui do município e a minha mãe é costureira, também tenho irmãos, um mais velho e dois mais novos. Eles são todos bons, tranquilos, todos estudam, são bons alunos, o mais velho trabalha registrado. Meus pais sempre foram casados, mas quando eu tinha doze anos, eles se separaram e a minha vida mudou muito, nunca aceitei a separação deles, a divisão da família.

Segui com a minha vida, do meu jeito e guardava a minha dor só para mim. A primeira coisa que fiz foi parar de estudar no primeiro colegial, parei porque estava muito perdida no mundo do crime. E chegou uma hora que a escola perdeu a graça, o significado em minha vida e porque nunca gostei de estudar. Hoje quando eu penso no que eu gostava da escola só me vem à lembrança os meus amigos, os momentos de descontração e divertimento. Por vezes eu penso em voltar aos estudos, contudo necessito da vaga à noite, porém a diretora só me dará a vaga à noite se eu estiver trabalhando, por isso estou à procura de serviço.

Minha vida foi perfeita até os 12 anos, depois disso eu virei à cabeça, não conseguia aceitar a separação dos meus pais e aquilo me corroia por dentro, mas não os culpo pelos meus erros, não nasci na favela, nunca passei fome, nunca me faltou nada. Eu fui para o caminho do erro por minhas próprias atitudes e não por negligência familiar.

Entre para o corre aos 13 anos e para as drogas aos 14 anos. Comecei a usar drogas e logo estava dependente, da maconha conheci todos os tipos de drogas e fui para a cocaína que é a mais pesada, emagreci 7 quilos rapidamente, fui adoecendo e ficando fraca cada vez mais.

Eu decidi entrar no corre porque eu achava legal, engraçado e também tem o status de ser menina no corre, as pessoas passam a ter respeito, você vira celebridade. Até tem umas meninas, mas são poucas, tem muito mais meninos. Eu comecei por livre

e espontânea vontade, foi porque eu quis, desejei isso, eu não precisava por questões econômicas. Mas essa coisa do mundo do crime me fascinava, me seduzia!

No começo meus pais não imaginavam o que eu estava fazendo e com o passar do tempo eu já não ficava mais na minha casa, eu saía e voltava só depois de uma semana, duas semanas... Minha mãe sempre ia atrás de mim, ela ia à polícia, mas lá só pode prestar queixa após 48 horas de desaparecimento, ela não sabia mais o que fazer, passava noites me procurando, chorava muito. Um dia ela me levou ao Conselho Tutelar e eu fui presa pela primeira vez... na quarta vez que eu fui pega pela polícia eu já não morava mais com minha mãe. Ela sempre me buscava e eu voltava para casa, prometia mudanças que nunca realizei e, ao passar de alguns dias, começava a sair novamente e voltava toda aquela rotina de novo. Minha mãe sofreu muito, ela sempre perguntava se eu desejava ser internada, se queria uma ajuda profissional, mas sempre negava. Dizia que do mesmo jeito que eu comecei a usar droga eu iria parar um dia, mas quando eu quisesse.

Primeiro eu comecei a vender drogas na esquina, nas quebradas, vendia a noite inteira e após uns 5 meses me tornei gerente da biqueira³¹... aí só ficava na minha casa [que não a residência de minha mãe] entregando as drogas e tinha umas meninas que ficavam comigo, para o pessoal vender. Nessa loucura, começamos a ser seguidos e a apanhar da polícia.

Nessa época eu me casei [moraram juntos] com um traficante famoso na comunidade, um traficante dono de biqueira, que conheci aos 14 anos, quando já estava mais “alta” no crime. Ficamos juntos por aproximadamente seis meses e eu possuía muito respeito na favela por isso. A mulher no crime é até mais respeitada que qualquer homem ou cunhada³². Ele era bem mais velho, mas nunca quis saber a idade dele, não era afeto que nos unia, era o perigo e a afinidade para fazer coisas erradas e fixação pelo mundo do crime. Ficamos juntos até o dia em que ele foi preso e nunca mais quis saber dele depois desse acontecimento e ele faleceu na cadeia. Na quarta vez que fui abordada pela polícia estava com ele e invadiram a nossa casa, onde todos foram presos [havia amigos conosco] em flagrante, pois estávamos picando pedra. Pegaram tudo e bateram muito nesse dia.

³¹ Biqueira é uma derivação do termo boca, que significa ponto de venda de drogas.

³² Cunhada é uma gíria para se referir à esposa do chefe do tráfico.

Nessa fase toda a minha mãe sempre por perto tentava me apoiar, com bons conselhos e com seu amor incondicional nunca me abandonou. Não a ouvia e também não dava valor a este sentimento materno, pensava apenas a curto prazo, onde desejava usar drogas e correr riscos no mundo do crime. Meu pai estava mais distante, não apenas de mim, mas de meus irmãos também. E para a minha surpresa uma vez ele foi me buscar em uma biqueira, muito bravo e gritando com os traficantes que eu era a filha dele, obviamente que não deixaram entrar e bateram nele. Isso me fez muito mal, especialmente porque nunca imaginei que um dia meu pai pudesse se preocupar comigo a ponto de me buscar em um lugar como aquele. Essa atitude dele mexeu comigo e sei que foi a primeira vez de verdade que pensei em parar com tudo de errado a que estava envolvida.

Não vou ser hipócrita em dizer que o corre não me trouxe boas coisas, o dinheiro compra sonhos e isso seduz. O dinheiro do corre é bom, mas vai tudo embora fácil, porque é simplesmente para usar nessa loucura de vida. É raro encontrar pessoas que guardam o dinheiro e investem em uma casa ou algo que dê retorno financeiro futuramente. Eu ganhava uma média de 350 reais por dia, o que considero bastante dinheiro, mas tinha o aluguel da onde a gente morava, que também era meu local de trabalho [biqueira], água, força, eram muitos gastos além do uso pessoal de drogas. Nunca fiquei devendo a ninguém, tinha medo pois sei o que acontece, mas tem muita gente que deve e perde a vida por 30 reais, por dívida de drogas não há perdão nem acordo.

Fui presa por cinco vezes por tráfico de drogas, mas apenas nessa última eu fui levada pelos policiais. Apanhei muito, olha essa cicatriz no meu rosto! Eles me jogaram na parede, bateram mais no meu rosto. Neste dia estava descendo a rua com uma amiga e um amigo. Aí pararam duas viaturas e eu portava um pino³³ na boca, que era do meu uso pessoal. Eles [policiais] nos levaram na mesma hora, foi flagrante. Fui encaminhada para o plantão policial e fiquei das 10 horas da manhã até às 3 da madrugada, em seguida fui conduzida para o NAI, e lá fiquei até às 11 horas da manhã. Nesse período eles estavam à procura de minha mãe, afinal sou menor de idade. Minha mãe foi ao NAI e meu pai também e lá marcaram a audiência, no qual recebi seis meses de medida socioeducativa.

³³ Pino é uma cápsula plastificada, que dentro possui pó de cocaína.

Durante a audiência o juiz falava comigo e eu não dava atenção, estava mais preocupada pensando na quantidade de drogas que eu necessitava vender... era uma perda, pensava 24 horas por dia em drogas e crime. Só larguei da cocaína aqui no Programa de Medida Socioeducativa, pois depois de um tempo fui estudando e compreendendo o que essa droga faz com o corpo, a mente e a vida. Hoje eu decidi que não quero mais isso para mim, nem meu pai e minha mãe batiam em mim, porque a polícia iria bater?! Fui parando com a cocaína e outras drogas pesadas e não quero mais. A maconha eu confesso que ainda uso, mas é a cocaína que estraga, emagrece, enlouquece e mata.

Hoje afirmo que sai de vez do corre! Sou usuária de maconha ainda, mas eu diminuí bastante também. Antes quando eu acordava eu tinha que fumar um baseado, do contrário, ficava péssima; hoje acordo e não uso mais pela manhã, uso apenas uma vez ao dia. E agora to até pensando e deixar de vez, porque hoje eu acordei e não fumei até agora³⁴, uma glória.

Nessa história toda também tem o peso da pressão da minha namorada, que não quer em hipótese alguma que eu permaneça nesse mundo do crime, ela chegou a ameaçar me deixar se continuar com escolhas erradas. Estamos juntas há dois anos, ela é mais velha que eu, tem 28 anos, é uma mulher que me faz tão bem e por ela não tenho mais vontade de ficar nesse mundo criminoso. Vamos toda semana à igreja católica e nossa vida está caminhando bem, com honestidade. Moramos juntas, ela trabalha de garçom e eu não estou trabalhando agora, mas mantemos a nossa casa e somos felizes. Eu ainda tenho muitos pesadelos com as vivências passadas e, algumas vezes, acordo à noite chorando e ela sempre me acalma. Quando isso acontece eu fico com medo de sair a rua, e ela me traz aqui no Programa e fica me esperando do lado de fora, porque quer que eu cumpra toda a minha pena certinho e não quer que fique exposta na rua, com medo do meu passado.

Antigamente me relacionava com menina e com menino, comecei a namorar com 11 anos, mas com menino eu não gostava muito, era estranho para mim. Com a minha namorada me completei e ela deseja que eu pare com as drogas e está sendo por ela que eu desejo sair dessa vida. Eu ainda fumo com os amigos, sempre tem um que te

³⁴ A entrevista se deu por volta das 15 horas.

oferece droga de graça, afinal eu sou muito conhecida na comunidade e como fui do corre, sou respeitada, tenho uma história pesada.

Mas hoje sou outra pessoa, tenho bons sonhos, voltei a ter vida e desejo me formar em Direito e irei conseguir um dia, tenho certeza. Quando iniciei a Medida Socioeducativa ocupei a minha mente com as atividades que oficinas que participo e agora vislumbro outras possibilidades profissionais e escolhas mais prósperas e honestas.

Minha mãe conhece minha namorada, aceita minha condição homossexual, respeita e apoia. Minha mãe sempre foi meu alicerce e nos piores momentos da minha vida, estava lá, segurando forte a minha mão, mostrando que nem tudo estava perdido e que ela me amava de qualquer jeito, que se eu quisesse mudar ela me aceitaria de volta. Já o meu pai eu não sei ao certo como ficará a relação, pois ele é mais difícil, mais bravo e ficou muito revoltado com as minhas escolhas, mas aos poucos sinto que está voltando a me aceitar.

Yuri

*[...] eu gastava tudo na boate, no putero,
eu pegava as melhor mulher.
Sempre peguei. Eu gastava tudo, do jeito
que entrava, saia também...
comprava relógio, correntinha, roupa e tênis,
que eu gosto.*

Diário de Campo

Conheci o Yuri no primeiro dia da inserção ao Programa. Yuri, sempre muito educado, porém não gostava de conversar e permanecia sempre muito focado em suas coisas e atividades. Maduro em seus comportamentos, pouco se envolvia com os demais jovens em momentos de descontração ou músicas que alguns gostavam de cantar em conjunto.

Yuri deixou claro que não queria participar da entrevista e, naturalmente, o respeitei por isso. Todavia nasceu em nós uma amizade, aos poucos estávamos conversando, rindo, falando sobre diversos assuntos. Até que um dia o próprio Yuri me disse que gostaria de colaborar com meus estudos, porém não gostaria que eu gravasse a nossa entrevista, pois tinha receio do registro de sua voz.

Foi mais um momento gratificante no Programa, no qual consegui conquistar a confiança dos meus jovens, mediante minhas atitudes de respeito a todos.

Yuri pouco teve contato com sua mãe e pai, sendo criado por sua avó paterna, iniciou no mundo do crime muito pequeno, ainda uma criança, e toda a sua experiência de vida relaciona-se a este universo.

Yuri, 17 anos.

Eu sou livre, sou meu dono, sou do mundo! Esse sou eu!

Não fui criado pelos meus pais, eles até ficaram um tempo curto juntos, mas meu pai era da bagunça e não queria coisa séria e a minha também. Acho que foi um erro eles terem colocado uma criança no mundo, porque eles também eram muito jovens e queriam curtir as festas, as baladas e isso não combina com criança que chora e dá trabalho. Criança precisa de casa estruturada, de horários e de amor, e eles não tinham nada disso para ofertar a mim. Não os julgo, talvez eu fizesse o mesmo também, mas eu conheço o outro lado dessa história, afinal eu sou a criança que eles abandonaram emocionalmente.

Quando completei 2 anos minha mãe largou definitivamente do meu pai, digo definitivamente, pois eles se separavam e voltavam constantemente, era uma bagunça. E eu só chorava e queria a minha avó [paterna] que, na verdade, sempre cuidou de mim. Fiquei com ela e meu pai na mesma casa, porém meu pai era completamente ausente.

Para a minha maior tristeza minha avó faleceu no início deste ano e meu pai é evangélico e eu não gosto disso, não aceito. Aí por obra do destino agora tive que ficar provisoriamente na casa da minha mãe, mas só uns 2 meses no máximo, pois estou cumprindo a medida socioeducativa e preciso dar um tempo do meu bairro e dos meus irmãos³⁵ lá. Nunca morei com a minha mãe e não gosto nem de ir visitá-la.

Desde pequeno me viro sozinho, comecei com a vida pequeno, aos 9 anos trabalhava no corre e já ganhava bem, uns 1500 por dia, vendia o verdão³⁶ e usava muito também, com 14 anos já estava cheirando pó, a nine, mas parei agora, porque fica muito magrinho e as meninas não gostam.

Era um excelente funcionário, ganhava bem e um dos mais novos no corre. Por isso eu me tornei um dos protegidos dos caras, do chefe. Sempre tive maiores regalias e nada era a mim negado. E o que fazer com todo aquele dinheiro que eu ganhava? Não podia aparecer com tudo aquilo em casa, pois a minha avó, apesar de velhinha, poderia perceber e com a droga eu gastava, mas ainda assim sobrava muito dinheiro. Foi então

³⁵ Irmãos é um termo que ele usa para designar os amigos e parceiros do corre.

³⁶ Verdão é uma gíria para designar a maconha.

que os caras começaram a me levar para as boates, para gastar com mulheres e bebidas. Iniciei a minha vida sexual aos nove anos e com essa mesma idade estava viciado em drogas, mulheres e bebidas. Não conseguia ficar sem isso mais.

Eu gastava tudo, do jeito que entrava dinheiro, saia também. Comprava relógios, correntinhas, roupas, tênis. Nunca ajudei em casa, porque minha avó mantinha com a aposentadoria dela e meu pai, que começou a perceber a procedência do meu dinheiro, não aceitava nada por causa da religião.

Hoje eu uso só o back³⁷, quando estou estressado ou nervoso, por volta de 25 gramas ao dia, que gira em torno de umas cinco fumadas. A vida é sempre muito complicada, tem dias de muita tristeza e o back me alivia e não preciso descontar em ninguém os meus problemas, sou quieto. Como estou provisoriamente na casa da minha mãe só uso pela manhã, porque eu tenho minha irmãzinha de 6 anos, é pequena e é mulher e nesse horário ela tá na escola. Eu tenho que respeitar, né?! Meu irmão já é grande e também usa, mas nunca foi para o tráfico, para o corre.

No corre a vida é louca, conseguimos dinheiro rápido, mas não é “dinheiro fácil” como as pessoas falam por aí. Nós corremos risco de vida o tempo todo e não sabemos se vamos acordar no dia seguinte, vivemos o presente. E com isso não temos sonhos de vida, sonhar é coisa para quem é rico, não para aqueles que lutam todos os dias para sobreviver.

Quando os alemão³⁸ me pegaram estava sem documento aí concluíram que eu era maior de idade, pelo meu tamanho, me algemaram e conduziram até um posto policial. Justamente naquele dia não estava com drogas, tampouco fazendo o meu corre, estava sem nenhum envolvimento ilícito, somente perto dos caras.

Minha mãe sabe e não fala nada e nem pode porque é escolha minha e ela nem me criou, não tem nenhuma autoridade comigo. Minha irmãzinha é filha de um cara que ela foi morar junto e eu não aprovo essa relação e por motivos deles, se separaram. Eu sempre cuido dela, é minha irmã e é muito pequena, precisa de proteção e amor. Fico muito feliz que ela frequente a escola, apesar de eu mesmo ter abandonado os estudos no primeiro ano do ensino médio. Nunca gostei de escola, é chato e nada me atrai

³⁷ Gíria que designa maconha.

³⁸ Alemão é uma gíria que significa policial.

naquele espaço. Não possuo nenhuma recordação boa da escola, nada que eu pudesse dizer que mudou os meus pensamentos, nenhuma manifestação de carinho ou acolhimento. Considero a escola como um presídio.

Em breve vou trabalhar, pois vou completar 18 anos no mês que vem e se me pegam no corre, irei para a cadeia. Como fui pego deixei o corre e o tráfico, pois a minha maior preocupação é com a maioridade chegando e não desejo mais correr esse perigo. Não me arrependi de nada, mas para o juiz eu digo que arrependi para aliviar a minha situação, contudo faria tudo de novo se caso precisasse, mas agora preciso ficar esperto, pois não é mais a liberdade assistida que cumprirei.

Pretendo, após o cumprimento da medida, ir para alguma cidade vizinha por dois motivos: começar uma vida nova, onde não estou marcado e também porque não desejo ficar na casa com minha mãe.

Sei que meu padrinho irá me auxiliar nessa mudança. Ele é caminhoneiro e ganha bem e gosta de mim, sou um filho para ele. Mas também tenho outros padrinhos, os da vida, que me dão os back de graça, me dão as roupas que gosto e preciso, os tênis que quero, sou liso e eles gostam de mim.

Eduardo

*Eu pretendo volta pra terminá,
mas eu num gostava de lá, num gostava nada.
Ninguém gosta de escola, tava nem aí.
Estuda é ruim... a única coisa boa
era as menina...rs.*

Diário de Campo

Tive com o Eduardo uma entrevista mais longa, porém muito tranquila, sem receios ou inseguranças, aceitando participar da pesquisa logo que o convidei. Ao conhecer o Eduardo notei ser um jovem muito calmo, sorridente e que me surpreendeu ao falar que seria pai em pouco tempo, pois no momento da entrevista a sua namorada estava aos 8 meses de gestação.

Falávamos muito sobre a questão da gravidez e ele demonstrava seus medos e dúvidas sobre esta fase de sua vida. Nosso diálogo era sempre muito longo, sereno e com muito respeito.

Outro fator de destaque é que Eduardo tinha um emprego formal, como barman e registro em carteira. Porém como ele mesmo denomina, o mundo do crime é sedutor, o dinheiro é rápido e lá seria patrão e não mais empregado. Eduardo largou tudo para ser gerente de um ponto de venda de drogas.

Eduardo, 18 anos.

Eu não sei muito da minha infância, não tenho recordações boas nem ruins, simplesmente não me lembro. Sei que nasci em São Carlos-SP, mas nunca estive em outra cidade, nunca sai deste município. Tenho pai e mãe, mas moro só com a minha mãe hoje, porque meu pai mora em outra cidade, em Santa Eudóxia-SP. Tenho pouco diálogo com ele, somente uma vez ao ano nos vemos e considero que o fato de morarmos em casa separada nos afasta, porém não tenho mágoas dele, só sei que é alguém que não posso contar em caso de problemas e dificuldades.

Estava estudando direitinho, mas desisti da escola porque não gostava de nada daquele ambiente, nada me atraía na escola. Até que apareceu um emprego de barman em um restaurante de comida japonesa e o horário de trabalho era à noite. Trabalhava até de madrugada e descansava durante o dia, assim a escola ficou em segundo plano. Quando iniciei este trabalho não sabia fazer nada, mas os proprietários ofertaram cursos, fui aprendendo aos poucos e gostava do que fazia, pois era um trabalho leve, diferente do meu primeiro trabalho, que foi de ajudante em uma transportadora.

Esforçava-me muito e ganhava ao final do mês um salário pequeno, que não permitia ajudar em casa e satisfazer meus pequenos sonhos de consumo. Então só ajudava em casa, pois a fome vem primeiro e a minha vez nunca chegava.

Como tinha várias horas livres ao longo do dia, ficava com meus amigos lá no meu bairro. E meu primo pertence ao corre, bem como quase todos os meus amigos estão envolvidos com o mundo do crime. Assim nasceu a oportunidade, afinal não tinha muito o que fazer.

Da saída do restaurante para o corre e o tráfico de drogas foram poucos meses. Não fiquei muito tempo vendendo ou me arriscando na rua, sou mais rápido, esperto e me tornei o gerente da biqueira, que tem um status mais no crime.

O corre resolve rapidamente muito dos seus problemas, mas você tem que saber lidar com o risco e a possibilidade de ser pego a qualquer instante. Guardava as drogas e produtos sem procedência em casa, isso era algo que me incomodava, mas minha avó [estava morando com ela] nunca viu nada, tudo ficava escondido. Guardava em mochilas no meu quarto e quando a minha avó iria limpar o quarto, eu tirava e colocava

no telhado. A casa da minha avó é antiga e tem um tipo de uma casinha no telhado e eu colocava tudo lá.

Como minha avó ficava em casa o dia todo, começou a desconfiar, porque eles [os vendedores] iam buscar drogas o tempo todo comigo, em horários diferentes, ou seja, ao longo do dia e da noite tinham pessoas me chamando no portão. Porém nossas discussões nunca resultavam em nada, ela acusava e eu omitia.

Nesta rotina eu só ficava em casa e distribuía as drogas para os meninos que revendiam e a cada mil reais vendido em drogas, cem reais ficava comigo e a cada 50 gramas que eu picava³⁹, 50 reais era meu. Dessa forma, recebia uma média de 400 ou 450 reais ao dia, quase o meu salário de um mês no restaurante.

A primeira coisa que fazia ao receber meu dinheiro era ajudar a minha avó e a minha mãe, comprava todos os alimentos do mês, pagava as contas de aluguel, água, força e, posteriormente, gastava comigo. Gastava absolutamente tudo que ganhava, entrava e saía muito fácil. Na época que eu usava drogas, gastava com isso também, fumava e cheirava nine pesada. Também fazia academia, gastava com roupas caras, frequentava restaurantes, sorveterias, realizava vontades que sempre tive, mas que a situação econômica nunca me permitiu.

Sentia responsabilidade sobre o sustento da minha casa, da minha família. Também sinto gratidão por minha avó ter me criado para minha mãe trabalhar e gostaria de retribuir. E nessa vida complicada minha mãe, que se mudou para uma outra casa sozinha e me deixou com minha avó, nunca me perguntou de onde vinha o meu dinheiro...

Tudo corria bem até o momento em que os policiais me pegaram. Estava saindo de minha residência com mais de 3 mil reais de pó de cocaína na mochila, que encaminharia aos meninos para a venda. Ao virar a esquina me deparei com viaturas paradas ali no bairro, no qual os policiais estavam conversando e revistando pessoas. Fiquei desesperado com a possibilidade de ser pego e caminhei por eles e logo corri para o mato jogar tudo o que tinha na mochila e, com isso, tentar me desfazer da prova de tráfico. Eles desconfiaram, apontaram armas, me pegaram sem as drogas [já tinha

³⁹ Ele recebia a droga em grandes tabletes e as cortava em pequenos pedaços para a revenda.

jogado a cocaína] e mesmo assim me conduziram para a realização do boletim de ocorrência, pois sabiam que eu tinha esvaziado a mochila.

Recebi a medida socioeducativa e a minha avó me expulsou de casa na mesma hora. Como não tinha para onde ir, fui para a casa da minha mãe e essa foi a minha maior dor, pois fui criado pela minha avó, sempre morei com ela.

Hoje a minha vida está diferente, sofro em morar distante da casa onde fui criado e estou muito preocupado por estar sem emprego, pois a minha namorada de um ano de relacionamento engravidou. Ela também tem 18 anos e está de 8 meses de gestação. Tenho uma filhinha chegando, que se chamará Alice Gabriele. Agora estou feliz, mas quando descobri foi um susto muito grande.

Para o corre eu não desejo voltar mais, há dois meses me afastei completamente do corre, por causa da Alice. Preciso arrumar trabalho formal para sustentá-la. Estou procurando emprego e quando cumprir a minha medida socioeducativa seguirei o caminho correto, pois quero ver a minha filha crescer. Penso e priorizo ela, como nunca meus pais fizeram comigo. A Alice precisa de mim, eu vou ser o pai dela, tudo é pela Alice.

Luan

*Eu comecei a andá com uma turminha e
me envorvi com droga...mas com bastante memo, tudo
quanto é tipo.*

*Aí a policia me via e já pegava com droga,
sempre isso. Aí já pensava “que esse tanto
de droga?” Achava que já era do tráfico,
mas eu num era nessa época.*

Num tava no corre, eu só mexia com droga, muita droga.

*Eu usava tudo quanto é coisa, tudo!
Maconha, nine, crack, cola, lança
perfume... tudo.*

Diário de Campo

Conheci o Luan na porta da academia, que ainda estava fechada naquele dia, pois chegamos antes do horário. Ninguém nos apresentou... Conversamos naturalmente e logo estávamos em sintonia.

O Luan me pareceu um jovem muito sozinho, filho de pai alcoólatra e a mãe também ausente, que o deixou com a avó paterna e constituiu uma nova família, sem ele. Um menino muito religioso, que foi criado pela avó, com pouco estudo e até inocente em determinados momentos.

Luan é bastante expressivo, dono de um sorriso cativante, educado, humilde e que deixa claro a necessidade de trabalho, a presença religiosa em sua vida e o desejo de não mais infracionar, afastando-se das drogas.

Luan aceitou prontamente ao meu pedido de participar da pesquisa e toda semana me perguntava como estavam meus estudos, mostrando-se interessado.

Luan, 18 anos.

Sou muito simples e não sei ao certo quais as melhores palavras para me definir, para falar de mim, da minha história. Nasci em São Carlos e a minha infância não foi muito comum, mas foi boa. Tenho pai e mãe, mas eles são separados desde quando completei um ano apenas e, dessa forma, fui criado pela minha avó paterna. Meu pai é alcoólatra. Aí minha mãe, sem muita escolhas, se separou e foi embora comigo, mas com as dificuldades em cuidar de mim e ter que trabalhar ela me deixou com minha avó. Agradeço a Deus por isso.

Hoje minha mãe está casada com outro homem e teve mais dois filhos. Não convivo com eles, sei quem são, mas não os entendo como parte de minha família e não os vejo como irmãos, pois somos distantes. Considero como minha família somente a minha avó, que me criou frente todas às dificuldades.

Foi uma infância tranquila, brincava, frequentava a escola e minha avó estava sempre presente. Nessa época não possuía entendimento sobre a minha situação familiar e considerava normal morar distante de minha mãe e ver meu pai caído pelas calçadas. Minha avó tentava sempre amenizar tais situações e na infância eu realmente não absorvia os problemas.

Estudei até o oitavo ano completo e depois não estudei mais. Hoje penso em voltar apesar de não gostar de escola, mas não abandonei os estudos por ser vagabundo, pelo contrário, deixei de ir à escola porque estava trabalhando e os horários atrapalham a rotina escolar, porém gostaria muito de terminar o ensino médio.

Logo que completei meus 14 anos comecei a trabalhar em um supermercado, como pacoteiro e o que mais gostava eram as gorjetas, que no final do mês aumentava meu salário. Depois fui montar móveis, de uma empresa do Paraná, que atua aqui na região. Fiz cursos que os empregadores me deram gratuitamente e gostei da nova função. Hoje estou desempregado, mas à procura de emprego.

Com a saída da escola tive um tempo livre maior e comecei a andar com uma turminha nova e me envolvi rapidamente com drogas, com todos os tipos que você pode imaginar. Comecei a usar drogas com meus amigos, nós íamos para o pião⁴⁰ e na

⁴⁰ Pião é um termo para designar rolêzinho, passeio, bagunça.

bagunça entrava no uso. Tudo conspirava a favor, pois saía de casa e dizia a minha avó que estava trabalhando e para comprar as drogas também era tranquilo, afinal estava o trabalho me permitia ter um pouco de dinheiro no bolso. Com isso, a polícia via e abordava, nessas situações estava sempre com muita droga, que favorecia eles pensarem que eu participava do tráfico, entretanto eu não estava no tráfico nesta época, era tudo do meu próprio consumo. Nunca quis participar do corre, só mexia com drogas, muitas drogas. Eu usava tudo quanto é coisa, tudo! Maconha, nine, crack, cola, lança perfume... tudo!

Fui abordado pelos policiais diversas vezes, apanhei, até que me conduziram ao boletim de ocorrência pela quantidade absurda de drogas que portava. Minha audiência foi considerada tráfico apenas, porque eu nunca participei do corre. Sou gordinho, mas na fase da nine, fiquei muito magro... as drogas estavam acabando comigo. Ninguém pode imaginar a dor que dá por dentro, dá muita vergonha.

Até hoje meus amigos me convidam para voltar e afirmo que não quero, eles dizem “*Luan mudou de vida mesmo!*”. Eu afirmo que parei definitivamente com as drogas por 3 razões: Deus, minha avó e o Programa de Medidas Socioeducativas. A professora da academia gosta muito de todos nós e todo o pessoal do Programa me possibilitou reflexões e mudanças, me deram muita força nos momentos mais difíceis. Aprendi neste Programa a ter educação, respeito com o próximo, que o estudo é importante, que as drogas não conduzem a um bom caminho. Eu não desejo mais aquela vida, graças a Deus, nunca mais. Eu gosto de vir aqui, gosto do Programa, a presença deles daqui também é boa, pois reforça o bom caminho quando tenho momentos de fraqueza. Hoje percebo que se não tivesse cometido erros não teria conhecido essas pessoas tão especiais que trabalham aqui no Programa.

Fabinho

*[...] pro Juiz eu faço cara de bonzinho
e falo até que arrependi, pra não embaçar,
pra aliviar a pena, mas é só cara
de coitado mesmo.*

Diário de Campo

Fabinho é um jovem muito sério, calado e tem um olhar muito firme. Poucas vezes o vi sorrindo ou envolvido com os momentos de descontração. Ele é extremamente concentrado e educado com todos, formal nas relações interpessoais.

Conversávamos muito e ele sempre me perguntava se precisava de algo, demonstrando respeito e abertura para dialogarmos. Quando o convidei a participar da pesquisa ele aceitou prontamente, se mostrou feliz.

A entrevista começou com um ar tenso. Fabinho aceitou participar com naturalidade, contudo ele demonstrava cuidado com as palavras, pois ainda pertence ao tráfico de drogas e me disse isso sem ressalvas. Respondia monossilabicamente, como forma de se proteger e não deixar escapar alguma informação que pudesse comprometer. No início fiz várias perguntas, para motivá-lo a falar, sempre com temas relacionados à sua comunidade, escola, família e a medida socioeducativa.

Fabinho é um jovem seguro e afirma saber bem o que deseja, não cedendo espaço a sonhos ou ilusões. É muito prático quando explica que já passou fome e necessita ajudar a sua mãe a criar seus irmãos, portanto precisa trabalhar. O irmão dele é mais velho e também pertence ao tráfico, mas ele afirma que o irmão está dependente de drogas pesadas e, por isso, se perdeu. E a mãe conta com a maturidade de Fabinho para manter a casa e cuidar dos três filhos. É como se ele fosse o maior responsável pela família, aquele a quem a mãe recorre em todas as necessidades e demonstra também grande preocupação com a irmã mais nova. A mãe é muito jovem, com 30 anos de idade, no momento da entrevista.

Em alguns momentos, Fabinho compara a vida de trabalho que teve em um lava rápido com o tráfico, porém a necessidade financeira e as oscilações de emprego da mãe não o permitem outras escolhas, segundo ele.

Fabinho ficou visivelmente incomodado com o gravador. Portanto em um determinado momento eu o desliguei e conversamos muito mais, foi quando ele se soltou e falou mais tranquilamente. Ele autorizou a publicação de toda a entrevista, partes gravadas e outras não.

Fabinho, 16 anos.

Não me lembro da infância, penso às vezes que de tanta vontade de esquecer o que vivi, acabei esquecendo mesmo. Tenho um irmão mais velho, de 17 anos e uma irmã pequena, uma princesinha que ajudo a minha mãe criar. Meu irmão se perdeu nas drogas e no crime, não tem responsabilidade e dá muito trabalho. Dessa forma, na minha casa sou eu e minha mãe que cuidamos de tudo, apesar dela ser exigente, brava, ela recorre a mim em todas as circunstâncias.

Tenho um pai biológico, porém ele se separou de minha mãe quando eu era pequeno e ele nunca veio me ver, não me recordo dele e penso até que ele nem se lembra de mim, afinal era alcoólatra e estava perdido neste mundo de vícios.

Parei de estudar na sétima série, quando uma professora viu que estava usando maconha, fez muita pressão e no ano seguinte a Diretora disse que não havia mais vagas. Minha mãe foi na escola, implorou pela vaga, mas a Diretora foi irredutível e não permitiu que continuasse naquela escola, sendo que em outra também não poderia estudar, pois são distantes de minha residência e não possuía dinheiro para o transporte. Com esse peso nas costas eu tive que tomar uma atitude para resolver problemas familiares imediatos e entrei para o mundo do crime.

Com 12 anos iniciei nas drogas e aos 13 anos me tornei traficante e a policia me pegou com 50, 52 gramas de maconha, 3 pinos de cocaína e uns 150 reais em dinheiro. Aí já fui levado até o plantão, contataram a minha mãe e participamos da audiência e recebi a medida de socioeducação.

A droga eu uso regularmente, minha mãe sabe, mas não gosta, uso longe dela e, especialmente, longe de minha irmã. E o dinheiro para comprar eu consigo no corre, que participo, porém agora parei um pouco, pois tenho que cumprir a medida e também tenho um pouco de dinheiro que guardei.

No corre ganha-se muito, depende do acordo que você faz com o dono da biqueira, uns pagam melhor, outros nem tanto e eu, por exemplo, ganho por pacote, 50 reais a cada pacote de droga vendido. Tenho uma escala de trabalho de 4 horas diárias, das 18h às 22h, em que fico vendendo nas quebradas.

Com o dinheiro do corre sempre ajudei em casa, sou arrimo de família! Como neste momento estou um pouco afastado do crime, estou usando o dinheiro que sobrou

dos últimos trabalhos. Isso me preocupa, pois eu sempre comprei todos os alimentos, a mistura, iogurtes, lanches, pizzas, enfim coisas que todos nós temos vontade.

Consegui muitas coisas com o corre, na minha casa tenho vários relógios, pulseiras, que comprei na época do corre. Todavia eu sou diferente do meu irmão que logo que entrou no mundo do crime, se deixou levar pela cocaína e faz o corre sem nenhum preparo. Já eu sou bem quisto no tráfico, não uso nada quando estou vendendo, não me entrego à cocaína, que é muito pesada e sei participar do corre, manipulo armas, tenho experiência. Sou esperto, estou neste caminho há muito tempo e já até bati em muita gente que me devia e não pagava, pois essa é a lei! Se me devem não chamarei a polícia, certo?! Então vai na porrada mesmo, já arrebentei muita gente. Eu vendo, mas vai ter que me pagar, do contrário, vou bater sem dó. E para o juiz eu faço cara de bonzinho e falo que arrependi para aliviar a pena, mas é só cara de coitado mesmo, certa vez até simulei um choro, rs. E para sair com as meninas também tem que ter dinheiro, presentes, ursinhos, roupas, porque elas gostam e eu trabalho para isso também. Não usava droga na frente da minha ex namorada, mas ela sabia de tudo e eu mantinha ela financeiramente. Para isso, tem que trabalhar no corre, fazer o serviço certo.

Quando acabar a medida socioeducativa estarei mais aliviado e livre para voltar ao corre se quiser. Também poderei trabalhar com meu ex padrasto em um lava rápido, que é emprego honesto, porém lá ganha 30 reais por dia, frente a 150 reais no corre. Os dois únicos benefícios do lava rápido é que pagam o marmitex e não corre de polícia. Vou decidir com o tempo, quando acabar a medida socioeducativa, porque por enquanto estou amarrado aqui no Programa, perdendo tempo em que poderia estar vendendo drogas, resolvendo minhas prioridades financeiras, essa é a verdade.

Mateus

*[...] só mandei o outro robar...
Falei pro outro traze a moto pra mim,
ele robô e troxe... eu sabia que era risco.
Me arrependi, to fazeno LA,
to com nome sujo.*

Diário de Campo

Mateus é um jovem aparentemente tranquilo, que cumpre medida junto ao irmão mais novo. Conversa com todos, mas não fala sobre si.

Com o Mateus precisei fazer mais perguntas, pois ele pouco falava, não trazia grandes detalhes e sempre tinha uma justificativa para suas ações, por exemplo, afirmava ter deixado à escola por ter quebrado o pé e ter adquirido muitas faltas com isso. Com a medida socioeducativa, demonstrava que estava lá por ter sido inocente em comprar uma moto sem procedência. Em nenhum momento ele se mostrava autor de suas escolhas.

Relatou suas vivências e experiências de forma breve, sem grandes acontecimentos. Sua narrativa foi rápida, não dando margem a outras perguntas, dentro de uma ordem perfeita dos fatos. Ao conversar com Mateus notei claramente que ele possui um discurso pronto, portanto poderia ser eu, um juiz, uma assistente social, uma amiga, ele ia dizer as mesmas coisas, como forma de proteção.

Mateus, 17 anos.

Nasci em um bairro muito ruim, pobre e violento aqui de São Carlos, passei parte de minha infância neste local e depois minha família se mudou para outro bairro, onde permaneci até hoje. Meus pais são casados, porém meu pai já vinha de outro relacionamento, onde a primeira esposa dele faleceu. Dessa forma, são 15 filhos ao todo, tenho 14 irmãos. Os mais velhos foram casando e alguns foram morar em outros lugares, porque arrumaram emprego ou por brigar com meus pais.

A família deveria estar mais unida, mas são várias pessoas que mal cabem dentro da nossa casa, que é muito pequena e também muito humilde. Assim, todos trabalham, com exceção minha e do meu irmão que também está cumprindo medida socioeducativa, nós dois estamos sem rendimentos e, portanto, sem ajudar em casa. Eu aceitaria qualquer emprego, qualquer um, certa vez trabalhei com meu pai de servente de pedreiro.

Hoje desejo voltar a trabalhar honestamente e continuar meus estudos, que retomei depois que entrei no Programa e notei a importância dos estudos. Estou no último ano do ensino fundamental. Há um tempo atrás quebrei a perna e fiquei impossibilitado de ir a escola e, por isso, repeti por faltas e não voltei mais. Mas voltei agora e quero continuar, porque o estudo poderá auxiliar na conquista de um emprego.

Eu nunca participei do corre ou do tráfico, sou um menino honesto que está aqui neste Programa, mas nunca fiz nada de errado, apenas confiei em pessoas erradas. Meu desejo era ter uma moto para ir trabalhar e acabei por comprar uma moto roubada, estava andando e a polícia me pegou, com o veículo sem procedência. Estava andando na rua e a moto morreu, quando os policiais chegaram perto liguei o veículo e acelerei na tentativa de fugir com a moto, contudo eles chegaram antes e solicitaram os documentos, vendo que não possuía me conduziram para fazer o boletim de ocorrência.

Sei que não deveria dirigir sem carta de habilitação, porém sei dirigir porque meus amigos me ensinaram e como trabalhava com meu pai de servente, tinha dinheiro para manter a moto. Também sabia que a moto era roubada, mas eu não roubei nada, apenas disse para um amigo trazer a moto pra mim, ele roubou e trouxe, porém eu paguei por ela! Sabia que era arriscado, mas fiz e me arrependi.

Minha família ficou muito brava comigo porque entrei no Programa e sujei meu nome à toa, mas eu fiz apenas isso, não sou ladrão, não sou do corre, não trafico, não faço mal para ninguém.

Eu nunca peguei nada roubado nessa vida, nunca peguei o verdinho⁴¹, nem participei do tráfico, apesar de já ter sido chamado diversas vezes. Sei que o crime não compensa, pois vejo meus colegas presos, além do que meus pais não gostam disso, eles frequentam a igreja Assembleia de Deus e, algumas vezes, vou também, até gosto. Minha vida é tranquila, gosto de morar na minha comunidade, jogo bola, ando de bicicleta com meus amigos, agora estudo. Hoje meu sonho de ter uma moto ficou para o futuro, só quando completar a maioridade, tirar carta de habilitação e comprar, se eu estive trabalhando e se for limpo, roubado não mais.

⁴¹ Verdinho é uma gíria que designa maconha.

Igor

Roubei, né?! Peguei 157, que é robá

a mão armada.

Eu tinha a minha arma e tava precisano de

dinheiro...tava no corre, peguei e fui robá.

Eu escondia a arma no meu quarto, ninguém

sabia. Comecei no corre com 10 anos,

mas nessa época eu num robava,

só traficava.

Diário de Campo

Igor é um jovem esperto e muito atento a todos os acontecimentos ao seu redor. Está sempre olhando concentrado, prestando atenção nas conversas e seguindo um modelo de jovem que se arrependeu do erro e que deseja cumprir a medida e não voltar ao crime. Possui um discurso pronto com todos. Todavia na entrevista deixou claro que está cumprindo um papel social, para não ter maiores problemas com o juiz, nem com o Programa.

Consegui com Igor criar uma empatia e confiança. Ela sabia que poderia falar qualquer coisa para mim, que poderia ser verdadeiro que eu não iria expor isso.

Em sua narrativa foi claro comigo, disse que não iria mentir para mim e que a verdade é que ele conhece os riscos a que está sujeito e que não tem medo do mundo em que se envolveu. Afirmou que há uma segurança financeira no crime, que os parceiros da comunidade o protegem e se tiver que morrer, isso é tranquilo, uma consequência da vida que escolheu.

Igor, 17 anos.

Nasci em São Carlos e nunca sai desta cidade. Tenho minha mãe, já meu pai é falecido, tinha 7 anos quando ele faleceu, porém lembro dele com carinho. Tenho apenas um irmão mais novo e hoje moramos minha mãe, eu, meu irmão e minha avó.

Estudo à noite, estou no sétimo ano. Parei um tempão de estudar, porque não gosto de escola. Mas hoje eu vou porque não quero mais problemas com o juiz, quero cumprir minha medida socioeducativa e ficar em liberdade, sem maiores complicações com a Fundação Casa.

Entrei para o tráfico aos 10 anos de idade e para o corre aos 13 anos e até hoje ninguém havia me pego. Entrei no corre porque vi a fome chegando, precisava trabalhar e sei que o fato de ser menor de idade não acontece nada. Tive que entrar no corre, minha casa para sustentar e sou homem da casa, devido a morte do meu pai, assumi toda a responsabilidade.

Fui pego porque armaram uma tocaia, eram 3 horas da manhã, estava em uma rua sem saída, não tinha para onde fugir e apanhei. Peguei o artigo 157, que é roubo à mão armada. Sempre tive a minha arma e estava precisando de dinheiro, sou do corre e fui roubar, mas nós da minha turma do corre só roubamos de quem tem boas condições financeiras, os *playboys*, nós não roubamos de quem não tem condições, de quem é pobre, pois nos colocamos no lugar, os pobres são iguais a nós.

Com o meu dinheiro do tráfico e do corre eu comprava roupas, tênis, boné, minhas coisas e também as coisas de casa, comprava iogurte, refrigerante, mistura da semana, pois somos pobres e sou o filho mais velho, o homem da casa! Também comprava a maconha para meu uso, mas a nine nunca entrei não, porque sei que não presta, apenas atrasa a vida. Hoje larguei da maconha, mas sinto muita falta...

Minha mãe ganha pouco e as dificuldades financeiras eram constantes e me sentia muito mal por vê-la tentando sustentar a casa, sem a ajuda do meu pai, que o destino o levou de nós. Nunca deixei ela saber o que fazia, mentia e afirmava que tinha conseguido dinheiro emprestado, que havia ganho de amigos, que tinha feito pequenos bicos, essas coisas. Escondia a arma e as drogas no meu quarto, ninguém sabia.

Hoje quero cumprir minha medida socioeducativa e depois estou livre para fazer o que quiser, inclusive para voltar ao corre, pois conheço os caras e sei que o corre dá certo. Volto tranquilamente porque conheço todos os caminhos e riscos e não tenho medo de nada. O uso da arma é consequência do que eu faço, se os policiais pegarem vai dar prisão, se acontecer algum tiroteio é morte, já sei.

Rafa

*Das outra veiz fui pego, mai liberava.
Dessa veis num foi assim, me pegaro, dero um tapa na
cara e hoje to pagano L.A.
Melhor L.A. que fica preso na Fundação.
Hoje num quero mai, se oferece
vou deixa queto.*

Diário de Campo

Conheci o Rafa logo que ele entrou no Programa e convivemos por um bom tempo antes de ocorrer à entrevista. Ele sempre se mostrou interessado em participar, ficou feliz com o convite e aceitou tranquilamente.

No momento da entrevista o notei preocupado com algumas informações que ele queria não falar, portanto o deixei livre para dizer somente o que desejava. A narrativa deve ser uma escolha do jovem e não uma imposição, pois iria contra a toda a proposta metodológica da pesquisa. Também nunca desejei constranger nenhum dos jovens, pelo contrário, só desejava estar com eles, demonstrando respeito e confiança.

Rafa relatou somente o motivo oficial pelo qual estava cumprindo medida socioeducativa, não dando espaço para qualquer pergunta sobre tráfico ou uso de drogas, que ele sempre negava usar. Porém seus amigos falavam que ele escondia isso, que usava igual a todos.

Pude perceber no Rafa uma necessidade de afirmar que se envolveu com uma moto sem procedência e esse foi seu maior erro, não havendo nada mais que o desabonasse. Era como uma necessidade de afirmar esta narrativa para ele mesmo acreditar.

Rafa, 16 anos.

Sou de Araraquara-SP, município vizinho, mas hoje resido em São Carlos-SP. A minha infância foi boa, brincava, tinha muitos amigos, frequentava a escola direitinho. Tenho família, pai, mãe e a minha irmã mais velha dois anos.

Estudo no primeiro ano do Ensino Médio, contudo participo da bagunça e não levo a sério, como deveria. Teve um tempo em que parei com os estudos, mas voltei depois que recebi a medida socioeducativa, pois o juiz disse que era necessário e não quero mais problemas com a justiça, tenho medo.

Sempre fui encantado por velocidade, por motos e ganhei uma moto de um cara das quebradas. Como não poderia ficar com a moto, pois teria que dar satisfação aos meus pais, vendi a mesma para um jovem. O veículo não possuía documentação e logo a polícia pegou ele, que afirmou que fui eu que vendi, me entregou. O outro cara havia me dado para se livrar do problema e eu não pensei no que poderia acontecer e peguei no impulso. Para não dar problema em casa, para minha mãe não ver, dispensei rápido a moto. Não achei que era roubada, pois o cara falou que era de leilão. A vendi por 250 reais e fiquei com o dinheiro.

Tinha duas passagens pela polícia, uma de uma moto e outra de mobilete. A polícia me pegou andando e estava sem carta de habilitação, pois sou menor de idade. Foi a primeira vez neste Programa, pois nas outras vezes fui pego, mas liberto no mesmo dia, sem maiores problemas. Minha mãe ficava brava, falava que iria ser preso, mas nunca dei a devida importância, achava que nunca aconteceria isso comigo. Andava com os caras das quebradas e eles fazem isso tranquilamente e nunca vejo consequência a eles.

Foi apenas isso que fiz, aliás nem fiz nada de errado, apenas vendi a moto que desconhecia a procedência e vim parar aqui. Sou um bom menino, nunca usei drogas, nesse lado ruim não fui, apenas experimentei uma única vez, mas não gostei e deixei. Foi por isso que separei de algumas amizades, porque andar com algumas pessoas pode resultar nisso.

No Programa eu gosto de vir, faço academia e cursos de graça, aprendi que não é certo fazer determinadas coisas, pois podem surgir novos problemas judiciais. Por fim acabou tornando em algo bom para minha vida.

Hoje meu sonho é cumprir a medida, me livrar desse problema com o juiz e no futuro ter um emprego honesto e uma família. Se me oferecerem drogas ou algum trabalho no corre não aceitarei, quero distância desse mundo.

Léo

*[...] eu fui traficá e saí de casa de vez,
morava sozinho. E minha mãe num s
abia de nada do que eu fazia,
mas eu ia lá dá uma força
no barraco.*

Diário de Campo

Léo é um jovem menino que encontrou no mundo do tráfico e na namorada um apoio. Ele foi entregue oficialmente pela mãe à irmã de 19 anos para criá-lo, o pai se separou da mãe e nunca mais teve contato com ele. Ele a irmã, ainda jovem, moram sozinhos em uma casa improvisada. Todas as vezes que a mãe foi convocada a estar presente no Programa, foi a irmã que esteve lá, inclusive na audiência judicial. A mãe sempre é comunicada, porém ela mesma afirma que “*o Léo não é problema meu*”.

Há em Léo uma clara carência afetiva que ele deposita o tempo todo na namorada que o deixou e afirma que por ela, deixaria o tráfico. No mundo do crime ele afirma que encontra a forma de subsistência, já que o que a irmã ganha é pouco para os dois, como também encontra apoio, amigos e proteção.

Léo, 17 anos.

Nasci neste município, tenho pai e mãe, mas fico só com a minha irmã e a minha mãe, meu pai é chato, se separou da minha mãe quando eu ainda pequeno, mas não recordo a idade ao certo. A única coisa que sei é que ele paga pensão, porque pode ser preso do contrário, mas é só isso que eu sei, não sei valor da pensão, não sei nada dele, pois não nos vemos, ele nunca me visitou depois da separação. Tenho mais 5 irmãos, porém eu resido somente com minha irmã mais velha, de 19 anos, é ela que cuida de mim.

Fiz muita coisa errada, entrei para o tráfico e corre ainda na infância, sou usuário e a minha mãe quando descobriu não me quis mais na casa dela e me expulsou para não influenciar meus irmãos menores. Hoje sou somente eu e minha irmã no mundo... Ainda visito minha mãe e irmãos, gosto deles, mas sinto que deixei de ser filho dela, sou uma visita apenas, um estranho talvez.

Outra coisa que fiz que minha mãe não aceita foi parar com os estudos, parei na sexta série do ensino fundamental. No início deste ano retomei os estudos por causa do juiz e da pena que recebi, mas agora não estou frequentando mais, porque não gosto de escola, não me sinto bem naquele ambiente, não me concentro e não quero isso para a minha vida. A escola foi feita para quem tem dinheiro, família, tudo certo em casa, e não aquele que luta contra a fome, que vai para a escola com a barriga roncando de fome, que não tem livro nem caderno.

A vida sempre foi difícil e decidi entrar para o corre aos 15 anos de idade, mas já traficava antes, não me recordo da idade que iniciei o tráfico de drogas, tampouco quando me tornei usuário, parece que sempre existiu isso em minha vida. Minhas lembranças da infância são muito vagas...

Lembro que aos 16 anos já estava roubando portando armas. A vida de crime não permite sentimentos, nem de medo, tampouco de arrependimento, você vai e pronto. Reconheço que o corre me permitiu ter estabilidade econômica e não mais passar apertado junto a minha irmã, só sabe o que é a fome quem passa por ela, quem nunca passou por isso fala com preconceito e não imagina o que é. Muito fácil julgar a vida alheia, mas eu não nasci em família estruturada, com um pai e mãe em casa, me

esperando para a refeição. Fui criado para enfrentar a vida e nunca ninguém me protegeu, fiquei exposto a muitos riscos. Foi no corre para parar de passar necessidades e ganhei muito dinheiro, eram uma média de 60 reais por hora em dias trabalhados. Tinha dias em que não trabalhava e ficava sem receber, mas no outro dia pegava firme no meu emprego.

Gastava absolutamente tudo que ganhava, comprava drogas, roupas, alimentos, ajudava a minha irmã com os gastos da casa e também a minha mãe e irmãos. Nessa época morei sozinho por três meses em um barraco que minha avó havia abandonado e minha mãe ia me ver algumas vezes, mas sabia que essas visitas eram para conseguir dinheiro, que eu sempre dava... Ela não aceitava a minha vida no crime, mas recebia o dinheiro sabendo a procedência. Como estava sendo procurado pela polícia voltei para a casa da minha mãe, que teve medo e me entregou aos cuidados de minha irmã novamente.

A polícia estava a minha procura há algum tempo e em um roubo de uma casa fui pego em flagrante. Não tinha ninguém na casa, estava tudo certo, porém na saída os policiais estavam nos aguardando. Entrei no artigo 155, mas sei que no mundo do crime é assim mesmo, não me arrependo porque só roubo de quem tem bens materiais e poderão adquirir tudo novamente, seria errado se roubasse dos pobres, assim como eu e muitos do meu bairro, que sofrem pela pobreza da vida, que lutam para sustentar seus filhos.

Hoje sei que necessito cumprir a minha medida socioeducativa, pagar pelo meu erro, mas meu futuro é incerto, vai depender de muitas coisas, entre elas se conseguir voltar com a minha ex namorada. Se ela aceitar voltar comigo, deixo essa vida, mas se não der certo, aí só Deus que sabe. Ela [ex namorada] me disse que tem nojo do corre, do tráfico, das drogas, da maconha, na verdade ela sempre soube do meu envolvimento com tudo isso e sempre aceitou, o problema surgiu quando a mãe dela ficou sabendo e ela terminou comigo para evitar problemas familiares. Sofro muito com a ausência dela em minha vida, era meu porto seguro o afeto dela, era alguém que gostava de mim como eu era de verdade. Agora se ela voltar comigo afirmo que largo tudo, até diminui meu ritmo na maconha e usava muito, especialmente a nine. Hoje, se é que sonho existe, meu único sonho é voltar para minha ex namorada, ela se orgulhar de mim e

nada mais, pois sinto falta do afeto que tínhamos um pelo outro, dos momentos de desabafo, da amizade que tínhamos.

Como cumpro a medida socioeducativa e não posso me arriscar a receber novos boletins de ocorrência, me afastei do tráfico e do corre, consegui uns trabalhos de servente de pedreiro e estou conseguindo um pouco de dinheiro para me sustentar junto a minha irmã. Agora, quando reflito sobre o futuro, entrego tudo a Deus, meu mundão lá das quebradas é o que eu conheço, eu volto sem dó.

Yan

Robei para rodá com esse dinheiro...

compra as minha droga, roupa...

minhas coisa.

Diário de Campo

Yan é jovem atencioso, educado, concentrado nas atividades propostas pelo Programa e mantém uma boa relação com todos.

Yan se mostrou muito revoltado com a mudança de cidade dos pais e irmãos, sendo deixado na casa da avó paterna sozinho. Mostrava uma grande mágoa por isso, não entendia, tampouco aceitava a atitude dos pais. E foi por estar sozinho, com pouca vigilância da avó que afirma ter se envolvido com pessoas que usavam drogas, que traficavam e cometiam outros delitos.

As atitudes ilícitas de Yan foram uma forma de chamar a atenção dos pais e que de alguma forma deu certo, uma vez que sua família foi buscá-lo para viver com eles. A consequência disso é que ao voltar a residir com seus pais e irmãos já estava dependente das drogas e não conseguia mais ficar sem. Com isso, relata que encontrou no tráfico a forma de conseguir dinheiro para comprar a droga que usa, sem o conhecimento familiar.

Yan, 16 anos.

Sou de Mogi das Cruzes-SP e morei lá por volta de 8 anos, com meus pais em um apartamento, depois, por razões de desemprego dos meus pais, nos mudamos para Lorena-SP. No novo município morávamos eu, meu pai, minha mãe, meus dois irmãos e minha avó paterna, a casa era da minha avó.

Após uns anos meu avô materno faleceu e a minha mãe veio pra São Carlos-SP apoiar a minha avó materna. Frente à situação de desespero de minha avó, minha mãe optou por ficar com ela e arrumou um emprego. Em pouco tempo veio o meu pai e os meus irmãos mais novos e eu fiquei por lá com a minha avó paterna. Fiquei só, morando com ela, mas sentia muita falta dos meus pais, dos meus irmãos, sofri muito e não aceitava ser o escolhido para ficar longe deles, me senti abandonado.

Isso ocorreu há dois anos e fiquei com minha avó, pois na época não havia dinheiro para pagar a passagem. Eles vieram e logo foram procurar trabalho, não tinham nada em vista. Quando se acertaram foram me buscar em Lorena-SP, faz apenas cinco meses que eu estou morando com eles novamente.

Hoje a nossa vida está mais organizada, minha mãe trabalha na limpeza do Sesc, já meu pai trabalha com funilaria e pintura. Meus irmãos e eu estamos frequentando a escola, estou no primeiro ano do ensino médio. Sempre fui um bom aluno, até que fiquei sozinho em Lorena-SP e repeti de ano escolar, estava com muitas faltas e, conseqüentemente, notas ruins também. Afirmava para minha avó que iria a escola, saía de casa, mas seguia para a rua com meus amigos, não entrava na escola.

Nesta época comecei a usar drogas e aprontar muito, quando minha avó descobriu não me aceitou mais na casa dela. Eu usava maconha e andava com más companhias... no início minha avó não sabia de nada e ninguém me segurava.

Em Lorena-SP nunca participei do corre ou do tráfico, apenas usava drogas, não frequentava a escola, não fazia nada de útil. Lá eu nunca roubei nada, minha avó me dava um dinheirinho toda semana, porém fiquei viciado, dependente das drogas. Dessa forma, ao vir para São Carlos-SP me surgiu um problema: onde conseguiria dinheiro para comprar drogas e sustentar meu vício?

Ao retornar ao convívio com minha família me faltou dinheiro para as drogas, nessa medida, não enxerguei outro caminho para conseguir dinheiro sem a desconfiança de meus pais. Entrei no corre e fui uma única vez para roubar e a polícia me pegou de primeira.

Fui roubar um celular de um menino que estava caminhando na rua. Não estava armado, apenas o segurei e disse que era para dar o celular. Sai correndo e entrei no matagal em que já havia deixado minha bolsa, porém a polícia já estava atrás. Fui pego rapidamente e fui conduzido ao registro do boletim de ocorrência, fiquei um dia no NAI e no dia seguinte já tive a audiência judicial. Roubei para posteriormente vender o aparelho de celular e com esse dinheiro comprar drogas para meu uso.

Meus pais ficaram arrasados, não imaginam tal situação, especialmente porque nunca apareci em casa com objetos caros, afinal nunca participei do corre, esta foi a minha primeira participação. Com relação ao uso de drogas a minha mãe sabe, pois ela foi percebendo aos poucos algumas reações minhas. Ela não gosta, mas não tem como falar nada, só uso em casa e acredito que seja por isso que ela permite. Minha mãe ficou abalada com essa história toda. O meu pai falou menos, chorou ao me ver naquela situação, porque ele foi do corre antigamente, na juventude e na época eu era muito pequeno e não me lembro. Mas ele sempre me contou como era essa vida de crime e muitas coisas que ele fazia e isso sempre foi algo que mais me encantava do que causava repúdio.

Não desejo cumprir a medida socioeducativa e posteriormente voltar para o corre, isso não é vida, tenho medo. Apenas não sei o que fazer com meu vício, não fico sem a maconha.

Rogério

[...] era perigoso, mas e a fome?

D

Diário de Campo

Rogério tem um semblante de criança ainda, mas está perto de completar a maioridade já com seus 7 anos de trabalho no tráfico e no mundo do crime. É um jovem muito sozinho, que conhece a fome de perto, como ele mesmo afirma e tem a responsabilidade de ajudar a sua mãe nas contas da casa e a sustentar seus irmãos.

Deixou claro que sempre houve anuência de sua mãe quanto as suas atividades e ao uso de drogas, mas que não tem outro jeito, pois a mãe trabalha o dia todo, só o via à noite e não tinha como controlar ao longo do dia.

Rogério afirma claramente que na frente do juiz e no Programa faz um discurso de arrependido, porém quando cumprir toda a medida socioeducativa voltará ao mundo do crime, pois é a única segurança que tem. Por um lado fiquei feliz com sua sinceridade comigo, que reflete a confiança conquistada, todavia não é fácil ver um jovem em uma situação tão determinista.

Rogério, 17 anos.

Nasci em Porto Ferreira-SP e vim para São Carlos-SP há pouco tempo. Meus pais se separaram há muitos anos e, por isso, resido com minha mãe e um casal de irmãos.

Hoje estou estudando e frequentando a escola regularmente porque o juiz exigiu. Curso a oitava série do ensino fundamental, mas deveria estar mais adiantado pela minha idade, porém perdi uns anos, pois não gosto de ir para a escola e havia abandonado.

Entrei para o corre e tráfico aos 10 anos de idade e ninguém me convidou, eu conhecia os caras, sabia que era dinheiro certo e precisava disso. Traficava e fazia pequenos roubos, usava maconha e lança perfume, já a nine nunca usei. Não me considero viciado, tenho controle hoje. Nessa época ganhava muito bem, aos 10 anos eu ganhava o que muito adulto hoje não ganha, tinha mês que eram 1000 reais, tinha mês que eram 2000 reais e eu era uma criança ainda.

Gastava tudo, comprava roupas, tênis e também dava para a minha mãe manter a casa, com alimentação, pagando contas de água, força, aluguel. Minha mãe questionava de onde vinha aquele dinheiro e sempre falei a verdade. Sabia que ela se importava, tinha uma preocupação, porém não tinha argumentos contrários, era a fome falando mais alto. Ela dizia que era perigoso, mas e a fome? É muito triste quando um homem adulto abandona a esposa e os filhos, pois também era responsabilidade do meu pai a nossa criação. Ela não nos abandonou, mas sofreu muito para nos criar.

Os policiais estavam me procurando há algum tempo, pois eu já tinha passagem policial, mas que não resultou em nenhum processo por falta de provas. Aí eu fui para o corre e realizei um assalto a mão armada e fui pego no artigo 157. Assaltei um homem que tinha uma moto e exigi a entrega do veículo, o mesmo chamou a polícia, apresentou as minhas características, fui pego logo em seguida e o proprietário da moto me reconheceu.

Na audiência falei para o juiz que me arrependi, que nunca mais faria isso na vida, que foi um momento de desespero e a primeira vez que fiz isso na vida, simulei

um choro. Só disse isso para o juiz aliviar a minha pena, mas na verdade não me arrependi de nada, faria tudo novamente se o tempo voltasse.

Hoje estou temporariamente afastado do corre e do tráfico para cumprir a socioeducação e não receber mais boletins de ocorrência que podem atrapalhar no cumprimento da minha medida, contudo se estou sem trabalho, também estou sem receber e na minha casa isso já refletiu em contas atrasadas, geladeira vazia, é triste. Minha mãe, minha irmã e irmão trabalham honestamente e estão pagando as contas da forma que é possível, mas ganham muito pouco, não possuem estudos e isso reflete no salário baixo.

Minha família é toda certinha, apenas eu fui para o corre. Manipulo armas com segurança e experiência, afinal são 7 anos neste mundo do crime e os caras me ensinaram, mas também sou cobrador de dívidas, minha outra função no corre. Teve um rapaz que me devia 800 reais e dívida de droga não pode ser acordada, paga-se com a vida. Arrastamos o rapaz para a quadra, estávamos em quatro pessoas e batemos até quase a morte e isso já serve de exemplo para os demais que pensarem em não honrar com seus pagamentos, essa é a lei.

Gosto do que faço no tráfico e no corre e só venho no Programa de Medidas Socioeducativas porque é obrigado, reconheço que é legal até em alguns momentos, mas preferiria estar no meu trabalho, porque quanto mais trabalho, mais eu ganho e ajudo em casa.

Todo mundo tem vontade de trabalhar certinho, com carteira registrada, ser honesto, mas deixo isso para a minha mãe que já sofreu muito e não merece sofrer mais nessa vida, e eu não tenho sonhos. Confesso que já busquei ser honesto, procurei emprego, contudo pessoas como eu, simples, pobre, negro e sem estudo não conseguem, pois já somos julgados pela aparência e ninguém dá oportunidade de trabalho, só sobra o corre mesmo. Já me chamavam de bandido antes de ser, quando eu ainda nem sabia o que significava essa palavra.

Hoje se tiver oportunidade quando eu terminar a medida socioeducativa, voltarei para o tráfico e o corre... é lógico. Pelo menos resolvo os problemas da minha família e também sei quem são e do que são capazes as pessoas com as quais convivo. Esse

mundo de “*brancos*”⁴² você não pode confiar nunca, lá na favela quando alguém diz alguma coisa, ela cumpre. Se afirmar que irá te ajudar, você pode ficar tranquilo que será ajudado, mas com os “*brancos*” não é assim, são traiçoeiros.

⁴² Brancos é uma gíria para se referir a pessoas com posses, que não pertence a favela.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Tabela 1 - Perfil de Jovens em Conflito com a Lei em Regime Semi Aberto

	Data Nascimento	Infração ⁴³	Tipo de caso ⁴⁴	Procedência ⁴⁵	Trabalha	Escola	Naturalidade	Sexo
1	22/02/1998	27	P	VIJ	SIM	SIM	São Carlos - SP	M
2	24/06/1996	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
3	26/04/1996	23	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
4	01/11/1995	29	P	VIJ	SIM	SIM	Porto Ferreira - SP	M
5	23/08/1996	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	Lins – SP	M
6	08/01/1997	29	R	VIJ	SIM	SIM	São Carlos - SP	M
7	23/08/1995	29	P	VIJ	SIM	NÃO	Paçandu - PR	M
8	29/09/1997	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos – SP	M
9	23/09/1997	SI	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
10	10/02/1995	29	R	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
11	17/04/1995	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
12	16/09/1996	29	P	VIJ	SIM	SIM	Candiba - BA	M
13	18/09/1995	29	R	VIJ	NÃO	NÃO	São Paulo - SP	F
14	19/10/1998	29	R	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
15	24/12/1995	29	P	VIJ	SIM	NÃO	São José do Rio Preto – SP	M
16	13/09/1997	16	R	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
17	23/01/1997	26	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
18	04/11/1997	27	R	FC	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
19	30/06/1997	SI	R	FC	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
20	18/10/1995	10	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
21	11/02/1996	SI	R	VIJ	NÃO	SIM	SI	M

⁴³ Ver APÊNDICE B os números correspondentes à infração realizada.

⁴⁴ Tipo de caso: P – Primário / R – Reincidente.

⁴⁵ VIJ – Vara da Infância e Juventude / FC – Fundação Casa / SEMI – Regime Semi Aberto.

22	23/06/1997	SI	P	FC	NÃO	NÃO	São Paulo - SP	M
23	09/12/1997	SI	P	FC	NÃO	NÃO	São Paulo - SP	M
24	07/08/1996	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
25	21/10/1995	27	R	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
26	12/07/1994	16	P	VIJ	NÃO	NÃO	SI	M
27	25/09/1997	27	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
28	17/02/1998	29	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
29	05/01/1997	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
30	30/07/1994	10	P	VIJ	SIM	NÃO	São Carlos - SP	M
31	23/05/1996	27	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
32	08/09/1999	16	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
33	02/07/1997	29	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
34	18/05/1996	26	P	VIJ	SIM	NÃO	São Carlos - SP	M
35	09/05/1994	27	R	FC	NÃO	NÃO	São Paulo - SP	M
36	28/12/1996	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	Diadema - SP	F
37	04/11/1996	27	P	VIJ	SIM	NÃO	São Carlos - SP	M
38	31/07/1996	29	P	VIJ	SIM	SIM	Guarapuava -SP	M
39	20/05/1995	29	SI	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
40	26/11/1996	23	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
41	13/08/1995	29	R	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
42	11/05/1997	SI	P	FC	NÃO	SIM	Bambuú - MG	M
43	23/10/1997	16	P	VIJ	NÃO	SIM	Bambuú - MG	M
44	03/02/1997	SI	P	VIJ	NÃO	SIM	Bambuú - MG	M
45	25/06/1997	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
46	26/07/1996	22	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
47	31/07/1999	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	Ribeirão Bonito - SP	M
48	13/05/1997	29	P	VIJ	SIM	NÃO	Descalvado - SP	M
49	27/06/1996	29	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M

50	22/12/1996	22	P	VIJ	NÃO	NÃO	Descalvado - SP	M
51	18/10/1995	29	P	VIJ	SIM	SIM	São Carlos - SP	M
52	07/06/1995	16	R	VIJ	NÃO	NÃO	Monte Azul Paulista - SP	M
53	02/04/1998	23	R	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
54	29/07/1997	26	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
55	02/11/1996	29	P	FC	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
56	01/03/1996	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	Araraquara - SP	M
57	04/11/1995	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
58	06/09/1996	SI	P	VIJ	NÃO	NÃO	Itapira - SP	M
59	06/09/1996	SI	P	VIJ	NÃO	NÃO	Itapira - SP	M
60	15/11/1996	23	P	VIJ	SIM	SIM	São Carlos - SP	M
61	27/06/1996	16	R	VIJ	SIM	NÃO	São Carlos - SP	M
62	11/07/1995	29	R	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
63	25/01/1996	27	R	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	F
64	05/09/1998	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
65	25/01/1996	26	P	VIJ	NÃO	NÃO	Matão - SP	M
66	08/04/1997	23	P	VIJ	NÃO	NÃO	Jaú - SP	M
67	15/03/1996	30	P	FC	NÃO	SIM	Tambaú - SP	M
68	05/05/1998	29	P	VIJ	NÃO	SIM	Limeira - SP	M
69	18/12/1997	27	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
70	19/12/1994	27	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
71	17/04/1995	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	Araraquara - SP	M
72	15/02/1995	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
73	25/11/1999	29	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
74	22/11/1999	26	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
75	13/04/1996	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
76	17/05/1997	SI	R	VIJ	NÃO	NÃO	Dois Córregos - SP	M
77	19/12/1997	29	R	VIJ	NÃO	NÃO	Dois Córregos -	M

							SP	
78	22/05/1999	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	SI	M
79	24/05/1995	29	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
80	27/10/1996	27	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
81	23/02/1996	26	R	SEMI	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
82	16/10/1997	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
83	01/09/1996	SI	P	VIJ	SI	SI	São Carlos - SP	M
84	01/09/1996	SI	P	VIJ	SI	SI	São Carlos - SP	M
85	28/02/1999	29	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
86	06/12/1999	27	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
87	29/10/1996	27	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
88	30/10/1995	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
89	02/04/1996	26	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
90	07/07/1998	29	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
91	11/05/1997	12	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
92	16/11/1998	29	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Paulo - SP	M
93	16/11/1998	SI	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Paulo - SP	M
94	15/11/1997	27	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
95	02/08/1995	29	P	VIJ	SIM	NÃO	São Carlos - SP	M
96	23/10/1998	27	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Vicente -SP	M
97	12/07/1996	29	P	VIJ	SIM	SIM	São Carlos - SP	M
98	01/01/1997	13	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	F
99	10/07/1997	27	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
100	24/05/1996	29	P	VIJ	SIM	NÃO	São Carlos - SP	M
101	16/06/1995	27	R	FC	NÃO	NÃO	São Sebastião do Paraíso - MG	M
102	30/04/1997	16	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
103	02/01/1996	16	P	VIJ	NÃO	NÃO	São Carlos - SP	M
104	29/12/1994	26	P	FC	NÃO	SIM	São Paulo - SP	M
105	01/04/1997	SI	P	FC	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M

106	08/03/1997	SI	P	FC	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
107	08/11/1997	16	P	VIJ	NÃO	NÃO	Santa Bárbara D' Oeste - SP	M
108	31/12/1996	16	P	VIJ	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
109	14/11/1997	SI	P	FC	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M
110	07/02/1996	SI	P	FC	NÃO	SIM	São Carlos - SP	M

Fonte: Dados do Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, Prestação de Serviços a Comunidade e Liberdade Assistida (Janeiro, 2014).

APÊNDICE B

Quadro de Codificações das Infrações utilizadas e sistematizadas pela Fundação Casa. Este quadro de codificações é o modelo utilizado pelo Programa de Medidas Socioeducativas pesquisado.

Código	Infração	Inclusão de Infrações
01	Aborto	Aborto Aborto provocado por terceiros Tentativa de aborto
02	Ameaça	Ameaça
03	Apropriação Indébita	Apropriação indébita
04	Atentado Violento ao Pudor	Atentado violento ao pudor
05	Ato Obsceno	Ato obsceno em lugar público Atos libidinosos
06	Calúnia, difamação e Injúria	Calúnia Difamação Injúria
07	Dano	Dano Dano qualificado Depredação Pichação Vandalismo Desordem Provocar tumultos Tentativa de arrombamento Arrombamento
08	Desacato	
09	Descumprimento de Medida Judicial	
10	Dirigir sem Habilitação	Dirigir sem habilitação
11	Estelionato e Outras Fraudes	Estelionato Estelionato qualificado

		Tentativa de estelionato
12	Estupro	Estupro Tentativa de estupro
13	Extorsão	Extorsão Extorsão mediante sequestro
14	Falsidade Ideológica	
15	Formação de Bando ou Quadrilha	
16	Furto	Furto Furto qualificado Tentativa de furto Tentativa de furto qualificado
17	Homicídio Culposos	Homicídio culposos Tentativa de homicídio Homicídio simples
18	Homicídio Doloso	Homicídio doloso Homicídio qualificado
19	Infanticídio	Infanticídio
20	Latrocínio	Latrocínio Tentativo de latrocínio
21	Lesão Corporal	Agressão Lesão corporal Lesão corporal de natureza grave Lesão corporal culposa Lesão corporal dolosa Tentativa de agressão Lesão corporal seguida de morte
22	Porte de Arma	Porte de arma Disparo de arma de fogo
23	Porte ou Uso de Drogas	Porte de droga Uso de droga
24	Receptação	Receptação
25	Rixa	Rixa

26	Roubo Qualificado	Assalto qualificado Roubo qualificado
27	Roubo Simples	Assalto Roubo Tentativa de assalto Tentativa de roubo
28	Sequestro ou Cárcere Privado	Sequestro Tentativa de sequestro Rapto Rapto consensual
29	Tráfico de Drogas	Tráfico de drogas
30	Vias de Fato	
31	Violação de Domicílio	Violação de Domicílio
32	Uso de Documentos Falso	
33	Outros	Abandono de incapaz Embriaguez Maus tratos Omissão de socorro Periclitacão da vida e da saúde Perturbar o trabalho ou sossego Alheio Prostituição Sedução Apropriação de coisa achada Constrangimento ilegal Corrupção de menores Divulgação de segredo Escrita ou objeto obsceno Exposição ou abandono de recém nascido Vadiagem

APÊNDICE C

Modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue aos/as jovens inseridos no Programa de Medidas Socioeducativas.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356 CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você, _____, está o convidado a participar da pesquisa de Doutorado em Educação sob o título “Historias de Vida de Jovens Autores de Ato Infracional: o conflito é com a lei?”. A qualquer momento antes da conclusão deste você pode desistir de participar, sua recusa não trará nenhum prejuízo em relação a pesquisadora ou a instituição, a sua participação não é obrigatória. Os objetivos da pesquisa consistem em Investigar as condições presentes na vivência da juventude em conflito com a lei, buscando uma compreensão do ato infracional sob a perspectiva da história oral de vida dos jovens; compreender os significados atribuídos pelos jovens aos atos cometidos, por meio do procedimento metodológico da história oral de vida; refletir sobre o plano de cuidado elaborado pelas políticas públicas nacionais, por meio do Plano Nacional de Assistência Social e suas determinações previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – e Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE. A participação consistirá em conceder um diálogo com gravação de áudio e registros em diários de campo para uso exclusivamente acadêmico. Os desconfortos com a participação incidem nas possibilidades: relatar algo que, posteriormente, venha a julgar inadequado à divulgação e/ou não possuir tempo hábil para participar de entrevistas. Para minimizar tais riscos: as transcrições dos diálogos serão enviados a você e seu responsável, podendo a qualquer instante retirar, alterar ou complementar suas falas, para que não haja má descrição e/ou interpretação; os diálogos serão estabelecidas em horários que os sujeitos de pesquisa julgarem mais oportuno. Os procedimentos de segurança referem-se à garantia de privacidade durante sua participação, à preservação da identidade e à interrupção imediata do procedimento se algum participante solicitar. Concomitante, haverá benefícios: liberdade para se expressar; produzir conhecimento através da elaboração de críticas/sugestões sobre educação. Saliento que seu nome será

alterado garantindo sigilo. Você receberá uma cópia deste termo onde constam os dados documentais da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa. Assim sendo, o presente documento tem caráter de esclarecimento e informação sobre a pesquisa ao participante colaborador de autorização e consentimento do uso de todos os dados coletados, por meio dos instrumentos utilizados.

Nome e Assinatura da Pesquisadora

(RG: 32.333.548-2 / CPF: 29602120886 / Tel.: 33518356 / aluna regular do PPGE)

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. Declaro também que a pesquisadora informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar.

São Carlos, ____ / ____ / ____ .

Assinatura do Sujeito da Pesquisa

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

Assinatura do Responsável

(RG: _____ / CPF: _____ / Tel.: _____)

APÊNDICE D

Modelo da Carta de Aprovação da Textualização entregue aos/as jovens inseridos no Programa de Medidas Socioeducativas pesquisado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356 CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br

CARTA DE APROVAÇÃO - TEXTUALIZAÇÃO

Eu _____, R.G. nº _____, declaro aprovar a textualização do depoimento oral que concedi a Rubia Fernanda Quinelatto, R.G. nº 32333548-2, órgão expedidor _SSP/SP_, pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos, em __/__/2014 e cuja gravação foi em __/__/2014.

Aprovo que o texto anexo, por mim conferido e validado, possa ser utilizado para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro que não autorizo a identificação do meu nome como um dos colaboradores da pesquisa.

São Carlos, __/__/2014.

APÊNDICE E

Modelo da Carta de Aprovação da Transcrição entregue aos/as jovens inseridos no Programa de Medidas Socioeducativas pesquisado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel/Fax: (0xx16) 3351-8356 CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@power.ufscar.br

CARTA DE APROVAÇÃO - TRANSCRIÇÃO

Eu _____, R.G. nº _____, declaro aprovar a transcrição do depoimento oral que concedi a Rubia Fernanda Quinelatto, R.G. nº 32333548-2, órgão expedidor _SSP/SP_, pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos, em __/__/2014 e cuja gravação foi em __/__/2014.

Aprovo que o texto anexo, por mim conferido e validado, possa ser utilizado para fins de estudos acadêmicos e culturais no âmbito da educação.

Também declaro que não autorizo a identificação do meu nome como um dos colaboradores da pesquisa.

São Carlos, __/__/2014.

APÊNDICE F

Aprovação de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos.
Parecer favorável emitido em 18/12/2013.

Dados do Projeto de Pesquisa

Título da Pesquisa: HISTORIAS DE VIDA DE JOVENS AUTORES DE ATO INFRACIONAL - O CONFLITO É COM A LEI?

Pesquisador: Rubia Fernanda Quinelatto

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 24068313.7.0000.5504

Submetido em: 11/12/2013

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Situação: Aprovado

Localização atual do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Tramitação:

CEP Trâmite	Situação	Data Trâmite
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Submetido para avaliação do CEP	05/11/2013
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Rejeição do PP	08/11/2013
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Submetido para avaliação do CEP	28/11/2013
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Aceitação do PP	28/11/2013
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Parecer liberado	06/12/2013
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Submetido para avaliação do CEP	11/12/2013
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Aceitação do PP	12/12/2013
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar	Parecer liberado	18/12/2013